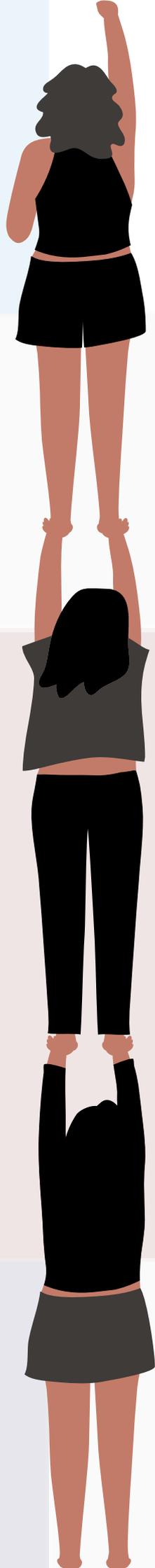


# MULHERES E O DIREITO À CIDADE:

Impacto do desenho urbano na  
violência de gênero diante a  
ocupação do  
espaço público



Laíssa Rocha Ramos



CENTRO UNIVERSITÁRIO  
UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

**LAÍSSA ROCHA RAMOS**

**MULHERES E O DIREITO À CIDADE:** Impacto do desenho urbano na violência de gênero diante a ocupação do espaço público

São Luís/MA

2020

LAÍSSA ROCHA RAMOS

**MULHERES E O DIREITO À CIDADE:** Impacto do desenho urbano na violência de gênero diante a ocupação do espaço público

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador(a): Prof. Me. Lena Carolina A. Fernandes Ribeiro.

São Luís/MA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Centro Universitário - UNDB / Biblioteca

Ramos, Laíssa Rocha

Mulheres e o direito à cidade: impacto do desenho urbano na violência de gênero diante a ocupação do espaço público / Laíssa Rocha Ramos. \_\_ São Luís, 2020.

104 f.

Orientador: Profa. Me. Lena Carolina A. Fernandes Ribeiro.

Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Curso de Arquitetura e Urbanismo – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, 2020.

I. Mulheres. 2. Espaço público. 3. Violência de gênero. I. Título.

LAÍSSA ROCHA RAMOS

**MULHERES E O DIREITO À CIDADE:** Impacto do desenho urbano na violência de gênero diante a ocupação do espaço público

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador(a): Prof. Me. Lena Carolina A. Fernandes Ribeiro.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Me. Lena Carolina A. Fernandes Ribeiro** (Orientadora)  
Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB

---

**Prof. Ma. Raíssa Muniz Pinto**  
Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB

---

**Arquiteta e Urbanista Luciana Martins Coelho Bringel**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela saúde, pelo companheirismo nos momentos que eu achei que estivesse sozinha, por sempre me dar força e por me fazer acreditar que no final tudo sempre dá certo, o senhor é bom demais.

Aos meus pais por sempre me proporcionarem as melhores condições de estudo e formação, mesmo sendo difícil, exigindo muita luta, nunca desistiram de mim e nem da minha irmã, nos ensinando que educação é o nosso maior bem.

A minha irmã que me diverte e me alegra nos momentos que eu mais preciso, sempre sabe o que dizer pra me fazer sorrir e é a minha melhor companhia nessa vida, muito obrigada, eu te amo.

Ao meu namorado, Vinicius Moraes, meu maior incentivador pra tudo que eu decida fazer, sempre acreditou em mim e me levantou nos momentos que eu não conseguia sozinha. Amo te amar e dividir todas as minhas conquistas contigo, vamos ter muito o que comemorar nessa vida ainda, te amo muito.

Aos meus amigos, meus irmãos de alma, Artur, Bruna, Camila, Ciro, Débora, Gabriel e Ian que me acompanham desde a infância, eu agradeço pela paciência em minhas ausências e estresses por conta do trabalho, obrigada por me ajudarem sempre, me apoiarem, incentivarem, me distraíndo quando necessário e me fazendo sorrir, suas palavras sempre me ajudaram, amo vocês e ainda teremos muitas conquistas em grupo pra comemorar.

Aos amigos de faculdade, meus companheiros nessa intensa jornada, posso dizer que: nossa turma é incrível. Vocês são pessoas sensacionais, de coração enorme e inteligência descomunal, grande parte da profissional que estou me formando é graças a vocês, obrigada por trazerem empatia, alegria, amizade e carinho ao longo desses 5 anos, nos vemos lá fora.

Em especial, queria agradecer e destacar minhas amigas Beatrice, Carolina Diniz, Carolina Plantier, Júlia, Nathália, Thiana e Waleska, pelo grupo que formamos. Vocês foram fundamentais nessa caminhada e me trouxeram os momentos mais divertidos ao longo desses 5 anos, além da amizade e companheirismo, cada uma tem um jeito especial de ser, que juntas se tornam perfeitas, amo vocês.

A Júlia e a Waleska, nunca pensei em encontrar duas irmãs de alma quando entrei na faculdade, mas nossos destinos estavam traçados desde antes. Queria agradecer pela irmandade de vocês, pelas nossas parcerias ao longo do curso e as futuras que ainda estão por vir, eu amo muito vocês e estou convicta que Deus nos colocou nesse curso com um propósito

maior. Sei que sozinha consigo muito, mas com vocês consigo muito mais, que nosso futuro seja brilhante assim como nossos sonhos juntas.

A minha orientadora, Lena Caroline, por todos os ensinamentos repassados e por ser um exemplo profissional, não só pra mim, mas pra toda a minha turma. Obrigada por me defender e apoiar em todas as situações, me corrigir quando necessário e por sempre me ajudar a engradecer academicamente no trabalho, a senhora foi fundamental.

Agradeço a todos aqueles que me deram a oportunidade de estagiar, principalmente a equipe de Arquitetura e Engenharia Segov, onde tive a oportunidade de começar a estagiar no 8º período e continuo desde então. Obrigada pessoal, por todos os ensinamentos, por toda confiança e apoio, vocês foram fundamentais para minha formação profissional, ganhei mais do que colegas de profissão, ganhei amigos.

Agradeço a todas as jovens mulheres que me cederam um pouco do seu tempo para ajudar a construir o resultado desse trabalho, participaram da oficina online e me deram resultados além do que eu esperava, vocês são incríveis, inteligentes e eu não poderia ter feito escolhas melhores para essa pesquisa: Beatrice, Bruna, Carolina Diniz, Débora, Emanuelle, Júlia, Lara, Nathália, Thamires, Thiana e Waleska.

## RESUMO

O presente trabalho visa analisar a vivência urbana da mulher, em especial no espaço urbano da cidade de São Luís-Ma. Busca-se também, compreender a influência do urbanismo na ocorrência dos crimes de gênero, além de trazer premissas urbanísticas sob a perspectiva de gênero que possam colaborar para uma cidade mais segura e democrática. Dessa forma, foi necessário compreender o processo responsável por gerar a violência de gênero. Foi imprescindível também ter o entendimento sobre o medo da mulher no espaço público e o desenho urbano. A metodologia utilizada teve uma abordagem quantitativa a partir de uma pesquisa aplicada, de forma quantitativa, em que serão quantificados os dados para resolver o problema da pesquisa e o objetivo descritivo. Para tanto, utilizou-se de pesquisas bibliográficas, sites, artigos, dados recolhidos na delegacia especial de atendimento à mulher, confecção de mapas, gráficos, questionários e uma oficina participativa virtual como procedimento metodológico para que fosse possível compreender a dinâmica estabelecida pelas mulheres no campo empírico citado, se sustentando no método hipotético-dedutivo. Essa oficina virtual foi realizada com a colaboração de mulheres entre 18 e 25 anos, com diferentes vivências e experiências na cidade de São Luís, com as quais se elaborou desenhos e levantamentos de dados essenciais para a pesquisa, intervenções participativas e perceptivas.

**Palavras-chave:** Violência de gênero. Medo. Espaço público.

## **ABSTRACT**

The present work aims to analyze the urban experience of women, especially in the urban space of the city of São Luís-Ma. It also seeks to understand the influence of urbanism in the occurrence of gender crimes, in addition to bringing urban assumptions from a gender perspective that can collaborate for a safer and more democratic city. Thus, it was necessary to understand the process responsible for generating gender violence. It was also essential to have an understanding of the fear of women in the public space and urban design. The methodology used had a quantitative approach based on applied research, in a quantitative manner, in which data will be quantified to solve the research problem and the descriptive objective. For that, we used bibliographic research, websites, articles, data collected in the special police station for women, making maps, graphs, questionnaires and a virtual interactive workshop as the methodological procedure, so that it was possible to understand the dynamics established by women in the empirical field cited, based on the hypothetical-deductive method. This virtual workshop was carried out with the collaboration of women between 18 and 25 years old, with different experiences and experiences in the city of São Luís, with which drawings and surveys of essential data for research, participatory and perceptual interventions were elaborated.

**Keywords:** Gender violence. Fear. Public place.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1- Afazeres domésticos e cuidados de pessoas em 2018 .....	29
Figura 2- Modulor .....	32
Figura 3 - Pesquisa SIPS – IPEA, 2012. ....	36
Figura 4- Imagem do filme Sob constante ameaça .....	36
Figura 5 - Cena do filme Sob constante ameaça .....	38
Figura 6 - Lambe Lambe feito para a 3ª edição da Mostra de Arquitetura para Curitiba .....	40
Figura 7 - Maquete Ville Radieuse (Cidade Radiante) .....	45
Figura 8 - Perspectiva feita por Le Corbusier .....	45
Figura 9 - Quadras curtas ilustradas por Jane Jacobs .....	49
Figura 10 - Fotografia ilustrada no livro Cidade para pessoas .....	50
Figura 11 - Ilustração feita por Jan Gehl em seu livro Cidade para pessoas .....	51
Figura 12 - Imagem das sacadas de Estocolmo, Suécia .....	52
Figura 13 - Exemplo de análise em uma rua que incorpora os conceitos de CPTED .....	57
Figura 14 - Mapeamento formulado no aplicativo Safetipin .....	60
Figura 15 - Imagem do aplicativo no celular .....	61
Figura 16 - Funcionamento do aplicativo .....	62
Figura 17 - Ficha de dados gerais.....	66
Figura 18 - Ficha de visitas a campo.....	67
Figura 19 - Mapa de análise .....	68
Figura 20 - Mapa de análise .....	68
Figura 21 - Tabela de conclusões .....	69
Figura 22 - Tabela de conclusões.....	69
Figura 23 - Foto de passagem subterrânea na Rua Goiás, Rio de Janeiro, por Eduardo Nadar, utilizada na pesquisa Cidade: Substantivo feminino com intervenções da autora Isabela Pessini .....	71
Figura 24 - Quantitativo dos crimes por bairros.....	72
Figura 25 - Mapas de calor e gráficos representativos dos crimes de estupro em São Luís/MA .....	73
Figura 26 - Visão macro do município de São Luís/MA .....	74
Figura 27 - Metodologia apresentada para as participantes .....	77
Figura 28 - Modelo de questionário aplicado.....	79

Figura 29 - Intervenção no trecho do São Francisco.....	86
Figura 30 - Intervenção no trecho do Jardim Eldorado.....	86
Figura 31 - Intervenção no trecho da rua Oswaldo Cruz, Centro.....	87
Figura 32 - Intervenção no trecho da Litorânea.....	88
Figura 33 - Intervenção no trecho da UEMA.....	88
Figura 34 - Intervenção no trecho do Cohafuma.....	89
Figura 35 - Intervenção no trecho do Cohatrac.....	89
Figura 36 - Intervenção no trecho do Olho D'água.....	90
Figura 37 - Intervenção no trecho do Mirante da Lagoa da Jansen.....	90
Figura 38 - Intervenção no trecho da Av. Prof. Mário Meireles na Lagoa da Jansen.....	91
Figura 39 - Intervenção no trecho do São Cristovão.....	92
Figura 40 - Intervenção no trecho do Vinhais.....	92

## **TABELAS**

Tabela 1 - Mudança de comportamento por motivo de segurança.....	43
Tabela 2 - Sugestões para aumentar a segurança das mulheres no espaço público.....	43
Tabela 3 - Abuso policial de acordo com a localidade.....	44
Tabela 5 - Quantitativo dos crimes por horários.....	73

## **GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Idade das participantes.....	81
Gráfico 2 - Receios ao caminhar pelo trecho escolhido.....	81
Gráfico 3 - Medo ao caminhar pela rua.....	82
Gráfico 4 - Evitar andar pela rua à noite.....	82
Gráfico 5 - Mudança de trajeto por medo.....	83
Gráfico 6 - Casos de violência urbana nas participantes.....	83
Gráfico 7 - Medo da figura masculina durante o percurso em ruas da cidade.....	84
Gráfico 8 - Iluminação pública como fator determinante para o medo em espaços públicos..	84
Gráfico 9 - Sensação de segurança entre carros e pessoas.....	85

Gráfico 10 - Sensação de segurança por meio de uso misto .....	85
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIOPS	Centro Integrado de Operações de Segurança
CPTED	Crime Prevention Through Environmental Design
FAU-USP	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
IMESC	Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MA	Maranhão
OD	Pesquisa Origem e Destino
ONG	Organização não governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
SEMU	Secretária da Mulher
SMDU	Secretária Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano
SSP-MA	Secretaria de Segurança Pública do Maranhão
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2 DIREITO À CIDADE: uma visão por gênero</b> .....	20
<b>2.1 Um olhar sobre o espaço público, o medo e a mulher</b> .....	20
2.1.1 Espaço público.....	20
2.1.2 Medo.....	22
2.1.3 A mulher.....	23
<b>2.2 A cidade contemporânea e capitalista</b> .....	24
<b>2.3 O planejamento urbano a partir da perspectiva de gênero</b> .....	27
2.3.1 Deslocamentos poligonais .....	31
<b>2.4 Sobre espaço e gênero</b> .....	34
<b>3 UMA VISÃO SOBRE O MEDO DAS MULHERES NOS ESPAÇOS PÚBLICOS</b> .....	36
<b>3.1 A segurança em meio ao desenho urbano</b> .....	44
<b>3.2 A segurança é fundamental para inclusão</b> .....	59
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	63
<b>4.1 A estruturação da pesquisa</b> .....	63
<b>4.2 Referências da pesquisa metodológica</b> .....	64
<b>4.3 Construção da pesquisa metodológica</b> .....	71
<b>5 POR ONDE E COMO DEVEM ANDAR AS MULHERES NOS BAIRROS DE SÃO LUÍS/MA</b> .....	76
<b>5.1 A oficina</b> .....	76
<b>5.2 Percursos (in)seguros para as mulheres de São Luís/MA</b> .....	86
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	93
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	96
<b>APÊNDICES</b> .....	101

## 1 INTRODUÇÃO

Por muitos séculos, a presença feminina esteve diretamente ligada aos afazeres domésticos. No entanto, com o crescimento das conquistas femininas, as mulheres estão cada vez mais se apropriando de seu espaço na cidade. Entretanto, é preciso ressaltar que esse espaço ainda possui bastantes restrições, em decorrência da sensação de insegurança nos locais públicos. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, a cada 11 minutos são registrados um caso de estupro. Calcula-se que o Brasil tem uma taxa de quase meio milhão de estupros por ano. De acordo com dados do Centro Integrado de Operações de Segurança (CIOPS), da Secretaria de Segurança Pública do Maranhão (SSP-MA), foram registrados 106 casos de estupro, 7396 casos de lesão corporal e 58 casos de homicídio contra a mulher na região metropolitana de São Luís/MA, ocorridos entre janeiro de 2016 e abril de 2018.

Com base nos inquéritos instaurados na delegacia da mulher, na Casa da Mulher Brasileira, foram registrados no estado do Maranhão, no ano de 2019, 365 casos de violência de gênero, dos quais se destacam os crimes de importunação sexual e de estupro. Destes, foram registrados em São Luís/MA, 37 casos de estupro e 28 casos de importunação sexual em espaços públicos. A luta feminina por igualdade e respeito é diária, em todos os seus contextos, quer seja dentro de casa, no âmbito profissional e nos espaços públicos.

Diante disto, não parece incorreto pressupor que essa desigualdade é reflexo da produção dos espaços que não são projetados de forma imparcial, mas, sim, construídos pelos olhos e mãos do patriarcado e do capital, os quais, acabam por assumir o papel de agentes na manutenção das violências enfrentadas pelas mulheres, que, ocasionalmente, são frutos desse sistema.

É sentença corriqueira em estudos e pesquisas nacionais e internacionais que as mulheres sentem mais medo que os homens nos espaços públicos. Os primeiros planejadores urbanos, construtores e urbanistas foram homens. De acordo com o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (2015), ainda que atualmente haja no Brasil uma prevalência de arquitetas e urbanistas, representando 61% do total de profissionais em atividade no país, contra 39% de homens, a lógica e métrica urbanística ainda continua sendo pensada pelo sujeito masculino.

Ademais, o boletim Informes Urbanos, da Secretária Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano (SMDU), ao utilizar dados de 2017 da Pesquisa Origem e Destino (OD), revelou que o índice de mobilidade (número médio de viagens) é maior entre os homens (2,23) do que entre as mulheres (2,02) (OD apud BONDUKI, 2020).

Bonduki (2020) afirma que, a tradicional divisão sexual ainda predomina: os homens se deslocam mais do que as mulheres para o trabalho (50% contra 39%), enquanto que as mulheres fazem mais viagens por motivo de compras domésticas, de educação, de saúde e de transporte de filhos para escola. Mesmo trabalhando fora, as mulheres cumprem, em média, 8,2 horas a mais em obrigações domésticas do que os homens, segundo dados do IBGE (2018, p. 09).

As mulheres ocupam os espaços públicos de forma diferente, entretanto, a urbe não está preparada para isso. Em outras palavras, sendo a cidade o espaço de convivência humana que promete o desenvolvimento social e econômico, o acesso ao lazer, à habitação, serviços, trabalho e circulação livre, seria natural que todos os segmentos sociais fizessem parte da sua concepção, garantindo, assim, maior atendimento às demandas individuais e coletivas que se apresentam. Infelizmente, não é o que se apresenta, pois somente seria possível tal realização se os agrupamentos humanos que se reúnem nas cidades estivessem calcados em bases solidárias de promoção da justiça social, com igualdade de oportunidades para todos e todas.

O medo das mulheres “tem gênero”, no sentido que se baseia em sentimentos de vulnerabilidade frente aos homens, visto que está marcado pela ameaça de delitos relacionados com o sexo. Além disso, o medo que o sujeito feminino sente está especializado, visto que suas percepções de perigo tem uma geografia específica e isso pode determinar seus movimentos rotineiros no espaço urbano.

Para que a cidade seja funcional à mulher, é preciso que a presença feminina seja percebida, o que envolve permitir sua participação nos espaços decisórios sobre o desenho, o uso e ocupação da cidade. As cidades têm uma significativa relação com o uso e a ocupação que o mundo masculino faz delas. Foram idealizadas e erguidas dentro da perspectiva masculina, e, nessa órbita, a presença da mulher foi e, por vezes, ainda é ignorada, desconsiderando suas opiniões e escolhas sobre que forma e função os espaços públicos teriam e como seriam acessados.

Diante disto, objetivo principal do presente estudo consiste em compreender como a relação entre os aspectos espaciais e sociais influenciam na ocupação das mulheres no espaço público, na cidade de São Luís/MA. Além disso, esta pesquisa pretende reconhecer a influência do desenho urbano e violência de gênero, em face ao espaço que o sujeito feminino ocupa na cidade, bem como pretende investigar as características espaciais de certos locais abertos à circulação pública e os aspectos sociais que influenciam no medo de transitar por determinados espaços públicos e a sua relação em meio aos bairros com maiores índices de violência de gênero em São Luís/MA. Por derradeiro, pretende-se compreender por quais razões as cidades

feitas para mulheres são mais igualitárias, tomando como pesquisas teóricas e empíricas de autores e autoras renomadas, como Jane Jacobs.

Falas como “isso não é hora de menina estar na rua” já foram muito pronunciadas por anciãs quando começava a anoitecer. Sendo assim, a recomendação de não andar sozinha a noite era sempre acatada, afinal, para as mulheres mais velhas, que quando jovem andavam na rua sempre sob a proteção de um homem, observar uma menina mais nova transitando sem qualquer companhia, principalmente durante o período noturno, era um fato preocupante.

Hoje, da mesma forma, ainda é possível perceber que muitas mulheres evitam circular desacompanhadas por determinados espaços públicos ao anoitecer. A este respeito, a “entrevista com 2.590 mulheres, realizada pelo filme ‘Sob constante ameaça’ (dirigido por Andrea Dip e Guilherme Peters), revelou que 93% das mulheres evita andar após o anoitecer, enquanto que 63% já mudou seu trajeto por temer violência de gênero” (DIP apud BONDUKI, 2020, p. 02).

Em uma pesquisa sobre a mobilidade dos estudantes, coordenada pela Profa. Paula Santoro, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, foi possível perceber que “a violência de gênero restringe a mobilidade e a liberdade das mulheres, exigindo escolhas como evitar certos pontos de ônibus, linhas ou horários, pensar na roupa a vestir e onde se sentar dentro do ônibus” (BONDUKI, 2020, p. 03). Ademais, a referida pesquisa demonstra ainda que “as mulheres, quando não se adequam às restrições, não vão a determinados lugares, gerando situações de imobilidade” (BONDUKI, 2020, p. 03). E isto, de certo modo, faz com que seja assimilada e propagada pensamentos do tipo: “mulher andando sozinha à noite. Você só precisa estar ali, seu corpo ali à noite já é errado, já é estranho” (DIP, 2018, p. 09).

Assim, no desenvolvimento do projeto do trabalho de conclusão de curso, cujo tema foi *Mulheres e o direito à cidade*, percebeu-se que tais preocupações não eram apenas restringidas ao século passado. A rua, a escuridão, a presença masculina, com maior ou menor intensidade, favorece o medo ao espaço público, fator este constante no cotidiano das mulheres. Ademais, discutiu-se no referido projeto que estar em companhia de um conhecido transmite não apenas uma sensação de segurança, mas, também, uma condição de mobilidade e acesso aos seus direitos na cidade.

Organizações como a ONU Mulheres (2018) e a ActionAid (2016), reafirmam ao colocar o medo como um limitante de usos dos espaços públicos, ocasionando “normas” gerais de horários e locais “proibidos” e “permitidos” em determinadas partes da cidade. Taylor

(2011), por sua vez, aduz que o medo da violência restringe o movimento da mulher, limitando o uso dos espaços e a movimentação de suas casas até outros espaços públicos ou privados.

Sendo assim, é possível afirmar que a importunação também impacta as escolhas das mulheres sobre como e onde circular no espaço urbano. E isto, indubitavelmente, acaba resultando em necessidades diferentes de acessibilidade nas vias, tais como iluminação, transporte público e até zoneamento urbano.

A luta por direito à cidade é contra uma segregação socioespacial generificada, além disso as mulheres usam a cidade de forma diferente dos homens. De maneira geral, elas transitam pelo espaço público com uma lógica específica, pois combinam funções de trabalho e de cuidado com a casa e com os filhos. É disputado, não apenas o direito de viver em espaços apropriados para as tarefas relacionadas à reprodução, mas, também, pelo valor de uso da rua e dos espaços relacionados às mulheres.

Diante disto, a proposta do estudo em questão visa demonstrar que ao lutar pelo direito de usufruir por condições inerentes à vida, desvelam dimensões fundamentais da luta pelo direito à cidade. As diferenças de gênero se articulam de forma indissociável às outras formas de opressão capitalista que estruturam as desigualdades urbanas, engendrando uma luta por direito à cidade marcada por segregações de classe, raça e gênero.

Faz-se, necessário compreender, portanto, como a relação entre os aspectos espaciais e sociais influenciam na experiência do medo da mulher no espaço público, tendo em vista que não se pode mais negligenciar as dimensões da desigualdade de gênero ao falar de cidade. Enxerga-se a vontade coletiva feminina em questionar seus direitos e, acredita-se na importância desse questionamento. Muitas questões são culturais, mas iniciativas de projeto e gestão pública poderiam trazer melhoria na vida das mulheres na cidade. Um planejamento urbano que atende as minorias (mulheres, idosos, crianças, deficientes físicos) é bom para todo mundo.

Em entrevista concedida à Pública (agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos do Brasil)<sup>1</sup>, a arquiteta Tainá de Paula (2018) argumentou que a concepção de que a cidade é de todos, “todos” vira ninguém quando o planejamento urbano não é pensado para os vários segmentos sociais. Para a arquiteta, o planejamento urbano e os estudos preliminares de projetos de urbanismo e de arquitetura não refletem no Brasil as dificuldades e deficiências dos locais e que as cidades que se tem hoje são um reflexo do não-debate (PAULA, 2018). Se não

---

<sup>1</sup> Para maiores informações, consultar: <https://apublica.org/quem-somos/>

está no projeto, não está no planejamento, negando o debate. E se não há debate, não há o reflexo no projeto. Sendo assim,

em uma lógica utopista de cidade, que é tão importante para os urbanistas principalmente, a gente precisa fazer o exercício de ir na radicalidade do projeto para conseguir voltar no possível, e é um exercício que eu costumo fazer muito. Como lógica utopista de cidade, acho que a gente pode pensar cidades obviamente inclusivas e cidades que sejam, na sua gênese, fontes de transformações sociais, e que as pessoas consigam escolher, vivenciar e dividir as suas transformações, que isso seja um processo coletivo. Isso tem que ser feito de uma forma horizontal [...] (PAULA, 2018, p. 07).

Em face disto, este trabalho de conclusão de curso, destina-se a contribuir para a produção de conhecimento e reflexão acerca da construção do papel social designado à mulher, através da compreensão da sua vivência em meio à urbe contemporânea. Para tanto, buscar-se-á entender como se apresentam as relações de gênero no espaço e como as relações espaciais se rebatem na manutenção da desigualdade entre homens e mulheres.

Ao analisar o espaço, é possível entender quais relações estão a ele interligadas a partir do recorte construído pelas relações de gênero e como isso ocorre. Este estudo entende a necessidade de mapear e diagnosticar a problemática e conflitos vividos, e, para tanto, serão utilizados os bairros com maior número de violência de gênero na cidade de São Luís/MA, como caso de estudo. Neste ponto, convém salientar que os bairros a serem mencionados, assim como as estatísticas quanto seus índices de violência, são provenientes de informações obtidas por meio da Secretária de Segurança Pública (SSP) e da Casa da Mulher Brasileira.

Mediante isto, ressalta-se que o debate aqui apresentado é uma forma de afirmar a importância de incorporar na produção do campo da Arquitetura e Urbanismo soluções para as especificidades das vivências de grupos sociais mais vulneráveis, marcando, portanto, a necessidade de incluir a mulher no pensar da cidade como agente transformadora e usuária desse espaço.

Por fim, a reflexão proposta é fruto de uma inquietação pessoal, a qual se reflete no questionamento sobre o papel e o acesso da mulher à cidade. Através de experiências pessoais e assistidas, apresentou-se a necessidade de discutir sobre o tema, a fim de trazer visibilidade para a temática daqui em diante. Ademais, defender-se-á ao longo do estudo que uma cidade acessível para as mulheres, torna o ambiente mais humano e conseqüentemente ideal para todos.

Diante do exposto e para fins de estruturação da presente monografia, optou-se por organizar a presente pesquisa nos seguintes capítulos: no primeiro, intitulado **Direito à cidade: uma visão por gênero**, expõe o corpo teórico do trabalho, no qual esboça o entendimento sobre

espaço público, medo e mulher, a discussão sobre a situação da mulher nos estudos urbanos, a geografia feminista e a relação com o urbano. O segundo capítulo, denominado **Uma visão sobre o medo das mulheres no espaço público**, visa apresentar as teorias sobre o desenho urbano e segurança e o medo da mulher no espaço urbano.

Por sua vez, o terceiro capítulo, demonstra o **processo metodológico** da pesquisa empírica no espaço público de São Luís/MA, bem como rebate as questões teóricas levantadas nos capítulos anteriores. Ademais, são apresentados dados coletados na delegacia especial de atendimento à mulher – A Casa da Mulher Brasileira –, acerca dos crimes de violência urbana contra a mulher (data, local e hora), em São Luís/MA. Tais dados foram utilizados na construção da estrutura de investigação empírica, instrumento de investigação e de análise de dados para intervenções gráficas que enfatizem o problema de cada local coletado. Além disso, com a elaboração de oficinas, constatou-se a opiniões das mulheres de São Luís/MA quanto aos seus sentimentos de pertencimento nesses espaços.

Ademais o aludido capítulo, bem como o capítulo seguinte, **Por onde e como devem andar as mulheres nos bairros de São Luís/MA**, apresentam a discussão sobre os resultados da investigação na cidade de São Luís. Atrelado a isto, o capítulo supramencionado, expõe, ainda, a análise da experiência do medo na cidade de São Luís/MA, relacionado a imagem, o medo das participantes da oficina e versando sobre recomendações sobre por onde e como se deve andar na cidade. Por fim, apresentam-se as **considerações finais** sobre o medo das mulheres no espaço público, sua importância nos estudos urbanos, bem como aponta questões para estudos futuros.

## **2 DIREITO À CIDADE: uma visão por gênero**

A cidade, como objeto de estudo, é um espaço de efetivação das relações entre o indivíduo e o todo. Esse espaço se expressa por meio da sua morfologia, arquitetura urbana e construção de seus espaços públicos. Para Listerborn (2002), a cidade é a interação entre a vida social e a personificação física, ou seja, a cidade é mais do que apenas um item de construção ou de uma organização social. Ademais, conforme a autora que a cidade é sinônimo de liberdade, mas também de ameaça (LISTERBORN, 2002).

Segundo Listerborn (2002), a cidade libertadora é aquela que concede oportunidades para debates políticos, bem como oferece diferentes culturas e está sempre em constante mudança. Já a cidade ameaçadora, traz medo e insegurança. A imagem de perigo da cidade é produto do imaginário individual e do coletivo, mas não nega sua realidade concreta. Este trabalho aborda essa imagem, a imagem da cidade perigosa, mas sob a perspectiva da mulher.

É sentença corriqueira a relação entre espaço público, medo e violência. A referida relação é objeto de interesse das várias áreas do conhecimento, tais como a Geografia, a Sociologia, a Psicologia e o Urbanismo. No urbanismo, os efeitos da violência e do medo no espaço urbano possuem contribuições valiosas de estudiosos como Jane Jacobs (2000), Jan Gehl (2013) e Ray Jeffery (1971), que repercutem na academia e na prática profissional da arquitetura e urbanismo. Com recorte de gênero, geógrafas(os), como Gill Valentine (1989), Rachel Pain (2000), Christian Dymén e Vânia Ceccato (2012), apresentam reflexões importantes sobre o medo da mulher no espaço público.

Assim, para melhor compreensão desse trabalho, fez-se necessário perscrutar pelas questões que envolvem o medo no espaço público, com o fito de construir um entendimento sobre o espaço público, o medo e a mulher de forma individual.

### **2.1 Um olhar sobre o espaço público, o medo e a mulher**

#### **2.1.1 Espaço Público**

Para a Filosofia, o espaço público pode ser conceituado como a “expressão do pensamento, do direito à palavra”. Já para a Sociologia, como o local do “encontro com o outro, com o diferente de si” (RECIFE, 2002, p. 17). Para Narciso (2008), o termo espaço público surge cada vez mais como uma base de discussão transversal às diversas ciências,

suscitando permanentemente novas abordagens. Atualmente, têm surgido diversos estudos que utilizam como foco da questão o espaço público urbano, ao nível da abordagem da sua estrutura, função, projeto, o seu carácter semântico e social. Tais estudos estão sendo conduzidos por meio do estabelecimento de intercalar várias perspectivas de análise, por se entender que acarreta diversos significados e dimensões que não existem isoladas.

O espaço público é o espaço da/na cidade. Conhecemos a cidade através do espaço público e aprendemos a caminhar e a ver a cidade. Indovina (2002) assume esta posição e define alguns pontos de vista, os quais justificam o espaço público como a cidade. De uma forma geral, Indovina (2002) considera que o espaço público constitui um fator importante de identificação que define os lugares, manifestando-se através de símbolos. Ademais, a autora se refere ao espaço público como um lugar de socialização, de encontro e também onde se manifestam grupos sociais, culturais e políticos que a população da cidade exprime. Borja (2003) assume a mesma posição que Indovina (2002) e reivindica a cidade como espaço público, negando-se a atribuir ao mesmo apenas um só uso especializado. Borja (2003, p. 29) defende que “[...] é a cidade no seu conjunto merece a consideração do espaço público [...]” e que este é o lugar por excelência da sociabilização.

A oposição entre público e privado também está presente na definição de Borja (1998). Assim, de acordo com Borja (1998), o espaço público moderno provém da separação legal entre a propriedade privada e a propriedade pública. Em outras palavras,

desde una aproximación jurídica, podemos definirlo como un espacio sometido a una regulación específica por parte de la administración pública, propietaria o que posee la facultad de dominio del suelo, que garantiza su accesibilidad a todos y fija las condiciones de su utilización y de instalación de actividades. El espacio público moderno proviene de la separación formal (legal) entre la propiedad privada urbana y la propiedad pública. Tal separación normalmente supone reservar este suelo libre de construcciones (excepto equipamientos colectivos y servicios públicos) y para usos sociales característicos de la vida urbana (esparcimiento, actos colectivos, transporte, actividades culturales y a veces comerciales, etc.) (BORJA, 1998, p. 02).

Porém, o que realmente torna o espaço público não é apenas seu status jurídico, mas, sim, o seu uso, o que o introduz na dimensão sociocultural. Desta forma,

el espacio público también tiene una dimensión socio-cultural. Es un lugar de relación y de identificación, de contacto entre las gentes, de animación urbana, a veces de expresión comunitaria. La dinámica propia de la ciudad y los comportamientos de sus gentes pueden crear espacios públicos que jurídicamente no lo son, o que no estaban previstos como tales, abiertos o cerrados, de paso o a los que hay que ir. Puede ser una fábrica o un depósito abandonados o un espacio intersticial entre edificaciones. Lo son casi siempre los accesos a estaciones y puntos intermodales de transporte y a veces reservas de suelo para una obra pública o de protección ecológica. En todos estos

casos lo que defina la naturaleza del espacio público es el uso y no el estatuto jurídico (BORJA, 1998, p. 02).

Para Silva (2009), os argumentos de Borja (1998) são válidos ao dizer que apenas a situação jurídica e o fato de ser de uso comum são insuficientes para definir toda a complexidade do objeto estudado. Dentro do urbanismo, o que torna um espaço público não é o seu estatuto jurídico, mas, sim, a natureza do seu uso e as práticas sociais que ele propicia.

Silva (2009) ainda apresenta as dimensões territoriais e de comunicação. A física remete a condições de acessibilidade, ou seja, espaços públicos devem ser abertos e acessíveis a todos. Já a dimensão comunicativa, a autora associa a comunicação social, política e cultural, estando ou não vinculada à dimensão territorial.

Jan Gehl (2013) complementa em seu livro *Cidade para pessoas*, que se um lugar proporciona o contato visual entre os cidadãos e tem uma infraestrutura adequada para evitar uma experiência sensorial desagradável, está cumprindo um dos princípios defendidos pelo arquiteto e urbanista para determinar se um espaço público é bom ou não. Diante disto, Jan Gehl (2013) elenca alguns princípios para que as cidades sejam mais democráticas a todos que vivenciam e transitam pelos seus espaços, a saber: Diversidade de usos, Fachadas ativas, Dimensão social e vitalidade urbana, Escala humana, Iluminação, Fomento à economia local, Identidade local, Ruas completas, Áreas verdes, e Participação social.

Diante do exposto, o presente trabalho propõe o seguinte entendimento sobre espaço público: elemento de natureza heterogênea, que vai além de aspectos jurídicos e físicos e abarca as propostas de Borja (1898), Silva (2009) e Jan Gehl (2013). É um espaço de troca, de socialização que materializa em suas ruas, praças e parques as relações entre o indivíduo e a coletividade.

### 2.1.2 Medo

Listerborn (2002) afirma que o medo do assalto, do roubo e do estupro está ligado aos espaços públicos e seu aumento no final da década de 90 vêm ocupando um grande destaque nas discussões sobre ambientes urbanos. De acordo com Tanscheit (2016), muitos espaços públicos são vistos como locais não seguros em cidades ao redor do mundo. A noção de segurança desaparece no momento em que uma localidade se torna vazia, não recebe iluminação, uso ou até mesmo a atenção adequada.

O livro *A Cidade ao nível dos olhos* (2012), de Hans Karszenberg, propõe a ajudar as cidades e os seus parceiros a desenvolverem estratégias para melhorar as cidades ao nível

dos olhos. Um dos grandes desafios das cidades atualmente é acomodar diferentes modais de transporte e devolver o protagonismo aos meios mais sustentáveis e seus agentes (pedestres e ciclistas). Entre essa necessidade e as redes de vias com intenso fluxo de veículos estão as calçadas e os prédios.

Além disso, Onuhabitat (2013) cita, em seu artigo *Ruas como espaços públicos e impulsionadores da prosperidade urbana*, que para se adequar ao termo, as cidades atuais devem apresentar um bom padrão de desenho urbano e, principalmente, reconhecer a relevância de espaços públicos bem planejados. Parques e praças ganham uma importância cada vez maior em cidades que desejam oferecer qualidade de vida para seus habitantes. Porém, manter as ruas e calçadas vivas é o que traz segurança a elas. As pessoas se afastam naturalmente de lugares, vazios e desconexos.

A carência de espaços urbanos de qualidade que permitem seu uso contínuo e diversificado com atividades de lazer e cultura para públicos diversos, ou mesmo a reprodução massiva de áreas da cidade que não permitam o uso misto –, como a maioria dos grandes conjuntos habitacionais –, criam ambientes pouco seguros, especialmente para as mulheres, LGBTQs, crianças, jovens e idosos.

Warr, Gordon e Riger (apud PAIN, 2000) afirmam a necessidade de distinção e sensibilidade às diferentes experiências e ao tipo de medo que é referido. O medo genérico, como o roubo e o crime sexual, tem um significado diferente e pode ser tão diverso quanto os próprios crimes.

Mediante isto, o trabalho em questão investigará o medo do crime violento sob a perspectiva da mulher. É uma resposta emocional a uma ameaça e comportamento culturalmente apreendido, situacional e de gênero, influenciada por situações pessoais e de caracteres espaciais, sociais e temporais.

### 2.1.3 A mulher

De acordo com Oliveira e Santos (2010), os diferentes tipos de opressões que são geradas a partir das questões de gênero, são realidades objetivas que envolvem um grande número de mulheres e, por isso, só pode ser entendido em um contexto social, histórico e cultural. E isto, acaba por gerar um contraponto complexo entre sociabilidade e individualidade e entre as relações de gênero e a totalidade da vida social.

Além disso, para o entendimento das formas de opressão vivenciadas pelas mulheres, parte-se do pressuposto de que homens e mulheres vivem sob dadas condições

objetivas e subjetivas que são produto das relações sociais. Em outras palavras, as construções sociais das respostas que dão às suas necessidades e vontades possuem uma determinação central na sociedade. Isto significa compreender que os indivíduos fazem a história, mas suas possibilidades de intervenção se efetivam na dialética relação entre objetividade e subjetividade, entre ser e consciência.

Neste processo, as relações de gênero são permeadas por uma diversidade que envolve as relações entre homens e mulheres, mas, também, entre mulheres e mulheres e homens e homens, de modo que “o tornar-se mulher e tornar-se homem constitui obra das relações de gênero” (SAFFIOTI, 1992, p. 18).

Quando se fala de mulher, não se faz referência ao ser biológico, mas sobre o entendimento da sociedade acerca do que é ser feminino: o gênero. Para Calió (1997, p. 01), o gênero “diz respeito à dimensão socialmente construída do feminino e do masculino. Ou seja, ao conjunto de regras segundo as quais as sociedades transformaram as condições biológicas da diferença em verdadeiras normas sociais”.

Da mesma forma, a Secretária da Mulher (SEMU), do estado de Pernambuco, afirma que gênero é “uma construção social dos papéis atribuídos ao feminino e ao masculino. [...] Um princípio fundamental de organização social que molda as relações entre as pessoas, informando como a mulher e o homem devem se comportar e agir” (PERNAMBUCO, 2011, p. 19). Compreensão semelhante é feita por Silva (2007) que compreende gênero como um conceito/representação que não comporta todas as variações indenitárias das mulheres.

Ambos os entendimentos, da SEMU e de Silva (2007), trazem a flexibilidade e, assim, remete à necessidade de uma abordagem plural e uma constante redefinição da diferenciação espacial e temporal. Diante do exposto, o trabalho em questão, entende que gênero é uma construção social do feminino e do masculino, atribuindo a esses o seu papel perante a sociedade. Entretanto, uma construção social não pode ser considerada uma verdade universal enrijecida, pois esta pode ser modificada de acordo com o tempo, os espaços e os costumes de cada sociedade. Sendo assim, ao se estudar as questões que envolvem gênero, deve-se ter um olhar contextualizado.

## **2.2 A cidade contemporânea e capitalista**

Quando se estuda a cidade, aprende-se que a cidade não é um objeto estático, haja vista que ela é produtora e reprodutora de relações sociais construídas ao longo da vida e em diferentes contextos. De acordo com Henri Lefebvre (2000), o conceito de urbano é construído

a partir da existência, em seu espaço, dos conflitos sociais, sendo a cidade denominada como o espaço social.

Dessa forma, não há como pensar que a produção do espaço e o desenvolvimento da área de Planejamento Urbano como campo de conhecimento, tenha se dado de forma imparcial. Autores como Harvey (2005), Rolnik (1995) e, principalmente, Maricato (2002) definem, em consenso, que a cidade é produto histórico, político e social da vida coletiva, e reflete espacialmente as relações que se estabelecem entre as pessoas que a vivem. Deste modo, a idealizar a construção e a vivência em uma cidade regida por um sistema capitalista, patriarcal e racista, é pensar em seus beneficiários diretos deste sistema: homens, brancos e detentores de capital.

Contudo, Lefevre (2000) explica que

os espaços sociais se compenetraram e/ou se superpõem. Não são coisas, limitadas umas pelas outras, se chocando por seu contorno ou pelo resultado de inércias. [...] Resta compreender o que produz os diversos movimentos, ritmos, frequências, o que os entrelaça e mantém a hierarquia precária de grandes e pequenos, de estratégias e táticas, de redes e lugares (LEFEBVRE, 2000, p. 76-77).

A cidade capitalista é o espaço e o produto, ao mesmo tempo em que é o local onde acontece o mercado, ela é, em si, o mercado. Quando Rolnik (1995) aponta que a cidade está à venda e é marcada pela segregação, a autora evidencia que isso se materializa fisicamente por meio de muros, das grades, de pontes, das placas, bem como se concretiza, de forma abstrata, por intermédio da divisão de territórios por classes sociais, gênero, cor, idade e, também, através de funções como o trabalho, o lazer e a moradia.

Na cidade de São Luís/MA e em toda região metropolitana, por exemplo, existem diversas cidades em uma só e suas diferentes estruturas são essenciais para a organização da sociedade. A desigualdade da região se dá através do espaço privado de vivência, a moradia, além, também, do espaço público, em decorrência da infraestrutura e de recursos em certas localidades. Equipamentos públicos, áreas de lazer, saneamento básico, manutenção e serviços são pensados e distribuídos de formas diferentes para cada parte da cidade, conformando os processos de valorização ou desvalorização dos espaços urbanos da metrópole.

Maricato (2000) afirma que essas áreas mais desvalorizadas e que, portanto, acabam invisibilizadas na cidade podem ser entendidas como áreas de exclusão urbanística. As mulheres sentem essa diferença de forma mais incisiva, visto que seu cotidiano é diferenciado em relação ao ser humano tomado como modelo.

Para o entendimento das formas de opressão vivenciadas pelas mulheres, parte-se do pressuposto de que homens e mulheres vivem em diversificadas condições objetivas e subjetivas, produtos das suas relações sociais. Isto significa que a construção social das respostas que dão às suas necessidades e vontades tem sua determinação central na sociabilidade. De outro modo, pode-se pensar ainda que os indivíduos fazem a história, mas suas possibilidades de intervenção se efetivam na dialética relação teoria e prática.

Na sociabilidade do capital, as condições materiais se constituem em um grande obstáculo que limita o desenvolvimento pleno e livre da individualidade. Considerando que o modo de pensar e agir é determinado na dinâmica complexa e contraditória entre sociabilidade e individualidade, pode-se verificar a prevalência de indivíduos despotencializados em sua criatividade, em sua capacidade reflexiva, reproduzindo práticas que reiteram processos de alienação e de subalternidade.

A arquiteta Isabela Peccini (2019) afirma que a esfera da circulação e difusão de ideias acerca da produção dos espaços, a partir da construção de agendas políticas para o urbano será desenvolvida pela argumentação científica da racionalidade. Da mesma forma que a ciência constrói o imaginário do cientista como descolado da vida cotidiana ou do senso comum, será construída a ideia de um sujeito que é possuidor do domínio do conhecimento e capacitado para elaborar e resolver os problemas dos territórios.

De acordo, com Arantes (2006) nas últimas décadas, estabeleceu-se uma conexão entre a agenda urbana e a agenda de reestruturação produtiva. Dessa forma, o discurso de uma crise urbana causada pela gestão pública pode ser construído, inclusive, pelos agentes de organizações internacionais que participam da construção e difusão de problemas e soluções sobre as cidades. Cresce o discurso de defesa de diminuição da participação estatal, de terceirização e privatização de serviços, estabelecendo-se como solução dos problemas territoriais, justamente, o desmantelamento da estrutura pública, o rebaixamento de parâmetros voltados à manutenção, à infraestrutura e à habitação, localizados, essencialmente, nas áreas periféricas.

Com isso se reafirma a racionalidade dos consultores e organizações que se colocam como imparciais e independentes. Os negócios passam ser o elemento central da gestão urbana, e o âmbito público passa a ser gestor não mais de políticas, mas de parcerias entre o setor público e o privado. Nesse processo, há, também, uma necessidade de distanciamento territorial, pois as decisões deixam de ser tomadas em âmbitos públicos e locais e passam a ser tomadas em espaços externos, globais.

Sendo assim, o alinhamento entre as diversas instâncias de poder e de gestão dos territórios municipais, estaduais e federais, e a construção de um objetivo patriótico comum, conformam os elementos essenciais do Planejamento Estratégico como forma de intervir na cidade em resposta a uma conjuntura de crise. Essas intervenções são marcadas por um viés técnico, pelo esvaziamento dos espaços amplos de decisão sobre a cidade e pela abertura do mercado, a fim de que este seja o principal agente transformador do espaço, imperando a lógica empresarial de solução da cidade sobre os interesses sociais de uso do solo.

Portanto, percebe-se que em momentos históricos diferentes, o mercado interferiu diretamente na construção das cidades e na forma em que estão organizadas, sendo determinante na vida da população pobre e, mais ainda, na vida das mulheres no contexto social ao qual se encontram. Se esse processo de transformação se repete ao longo da vida das cidades, se repete na resistência feminina. Neste ponto,

Rachel Soihet (1989) em seu livro sobre as mulheres pobres dos cortiços do centro e área portuária do Rio de Janeiro, entre 1890- 1920, sobretudo, no período Pereira Passos, captura a importância histórica do papel da mulher na sociedade na época. São mulheres moradoras de cortiços e de habitações coletivas que exerciam atividade no setor terciário, ou seja, atividades menos remuneradas que as operárias da época, como prostitutas (além de faxineiras, lavadeiras, artesãs, cartomantes, etc). Mulheres que se apropriavam intensamente do espaço público da cidade, diferentemente da mulher burguesa (TAVARES, 2015, p. 136).

Com efeito, Isabela Peccini (2019) conclui que, apesar de seu lugar e papel designados socialmente e do impacto intenso do desenvolvimento da cidade capitalista em sua vida cotidiana, as mulheres, em cada um dos diferentes contextos históricos, estão rompendo paradigmas e se tornando um símbolo de resistência a esse modelo de cidade, seja de forma organizada em movimentos sociais, seja pelo simples ato de ocupar as ruas.

### **2.3 O planejamento urbano a partir da perspectiva de gênero**

Como explanado em páginas anteriores, os primeiros planejadores urbanos, construtores e urbanistas foram homens, de modo que as cidades foram pensadas a partir da lógica e métrica masculina, mesmo que, atualmente, no Brasil haja uma prevalência de arquitetas e urbanistas mulheres, as quais representam 61% do total de profissionais em atividade no país, contra 39% de homens, de acordo com CAU/BR (2015).

Dessa forma, a arquiteta Lúcia de Andrade Siqueira (2015) afirma que a percepção da cidade por grupos específicos, como crianças e idosos, já foram objetos de análise de vários

estudos. Tais trabalhos partem do pressuposto da não exclusão de outros grupos, mas da apreensão do olhar de um grupo específico que vivencia o espaço. Trabalhar o olhar da mulher sobre o planejamento urbano tem como pressupostos a diferença entre o acesso à cidade e a consequente percepção do espaço público, e sua relação do medo do crime entre mulheres e homens.

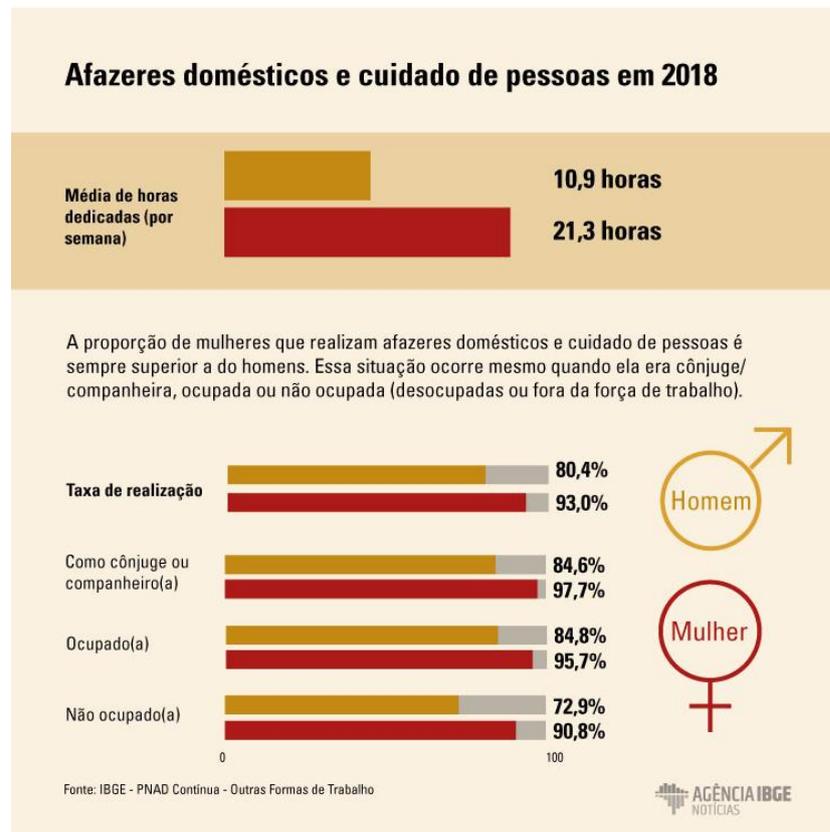
Pesquisas apresentadas por Dymén e Ceccato (2012) e Silva (2007) mostram diferenças entre homens e mulheres na forma de acessar a cidade, e apontam a construção sobre o lugar e o papel das mulheres e dos homens na sociedade como uma das causas dessas diferenças. Além disso, apesar das conquistas femininas ao longo dos séculos, as mulheres ainda são as principais responsáveis pelas atividades domésticas, tais como cuidar das crianças, idosos e da casa.

A este respeito, o Boletim informe da Secretária Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano de São Paulo, evidencia que o índice de mobilidade (número médio de viagens) é maior entre homens (2,23%) do que entre as mulheres (2,02%) (BONDUKI, 2020). Entretanto a divisão sexual ainda predomina, os homens se deslocam mais para o trabalho do que as mulheres (50% contra 39%), mas as mulheres fazem mais viagens poligonais (BONDUKI, 2020).

No Brasil, de acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2012), as mulheres brasileiras gastam, em média, 26,6 horas semanais em afazeres domésticos, enquanto os homens dedicam apenas 10,5 horas. Ou seja, em nosso país ainda existe uma divisão desequilibrada na distribuição das atividades domésticas entre mulheres e homens. Como consequência, Dymén e Ceccato (2012) apresentam uma correspondência em relação aos deslocamentos das mulheres na cidade. Os autores afirmam que as mulheres, mais frequentemente do que os homens, escolhem as oportunidades de trabalho perto da residência e são propensas às visitas em cadeia, o que significa compreender que quando viajam, tendem a ter vários propósitos e diversificados destinos dentro de uma viagem (SIQUEIRA, 2015).

Ao saírem de casa, as mulheres fazem mais paradas em supermercado, farmácia, hospital, escola e trabalho. Já os homens possuem um deslocamento retilíneo da casa para o trabalho. Mesmo trabalhando fora, as mulheres cumprem, em média, 8,2 horas a mais em obrigações domésticas do que os homens, segundo dados do IBGE (2019) coletados a seguir.

Figura 1- Afazeres domésticos e cuidados de pessoas em 2018



Fonte: Agência IBGE, 2019.

Com base nos dados acima, é possível perceber que a diferença existente entre “sexos no cuidado de pessoas não se mostrou tão discrepante quanto em afazeres domésticos, mas a mulher, além de cumprir mais tarefas, também tem peso muito maior em obrigações mais essenciais nos cuidados do dia a dia” (JOÃO NETO, 2019).

Ao pensar o espaço, podem-se identificar oposições como campo e cidade, casa e trabalho, espaço público e espaço privado, espaço de trabalho e espaço de lazer. Todas essas definições determinam noções sobre esses espaços, sobre suas funções e sobre quem pode ocupar cada um deles. Nessa lógica, que determina não apenas oposições, mas, também, hierarquias, a cidade é o espaço da modernidade, o campo o espaço do lazer, a casa é o espaço da família e o trabalho do sustento.

O espaço público, por sua vez, foi muito dito como o espaço do homem enquanto o espaço privado seria o espaço das mulheres. Diante disto, caso se seja analisada as interseccionalidades, é possível perceber que essa definição se dá de forma mais complexa, pois o espaço privado é, na verdade, o espaço de determinadas mulheres, mas não de todas. Isto é,

as mulheres negras sempre estiveram trabalhando no espaço público, mas não seriam dignas da família do espaço privado burguês (PECCINI, 2019).

Calió (1997) argumenta sobre a importância da introdução da questão “divisão sexual do trabalho” no planejamento urbano. Sendo assim, partindo do entendimento de que as mulheres e os homens vivenciam os problemas da vida urbana de forma distinta, devido a atribuições na vida domésticas e do trabalho,

o papel das mulheres na reprodução da força de trabalho e na família torna sua presença marcante e quase que obrigatória nas lutas sociais pela melhoria dos serviços urbanos e qualidade de vida. Devido às suas tarefas domésticas e participação na comunidade (sobretudo as mulheres mais pobres), são as mais afetadas pela crise dos serviços urbanos que aumenta, consideravelmente, suas responsabilidades. Isoladas no espaço privado do lar ou à sua extensão pública (o posto de saúde, a farmácia, o hospital, a loja, o supermercado, a feira, o açougue, a padaria, a escola, o parque, etc.), elas travam uma luta incessante contra o relógio, tentando administrar sua vida cotidiana (CALIÓ, 1997, p. 07).

Nesses termos, Calió (1997) revela a dificuldade dos estudiosos e planejadores urbanos em fazerem uma leitura sobre a condição da mulher na cidade. As divisões espaciais oriundas das questões demográficas, econômicas, culturais e políticas foram, durante anos, eleitas como prioritárias nas análises urbanas, o que gerou “invisibilidade” das mulheres na urbe.

A cidade passou a ser uma aglomeração de indivíduos masculinos, submetidos a um ponto de vista global que não vivem outras relações sociais entre si que não sejam as de classe (CALIÓ, 1997, p. 4). Do contrário, “misturada na multidão, a mulher vive uma falsa impressão de igualdade de uso e de mobilidade urbana” (CALIÓ, 1997, p. 05).

Freitas (2016) afirma que as mulheres usam a cidade de forma diferente dos homens. De maneira geral, elas transitam pelo espaço público com uma lógica específica, porque combinam funções de trabalho e de cuidado com a casa e com os filhos. Além disso, o medo também influencia na escolha por onde e como caminhar no espaço urbano, resultando em necessidades diferentes de acessibilidade, de iluminação, de transporte público e de zoneamento urbano (FREITAS, 2016).

Em uma entrevista concedida ao *City Lab*, a especialista em Planejamento Urbano com enfoque de gênero da cidade de Viena, Eva Kail (2013) argumenta que o planejamento urbano é uma abordagem política. Deve-se, portanto, trazer as pessoas para espaços em que elas não costumavam utilizar ou achavam que não ter o direito de usufruir, afirmando, deste modo, a abordagem de direito à cidade.

### 2.3.1 Deslocamentos Poligonais

Caminhar faz parte da rotina feminina, enquanto decidir e participar do planejamento urbano da cidade não. Durante décadas, a mobilidade urbana foi um setor dominado por homens, assim como outros setores que demandam sair de casa. Com o avanço dos direitos das mulheres, aumenta-se, a cada dia, a urgência da inclusão da perspectiva de gênero em sua diversidade, discussões as quais as mulheres sempre foram espectadoras (NUNES; SABINO, 2019).

Porém, as razões para que as mulheres tenham hábitos mais sustentáveis de deslocamento são, infelizmente, mais vinculadas aos desequilíbrios entre os gêneros e ao fato de o planejamento dos transportes serem focados na produção. Assim, para conseguir realizar todas as tarefas que lhe são atribuídas, dentro das condições possíveis, as mulheres têm que caminhar mais (NUNES; SABINO, 2019).

Em comparação aos homens, enquanto estes se locomovem de maneira pendulares, as mulheres fazem deslocamentos mais poligonais. Estes últimos, constituem-se em locomoções com mais pontos de parada e destinos diferentes, enquanto os pendulares tendem a ser longas viagens com a mesma origem e destino (casa-trabalho). Essa distinção diz respeito, principalmente, às funções (geralmente não remuneradas) de cuidados domésticos e de outras pessoas, que ainda recaem pesadamente sobre as mulheres e mais drasticamente sobre aquelas que são pobres, negras e periféricas. Pode-se dizer, então, que as mulheres se deslocam de forma mais complexa pela cidade (NUNES; SABINO, 2019).

Como afirma Costa (2013), o uso da rua, do bairro e da cidade pelas mulheres ainda está muito ligado ao papel de gestora do lar, com os cuidados inerentes à utilização das estruturas de educação, de saúde, de alimentação e de subsistência do grupo familiar. Neste sentido, o espaço privado da casa é estendido para o público.

Svab (2016) também aponta que a cidade é “menor para as mulheres”, e isso se dá devido ao tipo de atividades realizadas, as quais apresentam trajetos que se restringem normalmente ao próprio bairro, fazendo viagens mais próximas às suas residências. É claro que quando se fala de um grupo tão grande, existem diferenças de acordo com outras características. A exemplo, as mulheres com filhos tendem a ter mais pontos de parada do que mulheres sem filhos, todas as suas viagens são dependentes das necessidades de outras pessoas. Em face disto, convém pontual que

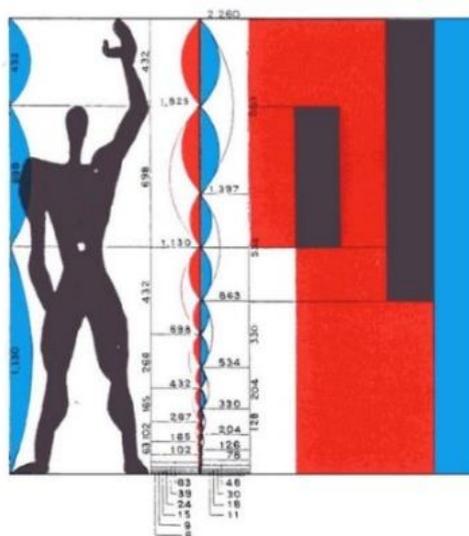
todos estes aspectos tornam as barreiras de acesso à cidade mais ou menos “espessas”, segundo a reflexão da antropóloga chilena Paola Jirón. Ou seja, a acessibilidade pode ser determinada por outros aspectos que não são físicos, como a divisão sexual de trabalho. Através de suas etnografias acompanhando os trajetos de muitas mulheres que desempenham o papel de cuidadas com filhos, filhas e pais, Jirón avaliou que a cidade era mais espessa para estes deslocamentos e estas pessoas, pois todas suas viagens eram interdependentes e muitas vezes a lugares não contemplados pelos transportes públicos (NUNES; SABINO, 2016, s/p).

De acordo com Solnit (2016), regularmente o caminhar da mulher foi objeto de inspiração poética, levando inclusive à ideia de que as mulheres caminham para serem vistas e não para ver e acessar a cidade. Assim, para Solnit (2016), pouco se falava sobre onde elas estavam indo. *Garota de Ipanema*, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, uma das músicas brasileiras mais famosa mundialmente, fala justamente sobre como uma mulher caminha: “o seu balançado é mais que um poema, é a coisa mais linda que eu já vi passar”.

Este olhar estereotipado sobre a presença dos corpos das mulheres no espaço público silenciou e ocultou a discussão e o entendimento sobre como as mulheres se sentem caminhando, para onde estão indo e por quais razões estão indo a pé. Entendimento essencial para se repensar as cidades e como combater as desigualdades que se expressam nelas.

Para Tavares (2012), a lógica androcêntrica que permeia o planejamento urbano e o mundo profissional da arquitetura e urbanismo, é um produto do enraizamento dos pressupostos modernistas que foram motivados sob a ótica de classes em detrimento de questões étnicas e de gênero. Um exemplo é o homem-tipo ou homem-padrão como medida de referência, vide a figura a seguir.

Figura 2- Modulor



Fonte: (ARELLANO, 2019).

Segundo Costa (2013), os lugares públicos não são tão públicos assim. Na cidade [...] os lugares da mulher são o supermercado, a feira, posto de saúde, a escola das crianças, verdadeira extensão do espaço privado da casa, do lar, ou seja, o espaço público admitido para as mulheres é o “espaço expandido do lar”.

Entretanto, existem algumas iniciativas que merecem serem citadas. Primeiro, o coletivo “Arquitetas Invisíveis” vem modificando esse cenário indo em contramão dessa visão arcaica. Ademais, o projeto de estudantes do Centro Acadêmico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, visa divulgar e resgatar a memória de vinte e seis arquitetas invisíveis na história da arquitetura moderna através de uma rede de relacionamentos com exposições e vídeos (SIQUEIRA, 2015).

Além disso, também existe o blog *feminismUrbana*<sup>2</sup>, uma iniciativa de Diana Helene e Rossana Tavares, e a sua criação foi motivada pela ausência de debate e estudos acadêmicos sobre a temática gênero na arquitetura, urbanismo e no Planejamento Urbano. O propósito do blog é reunir materiais sobre a mulher e o urbano, além de textos, artigos, imagens, quadrinhos, opiniões sobre a temática em questão, com a finalidade reunir aqueles que estão pensando as cidades na perspectiva feminista, no Brasil e na América Latina. (SIQUEIRA, 2015).

Já o Site Olga<sup>3</sup>, “é um think dedicado a elevar o nível da discussão sobre feminilidade nos dias de hoje [...] se propõe a descobrir quem é essa nova mulher, o que ela quer hoje, e criar conexões criativas mais reais e verdadeiras” (THINK OLGA, [201?]). O site é uma construção coletiva de seis mulheres e liderado pela jornalista Juliana de Faria, dentre muitas iniciativas publicadas e, lideradas pelo Olga, a campanha “Chega de FiuFiu” tem principal importância devido à proximidade com o tema dessa investigação (SIQUEIRA, 2015).

Sendo assim, pode-se dizer que manter vivo e frequente o debate sobre o assédio sexual nos espaços públicos, é promover ações do tipo: 1) produção de um documentário sobre o assédio sexual no espaço público, 2) cartilha sobre assédio sexual, a exemplo da que foi criada em parceria com a Defensoria Pública de São Paulo, 3) pesquisa sobre o assédio sexual nos espaços públicos, 4) o mapa chega de FiuFiu – ferramenta colaborativa para mapear os pontos mais críticos de violência contra mulheres no Brasil –, 5) a produção do e-book *Meu corpo Não é seu*, que se apresenta como um ensaio sobre violência contra a mulher, 6) publicações de experiências das leitoras e vítimas de assédio sexual na sessão denominadas depoimentos, disposta em sítios eletrônicos que versam sobre a temática, 7) a confecção do cordel sobre o

<sup>2</sup> Disponível em: <https://feminismurbana.wordpress.com/>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://thinkolga.com/>

assédio sexual, 8) a produção de ilustrações por diversos artistas que visam propagar a mensagem contra essa violência (SIQUEIRA, 2015).

A introdução da variável “sexo vem permitindo que se analise o lugar de mulheres e homens no urbano, mostrando como e porque cada um vive o cotidiano da cidade com diferentes lógicas temporais e espaciais de organização” (CALIÓ, 1997, p. 03-04). Dessa forma, o planejamento urbano se tornou mais sensível às diferentes necessidades das mulheres. Como exemplo, citam-se as práticas de planejamento que visam à criação de ambientes urbanos mais seguros a partir da perspectiva de gênero (DYMÉN; CECCATO, 2012).

Contudo, no campo da arquitetura e urbanismo é perceptível uma produção reduzida acerca das questões que envolvem. Do contrário, na Geografia é visível a existência de um maior número de informações e estudos referentes a essa temática da perspectiva feminina sobre a cidade, como será exposto no tópico a seguir.

## **2.4 Sobre espaço e gênero**

As temáticas relacionadas ao gênero e à sexualidade têm sido objeto de interesse da Geografia em vários países, a partir da existência de disciplinas nos cursos de graduação, como do conjunto de publicações bem conhecidas dos geógrafos humanos. Acredita-se que os estudos de gênero e sexualidade são uma interessante possibilidade geográfica, visto que podem contribuir na compreensão das especificidades nas cidades, abrindo um novo mundo, complexo e diverso (ORNAT, 2008).

A Geografia feminista surgiu no contexto da segunda onda feminista. Narz e Koller (1996) dissertam que ela pode ser periodizado a partir de três ondas estruturadas na Inglaterra, França, Estados Unidos e na França. A primeira onda representa o surgimento do movimento feminista, entre o final do séc. XIX e início do XX, nascendo como um movimento de luta das mulheres por igualdades de direitos civis. A terceira onda, forjada nos anos 1980, introduz o paradigma da incerteza no campo do conhecimento, tendo por influência as proposições feitas por Michel Foucault e Jacques Derrida. É nesta terceira fase que se observa uma intensa justaposição entre movimento político e academia (ORNAT, 2008).

Listerborn (2002) afirma que as feministas da segunda onda partiram da teoria feminista radical para a visualização de problemas físicos espaciais em um “ambiente feito pelo homem”. Além disso, começaram a exigir ações para maior segurança, pois entendiam que a falta dela era um obstáculo à livre circulação na cidade. Passa-se a discutir o medo e questões

sobre uso do espaço público por quem, como, quando e a associação a diferentes tipos de espaços, sobre como espaços são tomados, usados e modificados por meio de ações cotidianas.

Além disso, quanto à reflexão do urbano, Ornat (2008) destaca que outra contribuição importante da geografia feminista são as proposições metodológicas, visto que estas estão contribuindo de forma relevante para a Geografia. Diante disto e com base em Oberhauser (2003), Ornat (2008) apresenta a diferença entre a perspectiva da pesquisa masculinista e a feminista:

[...] a pesquisa masculinista, que define quais serão os sujeitos investigados e as questões a serem colocadas, das pesquisas feministas, de caráter aberto e reflexivo da investigação, culminando na própria participação ativa dos sujeitos investigados na orientação de interrogatórios e dos termos da própria pesquisa. A autora aponta que esta perspectiva é aberta a múltiplas técnicas e métodos, apropriados aos contextos sociais e aos objetivos de investigação, como métodos quantitativos e qualitativos, etnografia, histórias de vida, entrevistas em profundidades e artes visuais. Compreendendo que o gênero possui conectividades transversais com classe, etnia, idade e sexualidade, e que estas se colocam como estruturas dominantes das relações de poder, a metodologia feminista direciona atenção à diversidade, à reflexão crítica dos sujeitos investigados e à própria responsabilidade com estas vozes e suas vidas, pois para Oberhauser (2003), os métodos buscam tencionar o que sabemos, e mais importante, como viemos, a saber (ORNAT, 2008, p. 317).

Diante disto, pode-se afirmar que geografia feminista, ao incorporar a identidade ao gênero na representação social do espaço, promove uma grande contribuição às mulheres, pois ajuda na compreensão dos fenômenos envolvidos na dualidade do espaço público e privado e as relações de poder sobre o medo da mulher no espaço público.

### 3 UMA VISÃO SOBRE O MEDO DAS MULHERES NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

As mulheres sentem mais medo que os homens em espaços públicos. Estudos e pesquisas nacionais e internacionais estão cada vez mais atentos a essa questão. A exemplo, cita-se a pesquisa do Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS) sobre segurança pública, tal estudo comprova que o medo está presente na vida dos brasileiros e das brasileiras, porém são elas que relatam ter mais medo (IPEA, 2012). As mulheres possuem medos relacionados à integridade física, ao assalto à mão armada e ao assassinato, já os homens sentem mais medo de crimes relacionado à perda de patrimônio, ao arrombamento de residência, bem como demonstra o quadro a seguir (SIQUEIRA, 2015).

Figura 3 - Pesquisa SIPS – IPEA, 2012.

Tipologia de crime	Mulheres	Homens
Medo de assalto à mão armada	72,2%	50,3%
Medo de ser assassinato	71,3%	51,7%
Arrombamento de residência	70,0%	59,9%
Agressão física nas ruas	64,7%	42,3%

Fonte: (SIQUEIRA, 2015).

O documentário *Sob Constante Ameaça*, dirigido por Andrea Dip e Guilherme Peters, acompanha a caminhada de algumas mulheres por São Paulo e revela como o medo da violência de gênero influencia a forma de ocupar a cidade. Ademais, pesquisa demonstra que 93% das mulheres evitam andar à noite pela cidade. O referido documentário acompanha a caminhada pelos locais onde elas se sentem ameaçadas, vide a imagem a baixo.

Figura 4- Imagem do filme *Sob constante ameaça*



Fonte: Filme Sob constante ameaça, 2018.

Sob uma perspectiva interseccional, os diretores do aludido documentário entrevistaram mais de 20 mulheres de diversas regiões de São Paulo, com o fito de perceber, sob diferentes recortes, a violência de gênero sofrida pelas mulheres nas ruas. Sendo assim, o documentário apresenta imagens de mulheres caminhando por ruas escuras, passarelas e becos da cidade. Para além dos lugares, na entrevista são reveladas outras preocupações das mulheres ao sair de casa, tais como o horário e as roupas que estão usando. Enquanto os homens tendem a não se preocupar com essas questões, em uma pesquisa feita com mais de 2.500 mulheres, os diretores do documentário apuraram que 93% das pesquisadas evita andar na rua a noite.

Em um coletivo para a Agência Pública de Jornalismo Investigativo<sup>4</sup>, em que contou com as opiniões da urbanista e arquiteta Tainá de Paula e Iazana Guizzo (fundadora do escritório coletivo de arquitetura *Terceira Margem*), ocorreram perguntas que são relevantes para a formulação do presente capítulo. Tais questionamentos foram conduzidos pela repórter Andrea Dip, da referida Agência.

Na ocasião, Tainá de Paula, alegou que debate essas assimetrias de gênero a partir das desigualdades sociais postas, bem como pontuou que a cidade acaba sendo um grande território de opressão de um modo geral (PAULA, 2018). A arquiteta afirmou, ainda, que, inicialmente, os primeiros planejadores, os primeiros construtores, os primeiros pensadores da cidade foram homens e, concretamente, as cidades foram pensadas a partir dessa lógica e dessa métrica (PAULA, 2018).

Tainá de Paula utiliza a cidade do Rio de Janeiro como exemplo em que mulheres ricas eram vistas no centro da cidade em determinadas ruas, onde elas poderiam comprar, mas era da carruagem para casa, da casa para o espaço delimitado (rua de compras) (PAULA, 2018). Quem trabalhava, quem exercia o comando e tinha livre circulação nessa cidade era o homem. E as mulheres negras pós-escravas, por exemplo, foram proibidas de circular “rebolativas”, havia um decreto municipal que falava da forma como as mulheres negras rebojavam no centro do Rio de Janeiro (PAULA, 2018).

O não pertencimento do corpo feminino na sua plenitude, na sua forma completa de ser e estar, rebolando ou não, sendo força de trabalho ou não nessa cidade também criou a cultura desse não pertencimento. A mulher ter paridade nesse pensar urbano é fundamental para se definir outras formas de ser na cidade (PAULA, 2018).

---

<sup>4</sup> A Pública é a primeira agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos do Brasil. Todas as nossas reportagens são feitas com base na rigorosa apuração dos fatos e têm como princípio a defesa intransigente dos direitos humanos. Para mais informações, consultar: <https://apublica.org/quem-somos/>.

Iazana Guizzo, por sua vez, pontua que os espaços da cidade não são desenhados para pessoas e sim para os carros, o que não permite um ambiente seguro a ninguém. A lógica de uma cidade funcionalista, onde à noite não tem uso, é servida a partir da lógica do automóvel, em que não pensa a cidade, pensa um edifício isolado (GUIZZO, 2018). Nesta órbita, o espaço como produção de subjetividade, desenha uma cidade que produz corpos funcionais, automáticos, que não estão sensíveis a determinadas questões, e isso também é masculino. Quando se traz a ideia de que é pior para a mulher negra, com certeza é pior para a mulher negra pobre. É opressivo para os homens, é opressivo mais ainda para as mulheres, é opressivo mais ainda para as mulheres negras, é opressivo mais ainda para as mulheres negras pobres (GUIZZO, 2018).

Neste contexto, a repórter Andrea Dip, da Agência Pública de Jornalismo Investigativo, explana que

esses espaços são ruins inclusive para os homens, mas o homem, se deixar a carteira em casa, por exemplo, resolveu seu problema, que é o medo de ser assaltado. Se a gente estiver assim, do jeito que a gente está, sem nada no bolso, a gente vai ter medo de violência de gênero, que é outra coisa, que é outra coisa, é um outro medo (PÚBLICA, 2018, s/p.).

Após, Tainá de Paula complementa comentando sobre a passarela que aparece durante o filme (Vide figura 6) e a compara a uma grande gaiola. A arquiteta acusa o espaço de ser um grande separador e enclave urbano devido a pouca visibilidade que ela proporciona, tornando-o automaticamente um cenário de incerteza de segurança (PAULA, 2018). E para as mulheres, nessa lógica misógina, passa automaticamente a ser um ponto onde a violência sexual pode ser aplicada e pode ser realizada (PAULA, 2018).

Figura 5 - Cena do filme *Sob constante ameaça*



Fonte: Filme *Sob constante ameaça*, 2018.

Em seu trabalho *The geography of women's fear*, Valentine (1989) afirma que o medo da mulher no espaço público está associado à sensação de vulnerabilidade física em relação ao homem, principalmente o medo da violência sexista. As mulheres aprendem a perceber o perigo de homens estranhos em espaços públicos, apesar de que o risco de violação é maior em casa e por homens conhecidos.

Valentine (1989) argumenta que desde a infância a mulher é apresentada ao medo, exposta a “regras” que determinam um controle espacial das atividades femininas no espaço público. Transmitido pelos pais e estabelecido pela sociedade, o espaço seguro para a mulher é o espaço privado, a casa, diferente dos meninos que são apresentados desde cedo ao mundo público. Muitos desses conselhos remetem a ter cuidados com homens nas ruas, ou em determinados ambientes.

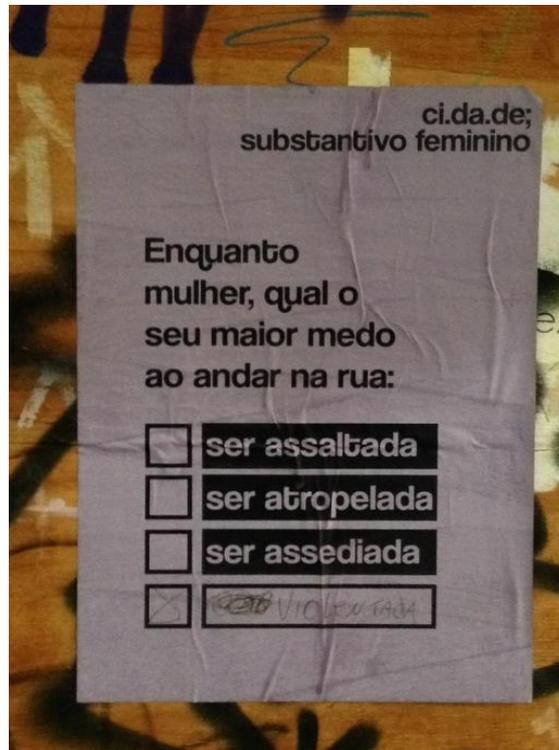
As mulheres, então, precisam refletir sobre esse apagamento da condição feminina, dos corpos femininos. Paralelo a isso, existe na cidade, a concepção de que estruturalmente a cidade é de todos, e todos é muita coisa, e todos vira ninguém quando você não repensa o planejamento urbano para os vários segmentos sociais. O planejamento urbano e os estudos preliminares de projetos de urbanismo e de arquitetura não refletem no Brasil as dificuldades e deficiências dos locais. As cidades que se tem hoje são um reflexo do nosso não-debate (PAULA, 2018). Sobre esta vertente, Iazana Guizzo (2018, s/p), inteira afirmando “que a cidade vazia é cidade perigosa. Então, se a gente tem uma combinação social, machista, que leva à violência, se isso estiver vazio, vai ser perigoso”.

A 3ª edição da Mostra de Arquitetura para Curitiba, ocorrida em 2017, cujo tema foi *Cidade presente, Cidade ausente*, consistiu em 21 propostas desenvolvidas em parcerias de arquitetos com estudantes de arquitetura em toda cidade. Os criadores do projeto têm como objetivo levantar a bandeira de que uma cidade planejada levando em conta questões de gênero, diversidade e igualdade favorece à todas e todos. O processo gráfico proposto leva às ruas, em formato de lambe-lambe, questionamentos em três temáticas atreladas às questões de gênero: mobilidade, gestão pública e morfologia urbana.

Além de manifestos, os cartazes trazem informações que, muitas vezes, são desconhecidas pela população, bem como questionam a realidade da desigualdade de gênero no cenário urbano. O objetivo é atingir não apenas a parcela da população que tem acesso às exposições, mas mulheres que circulam pelos mais variados cenários de Curitiba. Em um tema tão complexo, ao buscar responder “o espaço enfatiza a desigualdade de gênero?” ou “como a cidade de Curitiba pode criar uma rede de suporte à mulher?” (SARAIVA, 2019), a mostra

defende que não se pode mais negligenciar as dimensões da desigualdade de gênero ao falar de cidade, como mostra as imagens a seguir.

Figura 6 - Lambe Lambe feito para a 3ª edição da Mostra de Arquitetura para Curitiba



Fonte: 3º Mostra de arquitetura para Curitiba, 2017.



Fonte: 3º Mostra de arquitetura para Curitiba, 2017.

A mídia reforça a ideia do medo no espaço público, quando associa características ambientais de determinados locais aos tipos de crimes ocorridos contra mulheres. Além disso, transferem parte da culpa para as vítimas. Sobre essa vertente, Valentine (1989) relata o assassinato de uma mulher encontrada morta em um compartimento de trem vazio. Na época, a mídia ao divulgar a notícia enfatizou que a mulher estava em um espaço público isolado longe da proteção dos outros. Tanto a polícia quanto a mídia deram a entender que a vítima era, em certo, grau responsável pelo seu próprio destino, quando se colocou em tal situação.

Diante disto, tem-se que a mensagem que aquela mulher estava em um local perigoso ou inadequado quando foi atacada, cria imagens mentais de lugares onde homens estranhos podem abordá-las. Sobre este ponto, Valentine (1989) explana que a associação da violência masculina a certos contextos ambientais, produzindo lugares perigosos para as mulheres, são uma junção entre a experiência vivida e as informações secundárias.

Em face disto, as mulheres desenvolvem mapas mentais que mostram caminhos e locais em que podem ou não acessar, restringindo, deste modo, o seu acesso à cidade. O espaço público começa a ser negociado, os roteiros naturalmente escolhidos pelas mulheres são formas adotadas para se manterem seguras (VALENTINE, 1989).

A ideia de uma área perigosa nem sempre significa que nesta área ocorrem mais crimes. No caso das mulheres, a literatura coloca que elas são mais propensas a sofrerem violência no espaço privado e por pessoas conhecidas do que propriamente no espaço público com desconhecidos. Esta construção ilustra o conflito entre o que Valentine (1989) denominou de geografia do medo e a geografia do crime.

Valentine (1989) alega que o fato da mulher não desfrutar da independência e liberdade para se movimentar com segurança no espaço público reforça a ideia do espaço heterossexual de gênero, o que a leva a buscar a proteção da figura masculina (o pai, irmão, namorado e marido). A maioria das mulheres ainda adota um papel tradicional de gênero que reforça o ciclo de medo. Esse aspecto cria, assim, um subsistema em que a dominação masculina é mantida e perpetuada. É uma expressão do patriarcado o uso inibido do espaço público pela mulher.

Pesquisas feitas por organizações internacionais como ActionAid, mostram argumentos que retratam que o medo da mulher no espaço público também está ligado à presença masculina, embora esse ponto seja apresentado de forma tímida e exaltada às questões ligada as características ambientais e temporalidade. Acerca disto, cita-se como exemplo a iniciativa *Cidades Seguras para Mulheres*, publicada em setembro de 2014, pela ActionAid Brasil. A pesquisa expõe relatos que reafirmam o argumento de Valentine (1989) sobre a dualidade da

presença masculina (ora agressor, ora protetor). Para ilustrar o referido cenário, transcreve-se abaixo o depoimento abaixo:

Já aconteceu duas vezes de um carro me seguir. Em uma delas, era de noite e o carro parou no caminho que eu faço da escola para casa, quando desço do ônibus. Eu estava com uma colega e, quando a gente foi se aproximando, ele foi dando ré. Nós voltamos. E aí ele parou de novo. Nós ligamos para o irmão dela e ele foi nos buscar. A segunda vez foi durante o dia, era perto das 13h. O motorista do carro passou e começou a falar um monte de coisas, buzinou e foi me acompanhando com o carro. Eu comecei apressar o passo, até que outro homem se aproximou e perguntou se eu estava tendo algum problema. O carro acelerou e foi embora”. Lembra a adolescente os casos ocorridos em 2012. Ela completa: “Na primeira vez que aconteceu, eu fiquei uma semana sem ir para a escola, com medo. Na última, fiquei dez dias”. “Scarlet estuda à tarde e chega da aula por volta das 18h. quando passa um pouco mais do horário, o primo vai busca-la” (ACTIONAID BRASIL, 2014, s/p.).

Quanto à temporalidade supramencionada por Valentine (1989), a pesquisa da ActionAid Brasil também corrobora com o entendimento da referido autor, visto que os constantes depoimentos sobre transitar nos espaços públicos à noite apresentam as péssimas consequências para a vida das mulheres no meio urbano. A coordenadora do programa Direito das Mulheres da ActionAid Brasil, Ana Paula Ferreira, acredita que as mulheres que precisam trabalhar, acabam optando por não estudar, pois alegam não poder chegar em casa de noite, em razão da escuridão e dos riscos que ela causa, comprometendo completamente sua vida. No estudo *Cidades seguras para mulheres*, pode-se perceber que, na mídia, o que recebeu maior destaque diz respeito aos fatores físicos mostrados pelas mulheres como essencial na construção do medo no espaço público e conseqüentemente, restrição do espaço (SIQUEIRA, 2015).

A ausência ou precariedade da iluminação foi a mais mencionada como um dos elementos físicos que propicia o medo no espaço público. Dentro dos quatro estados participantes da pesquisa, 98% das mulheres que participaram da pesquisa no estado de Pernambuco, no município do Cabo de Santo Agostinho, declaram ter mudado o trajeto por conta da escuridão nas ruas alguma vez na vida, sendo que 54% delas ainda o fazem com frequência (SIQUEIRA, 2015). Mais de um terço das participantes afirmaram que a insegurança pode ser minimizada com a ampliação da iluminação das ruas, seguido da criminalização do assédio sofrido na rua, da mudança de comportamento dos homens e da redução dos intervalos entre os ônibus (SIQUEIRA, 2015).

A pesquisa *Chega de Fiu Fiu*, realizada pelas jornalistas Karin Hueck e Juliana de Faria, com 7.762 mulheres, em agosto de 2013, revela que 98% das mulheres já sofreram algum tipo de assédio em locais públicos e 68% foram insultadas depois de não terem correspondido a uma cantada. A pesquisa revela que expressões como “linda”, “gostosa” e “delícia” são

algumas das exclamações apontadas pelas participantes quando “cantadas” na rua. Destas, 83% dizem não considerar as cantadas como algo positivo, e 90% declararam já ter trocado de roupa com medo do assédio que poderiam sofrer ao sair de casa (ACTIONAID BRASIL, 2014).

O assédio nos espaços públicos é uma constante na vida de muitas mulheres. No relatório *As Mulheres e a Cidade*, da ActionAid, embora relatassem se sentir incomodadas com as abordagens na rua, muitas mulheres encaravam o fato com naturalidade compreendendo-o como uma experiência comum nas suas vidas. Esse processo de naturalização dificulta o enfrentamento do problema, uma vez que, mesmo reconhecendo a questão, muitas mulheres ainda não conseguem enxergá-la como uma violência, nem mesmo como assédio, como demonstram as tabelas abaixo:

Tabela 1 - Mudança de comportamento por motivo de segurança

Comportamento	SP	RJ	Recife	RN	Cabo	Olinda	Total
<b>Já deixou de sair de casa em determinado horário</b>	62,0	66,1	70,0	68,0	<b>84,0</b>	<b>74,0</b>	70,6
todo dia	0,0	12,5	20,0	14,0	14,0	<b>30,0</b>	15,0
toda semana	0,0	26,8	30,0	34,0	34,0	18,0	23,9
todo mês	62,0	28,6	22,0	20,0	36,0	24,0	32,0
<b>Cantada na rua</b>	46,0	<b>71,4</b>	54,0	54,0	58,0	56,0	56,9
todo dia	10,0	<b>14,3</b>	10,0	0,0	8,0	8,0	8,5
toda semana	0,0	19,6	14,0	4,0	0,0	8,0	7,8
todo mês	36,0	33,9	32,0	22,0	50,0	38,0	35,3

Fonte: Campanha cidade seguras para mulheres, 2014.

Tabela 2 - Sugestões para aumentar a segurança das mulheres no espaço público

Sugestões	SP	RJ	Recife	RN	Cabo	Olinda	Total
Aumentar a iluminação das ruas	38,0	32,1	28,0	42,0	<b>50,0</b>	34,0	37,3
Criminalizar o assédio sofrido na rua	0,0	46,4	16,0	40,0	<b>50,0</b>	<b>50,0</b>	34,0
Mudar o comportamento dos homens	<b>46,0</b>	32,1	20,0	38,0	12,0	12,0	26,8
Reduzir intervalos entre os ônibus	8,0	30,4	26,0	20,0	12,0	<b>46,0</b>	23,9

Fonte: Campanha cidade seguras para mulheres, 2014.

Tabela 3 - Abuso policial de acordo com a localidade

Abuso policial	SP	RJ	Recife	RN	Cabo	Olinda	Total
<b>Já sofreu assédio</b>	54,0	42,9	78,0	6,0	<b>84,0</b>	62,0	54,2
Cantada	<b>100,0</b>	41,7	81,8	4,0	16,0	18,0	21,6
Humilhação	0,0	11,1	<b>18,2</b>	0,0	0,0	4,0	2,6
Xingamento	0,0	<b>22,2</b>	18,2	0,0	0,0	0,0	3,3
Desrespeito	0,0	<b>30,6</b>	27,3	4,0	0,0	2,0	5,6
Brutalidade	0,0	5,6	<b>18,2</b>	0,0	0,0	0,0	1,3
<b>Local</b>							
Rua	<b>85,2</b>	100,0	20,5	100,0	0,0	32,3	41,0
Delegacia	0,0	4,2	2,6	33,3	<b>19,0</b>	0,0	6,6
Casa	0,0	<b>25,0</b>	2,6	0,0	0,0	3,2	4,8
Bar	0,0	12,5	0,0	0,0	0,0	3,2	2,4
Outros	0,0	<b>12,5</b>	0,0	0,0	0,0	0,0	1,8

Fonte: Campanha cidade seguras para mulheres, 2014.

Com relação à referida pesquisa, além da iluminação e da restrição das saídas noturnas, há mais dois pontos que merecem destaque, quais sejam: o assédio sofrido por profissionais de segurança e o medo nas ruas, praças e paradas de ônibus. Diante disto, faz-se o seguinte questionamento: o espaço e seu desenho urbano também influenciam no medo da mulher no espaço público?

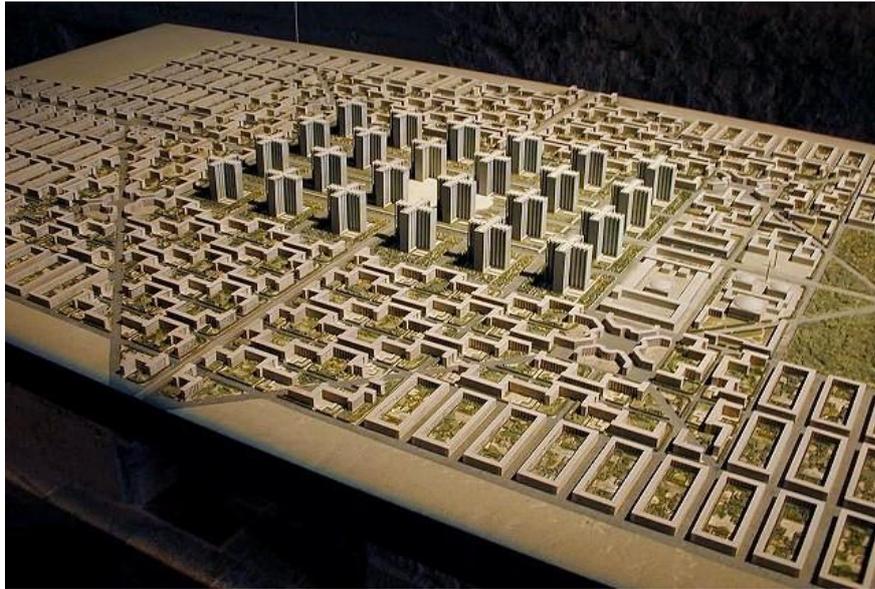
### 3.1 A segurança em meio ao desenho urbano

A cidade reflete as estruturas de poder que se dão dentro dela, a exemplo, cita-se o modelo urbano de arquitetura de Le Corbusier. Enquanto arquiteto e planejador urbano, Le Corbusier projetou e idealizou cidades com uma única função: trabalho. Cidades funcionais e patriarcais, tomado até hoje como referência para a proposição de espaços.

A cidade *Ville Radieuse* (Cidade Radiante) foi um plano urbano não construído de Le Corbusier, apresentado pela primeira vez em 1924 e publicado no livro homônimo em 1933. Projetado para conter meios eficientes de transporte, bem como uma abundância de espaços verdes e luz solar, a cidade do futuro de Le Corbusier não só almejava oferecer uma vida melhor aos residentes, mas contribuir para criar uma sociedade melhor. Embora radical, rigorosa e quase totalitária na sua ordem, simetria e padronização, os princípios propostos por Le Corbusier tiveram extensa influência sobre o planejamento urbano moderno, levando ao desenvolvimento de novas tipologias de habitação de alta densidade (MERIN, 2016).

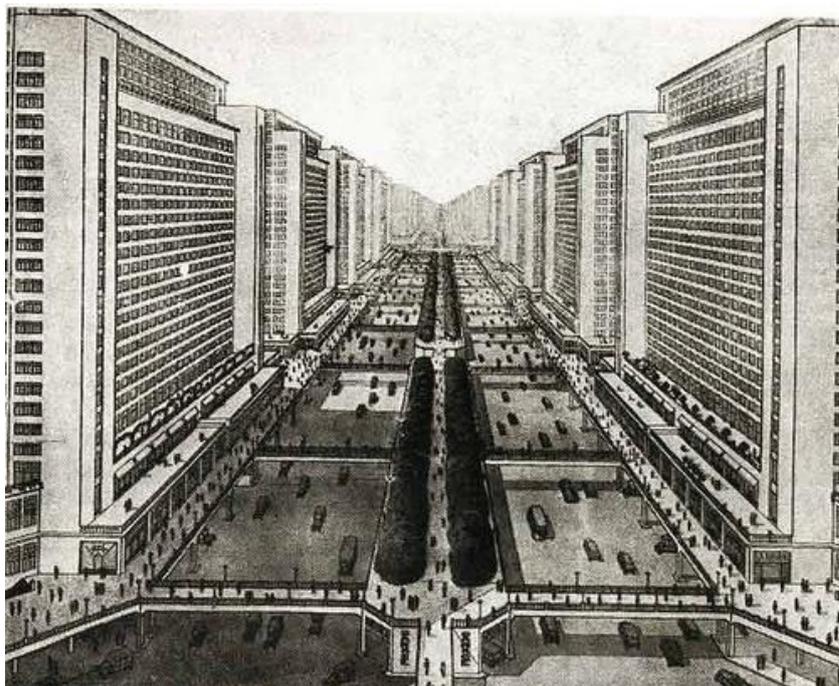
Assim, Le Corbusier (apud, MERIAN, 2016, s/p.) explica que a cidade de hoje vem “morrendo porque seu planejamento não está na proporção geométrica de um quarto. O resultado de um verdadeiro layout geométrico é a repetição, o resultado da repetição é um padrão. A forma perfeita”, conforme se observa nas imagens abaixo:

Figura 7 - Maquete Ville Radieuse (Cidade Radiante)



Fonte: (ARCHDAILY, 2016).

Figura 8 - Perspectiva feita por Le Corbusier



Fonte: (ARCHDAILY, 2016).

Entretanto, estudos apontam que o modelo moderno de construir cidades cria barreiras para determinados grupos de acesso aos espaços públicos. Jan Gehl na sua obra intitulada *Cidade Para as Pessoas*, publicado no Brasil em 2013, admite que “vista do alto, Brasília é uma bela composição”, mas “a cidade é uma catástrofe ao nível dos olhos” (GEHL, 2013, p. 196-197). Ademais, acrescenta que “os espaços urbanos são muito grandes e amorfos, as ruas muito largas, e as calçadas e passagens muito longas e retas” (GEHL, 2013, p. 196-197).

Gehl (2013) entende que o planejamento urbano envolve três níveis de escala, a saber: 1) a grande escala, que corresponde ao projeto concebido desde uma perspectiva aérea macro, 2) a média escala, voltada ao projeto de bairros ou áreas determinadas da cidade, ainda com a perspectiva aérea, embora em baixa altitude, e 3) a pequena escala, que é a cidade experimentada pelas pessoas que a utilizam ao nível dos olhos. Diante disto, convém ressaltar que a falta desses componentes pode ocasionar insegurança.

Segundo Siqueira (2015), o foco no desenho urbano e sua relação com o medo do crime no espaço público não é recente. A crença na relação entre as configurações físico-espaciais e a ocorrência de determinados delitos, teve como marco inicial a Escola de Chicago, na década de 20. Segundo Souza e Compans (2009), a Escola de Chicago traz uma nova reflexão sobre o papel do espaço no comportamento psicossocial dos indivíduos e da coletividade. A arquitetura, especialmente a referida a problemas de segurança residencial, organizou-se em torno do suporte explícito ou implícito de que o reordenamento das formas espaciais modifica o comportamento e as estruturas sociais (SEPÚLVEDA apud SOUZA; COMPANS, 2009).

Na década de 60 ocorreu uma mudança no foco na análise da criminalidade e o local do crime passou a ter atenção especial na busca dos eventos criminais. As teorias sobre a manipulação do espaço como forma de prevenir e/ou reduzir a criminalidade e a sensação de insegurança originou teorias, estudos e intervenções (SIQUEIRA, 2015).

Assim, existem bibliografias e linhas de teorias que dão suporte a relação do espaço aos problemas locais de delinquência, tais como: a) *A morte e vida das grandes cidades americanas* (2000), de Jane Jacobs, b) *Cidade para pessoas* (2013), de Jan Gehl, c) *Manual de Análisis Urbano. Género y Vida* (2010), por Amaia Albeniz Goikoetxea, Ane Alonso Mendez, Oihane Ruiz Menéndez, Koldo Telleira Andueza, d) *Prevenção do crime através do desenho ambiental*, de Ray Jeffery.

Contudo, convém ressaltar que as questões de gênero não estão todas as obras supracitadas, muito embora existam estudos e tenham sido aplicados seus conceitos em planos e projetos urbanos, a produção é pequena e pontual, como pode ser observado a seguir.

a) *A morte e vida das grandes cidades americanas* (2000), de Jane Jacobs

Jane Jacobs (2000) traz inicialmente em seu livro *The death and life of great american cities*, os princípios de reurbanização em contrapartida às questões de natureza socioeconômicas. O seu foco principal decorre do indispensável conhecimento sobre o funcionamento e necessidades das cidades para, com isso, acumular informações em prol das diretrizes coerentes para o planejamento urbano.

As ruas e calçadas, segundo Jacobs (2000), são os órgãos vitais de uma cidade, pois é nelas que se dá toda a integração e convivência de uma sociedade, sendo os principais protagonistas do uso e ocupação das ruas e calçadas são as pessoas. Claro que esta integração implica em conflitos, tanto positivos quanto negativos, que podem dificultar ou não a convivência entre os cidadãos e o espaço urbano.

Jacobs (200) relata que diagnosticar os problemas de um bairro e tentar resolvê-los antes que tome proporções alarmantes é um dos principais fatores que torna uma vizinhança bem sucedida. O bairro é um misto, sem dúvida alguma, de usos e atividades que transmitem uma visível “independência”, pois eles são diferentes tanto no sentido social quanto cultural e econômico, mas é um engano pensar que seja independente em relação à cidade, ainda mais porque ele é parte integrante da mesma.

Jacobs (2000) apresenta o argumento de que a segurança em uma rua está relacionada à capacidade de infraestrutura que esta possui para receber as pessoas. A presença de desconhecidos deve ser garantida, independente de horário, e para isso ela deve comportar diversos usos que favoreçam a utilização da rua em horários distintos do dia, garantindo o tráfego permanente de pessoas. Assim, elege três princípios para uma rua segura: a existência de olhos da rua, a presença de elementos atrativos e a garantia de diversidade de usos.

Olhos nas ruas são necessários para vigiar a rua, ou seja, as edificações não devem estar de costas para a rua, oferecendo janelas e portas de acesso voltadas para as calçadas. Estas, por sua vez, devem permitir a visão e controle dos proprietários naturais do lugar. Esta qualidade gerou uma série de políticas posteriores denominadas vigilância dos bairros. Os programas chamados de *neighborhoodwatch* incentivavam os moradores a manter visão das janelas, além de estabelecer ligações estreitas com a polícia, relatando fatos estranhos e acontecimentos no bairro, que poderiam levar a criminalidade (JACOBS, 2000).

Os elementos atrativos, como a presença de lojas, bares, restaurantes e espaços para o convívio ao longo das calçadas devem abrir em horários diferentes para gerar diversidade e

presença. Assim, o uso do lugar se torna mais diverso, os transeuntes e moradores se sentem mais seguros (JACOBS, 2000).

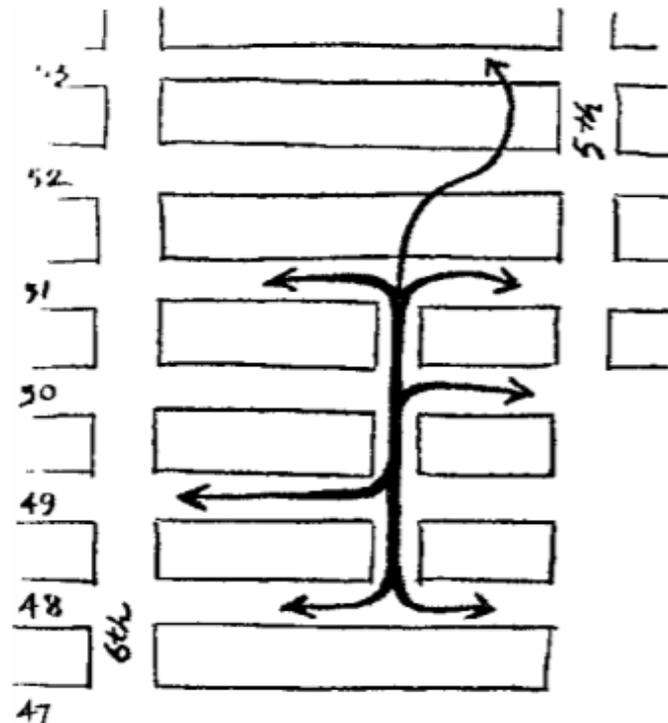
Quanto à diversidade, existem dois tipos diferentes: os de usos principais, que são aqueles que por si só atraem as pessoas a um lugar específico funcionando como âncora, como por exemplo, escritórios e fábricas, moradias, alguns lugares de diversão, educação e recreação. O outro tipo de diversidade é a derivada, que é um termo que se aplica aos empreendimentos que surgem em consequência da presença de usos principais, a fim de servir as pessoas atraídas pelos usos principais. As ruas e os bairros que possuem boa combinação de usos principais e tem êxito na geração da diversidade possuem maior probabilidade de obterem êxito também em outras áreas, inclusive nas mais sinistras (JACOBS, 2000).

Além disso, a iluminação, a existência de uma rede intrincada e quadras curtas são três pontos fundamentais abordados pela autora. A iluminação é importante, mas não é o principal determinante para a concretização da violência urbana, pois ela traz conforto para quem caminha nas ruas, permite uma visão mais clara do ambiente, mas não há efetividade se não existir pessoas caminhando no espaço. Deste modo,

[...] as luzes não tem efeito algum se não houver olhos e não existir no cérebro por trás dos olhos a quase inconsciente reconfirmação do apoio geral na rua para a preservação da civilidade. Quando não há olhos atentos, podem ocorrer crimes horrorosos em público, e ocorrem nas bem iluminadas estações de metrô (JACOBS, 2000, p. 43).

A segurança urbana não dever ser determinada pela presença de policiamento e sim pela presença de uma rede intrincada. Esta, segundo Jacobs (2000), é formada por um controle e padrões de comportamento espontâneos adquiridos quase que inconscientemente pelas pessoas e utilizados por elas (SIQUEIRA, 2015). Segundo, Jacobs (2000, p. 197) “as ruas e as oportunidades de virar esquinas dever ser frequentes”, sobretudo, em se tratando de quadras curtas (Vide figura 10).

Figura 9 - Quadras curtas ilustradas por Jane Jacobs



Fonte: (JACOBS ,2000, p. 201).

Para Jacobs (2000), a cidade é um grande papel rascunho, no qual a teoria deveria ser posta em prática, analisada, encontrando possíveis erros, para serem melhoradas, mas não é isto que acontece. Os especialistas estudiosos não conseguem interpretar os problemas da sociedade, conseqüentemente, as cidades passam a ser não funcionais. Apesar disso, Jacobs (2000) ainda acredita que existem profissionais sérios, comprometidos e dispostos que buscam compreender a grande diversidade do funcionamento urbano e social.

b) *Cidade para Pessoas* (2013), Jan Gehl

A paisagem urbana é a chave para melhores cidades para pessoas. Indo contra o modelo das cidades modernistas, como dito anteriormente, o grande exemplo de Brasília, Jan Gehl (2013) busca a cidade criada para as pessoas, para o convívio ao nível dos olhos, para a qualidade de vida. Nada de busca pela forma, mas pela escala humana. O carro espreme a vida urbana para fora do espaço público (GEHL, 2013).

Jan Gehl (2013) adverte em seu livro *Cidade para pessoas* que pela primeira vez na história da humanidade cidades não são construídas como conglomerações de espaços urbanos, mas como edificações individuais. Há falta de estudos e de visão dos urbanistas para

o que chama de *ground floor* – o térreo, o nível da rua, é o espaço entre os edifícios que todos vivemos e esse que está cada vez mais negligenciado (GEHL, 2013).

Se um lugar proporciona o contato visual entre os cidadãos e tem uma infraestrutura adequada para evitar uma experiência sensorial desagradável, está cumprindo um dos princípios defendidos por Gehl (2013), para determinar se um espaço público é bom ou não. Para o autor, o objetivo seria o tratamento total, em que a cidade se harmonizasse em sua completude (a linha do horizonte, a implantação dos edifícios e as proporções do espaço urbano) combinados a partir de um cuidadoso tratamento da sequência de espaços, detalhes e equipamentos ao nível dos olhos (GEHL, 2013).

Esse ideal contrasta com a prática de planejamento com raízes no modernismo, priorizando os edifícios, em vez de priorizar o todo e o espaço urbano. Dessa forma, planejar cidades e empreendimentos do alto e de fora, basicamente, que apenas a escala urbana e escala do empreendimento, foram adequadamente contempladas (GEHL, 2013). Fotos que mostram clientes, gestores e arquitetos orgulhosos se inclinando sobre a maquete de um novo empreendimento, retratam o método e o problema (Vide figura 11). O empreendimento visto de cima e, por essas perspectivas, diversos elementos, como edifícios, quarteirões e as vias de tráfego podem ser modificados, até que tudo pareça “certo”, mas do alto e de fora (GEHL, 2013).

Figura 10 - Fotografia ilustrada no livro *Cidade para pessoas*

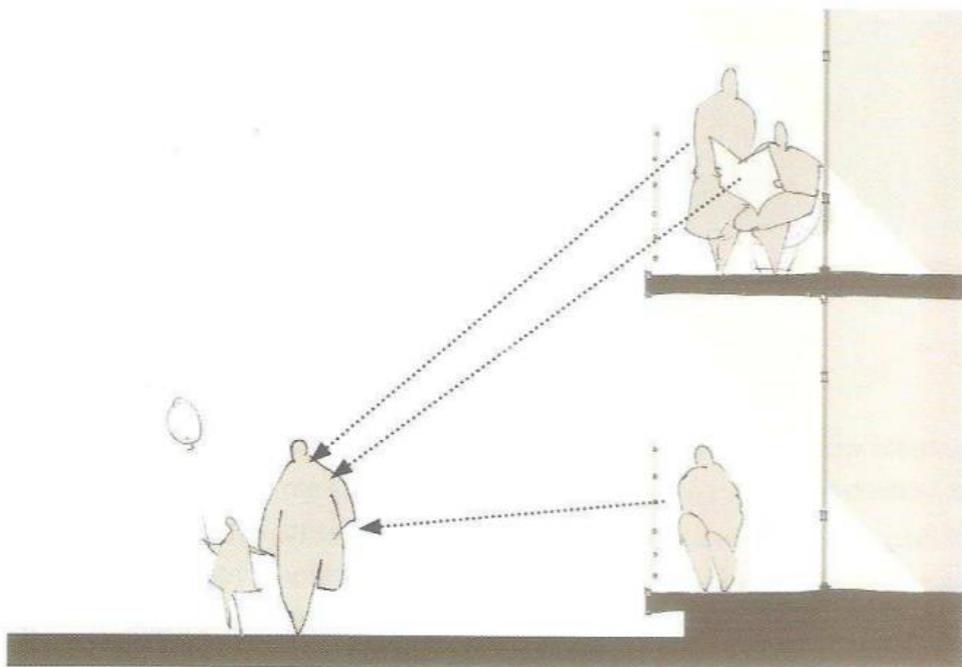


Fonte: (GEHL, 2013).

“A cidade vista da perspectiva de um helicóptero. Quem é responsável pela vida na cidade?” (GEHL, 2013) Infelizmente, o que aconteceu em Brasília, na qual as duas maiores escalas são utilizadas enquanto se descarta a escala menor, espalhou-se como um princípio de planejamento urbano.

Além do mais, Gehl (2013) afirma que é preciso considerar as linhas de visão entre o exterior e interior para que as pessoas possam olhar para fora, quer estejam sentadas ou de pé (Vide figura 12). Pode-se garantir uma grande variedade de experiências visuais sem comprometer o domínio privado. Dessa forma, a vida na cidade não tem chances com prioridades nessa ordem: edifícios, espaço e vida. Gehl (2013) defende princípios para que as cidades sejam mais democráticas a todos que vivenciam a cidade.

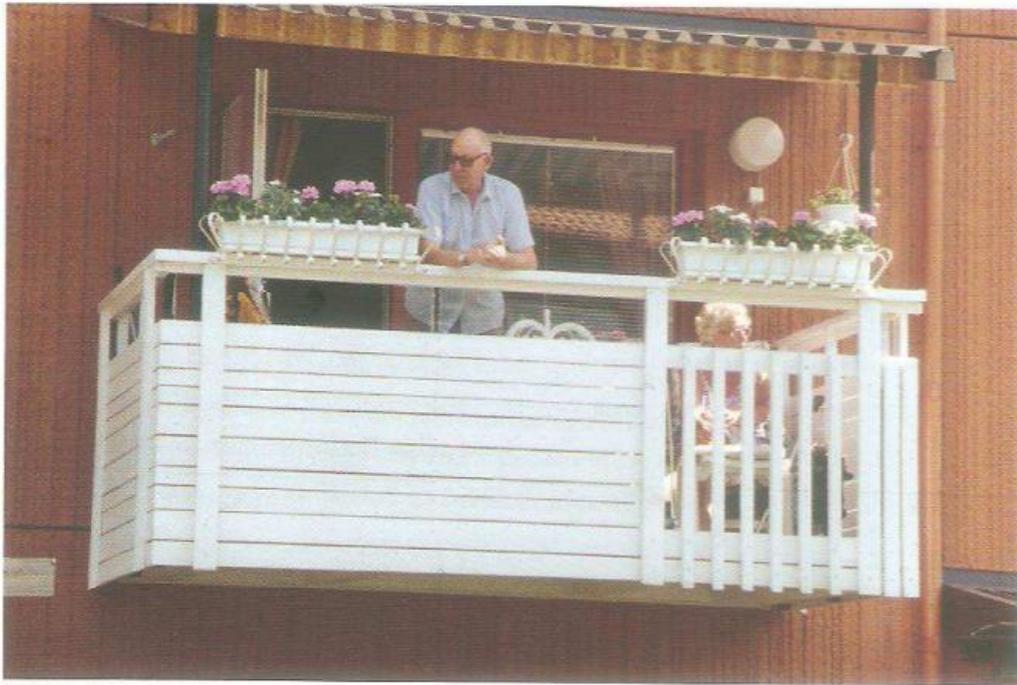
Figura 11 - Ilustração feita por Jan Gehl em seu livro Cidade para pessoas



Fonte: (GEHL, 2013).

Um exemplo arquitetônico são os guarda-copo das sacadas dos conjuntos residenciais de Ralph Erskine (Vide figura 13), eles foram projetados para dar uma boa visão do nível inferior (GEHL, 2013).

Figura 12 - Imagem das sacadas de Estocolmo, Suécia



Fonte: (GEHL, 2013).

Dessa forma, ele defende princípios para que as cidades sejam mais democráticas a todos que vivenciam a cidade, como Escala humana; Cidade sustentável; Cidade ao nível dos olhos e Caminhabilidade.

c) *Manual de análisis urbano. Género y vida cotidiana* (2010), de Amaia Albeniz Goikoetxea, Ane Alonso Mendez, Oihane Ruiz Menéndez, Koldo Telleira Andueza

Para análise da vivência entre a desigualdade de gênero e a vivência do espaço público pela mulher, Amaia Albeniz Goikoetxea, Ane Alonso Mendez, Oihane Ruiz Menéndez, Koldo Telleira Andueza, três mulheres e um homem, que fazem parte do coletivo *Hiria Kolektiboa*, propõem no livro *Manual de Análisis Urbano. Género y Vida* (2010) uma ferramenta de análise prática do espaço urbano, com o objetivo de construir coletivamente – unindo arquitetos e urbanistas, cidadãos e cidadãs e o poder público –, cidades sem hierarquia de gênero, da qual é produto do projeto *Mapa De La Ciudad Prohibida Para Las Mujeres*.

Esta referência retrata a extrema importância da participação das mulheres na construção das análises de projeto, suprimindo, parcialmente, a necessidade da representatividade no processo de pensar na cidade. O Manual demonstra que a segurança na cidade reflete em todos que vivem nesse espaço, mas considera que são as mulheres as mais afetadas.

O que as atinge não está restritivo as experiências individuais, também envolvem pessoas relacionadas a ela, como filhos, idosos, doentes e até companheiros e que se encontram sob sua responsabilidade (GOIKOETXEA; MENDEZ et al. 2010, p. 20) Além disso, lugares diferentes geram sensações diferentes, e essas sensações e experiências influenciam diretamente o uso que é feito deles. O relacionamento entre medo e “não uso” do espaço estão interligados, pois espaços não vividos são percebidos como desconhecidos e hostis (GOIKOETXEA; MENDEZ et al. 2010, p. 31).

Trata-se de explicar como o planejamento urbano e o design o afetam reduzindo as chances de sofrer uma agressão e melhorando a sensação de segurança. É importante analisar e descobrir as razões que fazem os lugares serem amigáveis e vivos ou, pelo contrário, vazios e hostis, podem estar ligadas com fatores físicos da própria configuração urbana e a relacionado a sentimentos mais complexos (GOIKOETXEA; MENDEZ et al. 2010, p. 31).

A referência partiu, então, de alguns conceitos de que o espaço não é neutro, e que fatores de ordenamento urbano podem, sim, favorecer a violência de gênero em espaços públicos e sua sensação de insegurança (medo), principalmente quando está escuro, horário que as mulheres evitam as ruas ou precisam usar as ruas para ir ou voltar do trabalho, mas fazem, ainda sim, com medo (GOIKOETXEA; MENDEZ et al. 2010, p. 31).

Nas pesquisas realizadas por planejadores urbanos em Montreal, dentro do programa *Femmes Et Ville*, entre os anos de 1994 e 2004, as mulheres participantes indicaram os fatores contribuintes, de acordo com seus conhecimentos e experiências, propícios a tornar um lugar seguro, quais sejam: a) reconheça o ambiente facilmente, saiba onde você está e para onde está indo (fácil orientação e reconhecimento dos diferentes elementos do espaço), b) ver e ser vista, c) ouça e seja ouvido, d) sempre tenha a visão de uma saída ou um lugar para pedir ajuda, e) limpar e cuidar do meio ambiente e agir coletivamente no espaço publico (GOIKOETXEA; MENDEZ et al. 2010, p. 35).

Ademais, deve-se “superar a abordagem setorial que até agora existia no planejamento para entender nosso território como um todo em que qualquer uma de suas partes é impossível entendê-lo sem as demais” (GOIKOETXEA; MENDEZ et al. 2010, p. 33).

d) A prevenção do crime através do desenho ambiental, de Ray Jeffery

A Fundação Paz Ciudadana (2003) pontua que a prevenção do crime através da arquitetura ambiental traz como principais aspectos o que pode influenciar o aumento da

criminalidade, a saber: a falta de iluminação, de limpeza, manutenção, sinais de desordem social e física, como pichações, janelas quebradas, equipamentos ou mobiliários atingidos pelo vandalismo e a não apropriação dos espaços pela comunidade.

Com o passar dos anos a estratégia se expandiu e novos pesquisadores passaram a estudar e escrever sobre o tema, apresentando à estratégia denominações diferentes, mas com aspectos conceituais de mesma natureza, tais como *A prevenção do crime através do desenho urbano* (JOAQUIM NETO; VIEIRA, 2014).

A expressão *prevenção do crime através do desenho ambiental*, traduzida do inglês *Crime Prevention Through Environmental Design* (CPTED), foi originalmente utilizada pelo criminologista Ray Jeffery, pesquisador da Universidade do estado da Florida, em 1971. A obra de Jeffery foi um marco na forma de pensar acerca do comportamento antissocial e criminoso. Porém, a obra foi ofuscada durante uma década pelo *Defensible Space*, de Newman (SOUZA; COMPANS, 2009). Barros (2012) acredita que tanto Jeffery quanto Newman construíram suas obras a partir das ideias de Elizabeth Wood, Jane Jacobs e Scholmo Angel.

Além disso, Barros (2012) também constatou Elizabeth Wood, por volta dos anos 60, estabeleceu diretrizes quanto à segurança na cidade, enfatizando características de desenho que serviam de base à vigilância natural. Angel, por sua vez, em 1968, evidenciou que “o ambiente físico poderia exercer influência direta sobre o crime a partir da demarcação de territórios, aumento ou redução de acessibilidade através da criação ou supressão de limites e redes de circulação e possibilidade de controle pela população e pela polícia” (BARROS, 2012, p. 90).

Dessa forma, Rau (2003) define o CPTED como um conjunto de estratégias de aplicação prática de prevenção contra o crime, que busca reduzir as oportunidades de delitos, bem como a redução do medo da comunidade aumentado a coesão comunitária. Para Rau (2003), a base do CPTED é a Teoria da Decisão Racional, que explica que a ocorrência do ato delitivo está relacionada à análise de custo e benefício feita pelo infrator. Esta leva em consideração três variáveis ambientais: a situação favorável, uma vítima vulnerável e sua motivação (SIQUEIRA, 2015).

Esta teoria faz, no entanto, surgir duas gerações diferentes. Rau (2003) tem como marco a obra de Jeffery, composta por quatro conceitos: controle natural dos acessos, vigilância natural, manutenção e reforço territorial. A segunda geração incorpora tanto os aspectos físicos como sociais do ambiente e assim, oferece a possibilidade de um novo enfoque: a construção de comunidades que bebe do legado de Jane Jacobs. De acordo com Rau (2003), à segunda geração são acrescentados aos primeiros princípios do CPTED mais quatro novas categorias.

Na primeira geração, seus princípios são:

1. Promover vigilância natural

Com base nesse princípio, é essencial promover a possibilidade de ver e ser visto para criar ou manter um espaço seguro. A alta visibilidade de um lugar faz com que os usuários o possam controlar melhor e diminui a possibilidade de que ocorram crimes de oportunidade (SIQUEIRA; MARANHÃO, 2004).

2. Estimular o controle natural dos acessos

Princípio este que, por meio de estratégias de projeto, visa a incentivar o controle social sobre os acessos a um determinado espaço (SIQUEIRA; MARANHÃO, 2004).

3. Estimular a confiança e colaboração dos moradores

De acordo com essa norma principiológica, o reforço e a confiança mútua e o sentimento dos moradores de pertencerem ao seu entorno, estimulam o controle social exercido sobre um determinado setor, contribuindo para gerar seu cuidado e uso adequado. (SIQUEIRA; MARANHÃO, 2004).

Na segunda geração, foram adicionados mais quatro novos princípios:

1. Reforçar a identidade com o espaço público

Tal princípio preceitua que uma estratégia que reforça a identidade com o espaço público envolve a comunidade em sua recuperação e projeto, passando a senti-lo como próprio, se apodera dele e o cuida. O desenho desses lugares com participação cidadã é uma condição essencial para a comunidade, porque ajuda as pessoas a se conhecerem e aprofunda os laços comunitários (SIQUEIRA; MARANHÃO, 2004).

2. Planejar em menor escala

Conforme este princípio, o tamanho de um conjunto urbano pode afetar a sensação de segurança de seus usuários. Em conjuntos de grande porte é difícil estabelecer laços comunitários profundos. Em uma escala menor, o cidadão sente que pode controlar seu espaço, que corresponde a seu tamanho pessoal, porém não deve ser esquecida a relação desse espaço com a escala maior (SIQUEIRA; MARANHÃO, 2004).

### 3. Estimular a participação e a responsabilidade da comunidade

Tal norma principiológica implica que os moradores participem ativamente da vida social de uma comunidade (SIQUEIRA; MARANHÃO, 2004).

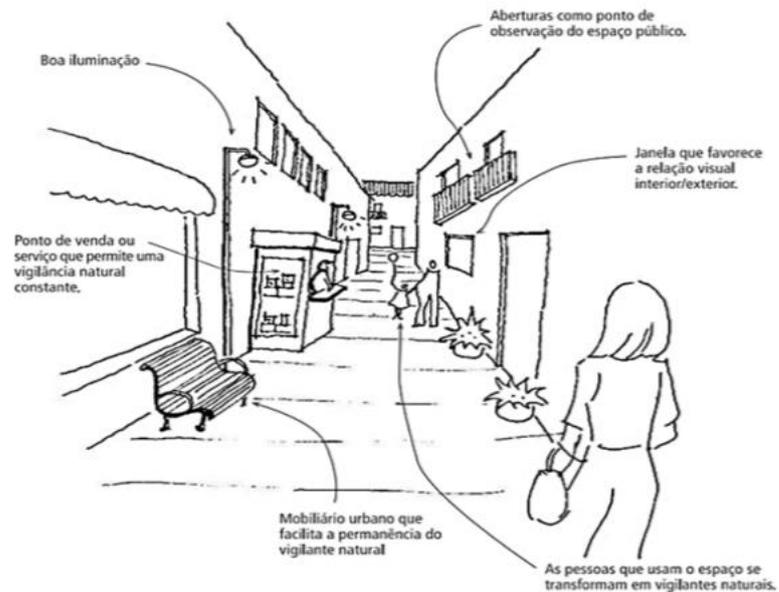
### 4. Administrar adequadamente os espaços públicos

Com base nesse princípio, definir formas de cogestão de um espaço novo ou recuperado, que estabeleça programas municipais de manutenção e atividades comunitárias, é vital para que uma estratégia de prevenção seja sustentável e estimule o encontro e o uso coletivo de tal espaço (SIQUEIRA; MARANHÃO, 2004).

No entanto, apesar das críticas, o CPTED (Vide figura 14) vem sendo incorporado a planos, projetos e iniciativas governamentais no mundo todo. No Brasil, a utilização do desenho urbano como forma de prevenção a violência está cada vez mais ganhando espaço. Bons exemplos são a inclusão do tema no Pacto pela Vida – Plano Estadual de Segurança Pública de Pernambuco, Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronas) e intervenções urbanas como no projeto Dias Melhores na Bahia (SIQUEIRA, 2015).

Santos, Siqueira e Maranhão (2004) elaboraram o *Manual Espaços Urbanos Seguros*, baseando-se no manual chileno homônimo, o documento apresentava recomendações de projetos e de participação comunitária. O capítulo sobre recomendações de projetos abrange quatro itens: a edificação (mais precisamente a relação da edificação com o espaço público), o espaço de transição (os jardins), os limites (referente aos muros dos lotes) e espaços públicos e elementos urbanos. Em regra geral, as sugestões pretendem estabelecer o máximo um contato visual entre o público (lote) e o privado (rua), dotar os espaços públicos de elementos que favorecem a vigilância natural com áreas de permanência, diversidade de uso e atividades e manutenção adequada.

Figura 13 - Exemplo de análise em uma rua que incorpora os conceitos de CPTED



Fonte: (DIAS, SIQUEIRA; MARANHÃO, 2004, p. 18).

Dessa forma, Dias, Siqueira e Maranhão (2004) afirmam que a falta das recomendações para espaços e elementos urbanos do Manual Espaços Urbanos Seguros, podem ocasionar em:

- a) Áreas de convívio e circulação.
  - ✓ Pouca presença natural de pessoas, especialmente à noite.
  - ✓ Iluminação mal distribuída ou com pouca manutenção, pouco uniforme e com bolsões de escuridão.
  - ✓ Pontos de controle visual dentro da praça ou parque que impedem ver e ser visto.
  - ✓ Falta de sinalização adequada para compreender as atividades e a circulação dentro da área verde. Vegetação com pouca manutenção que bloqueia o campo de visão.
  - ✓ Calçadas irregulares, com obstáculos e materiais de piso inadequados e sem manutenção.
  - ✓ Vegetação inadequada (com raízes) que danifica o pavimento e prejudica a circulação.
  
- b) Mobiliário urbano – bancas de revista

- ✓ Bancas mal iluminadas e mal localizadas obstruem a circulação, o campo de visão e/ou criam locais que podem servir como esconderijos.
- c) Mobiliário urbano – iluminação
- ✓ Luminárias mal distribuídas que criam bolsões de escuridão e não iluminam os espaços onde são exercidas algumas atividades.
  - ✓ Luminárias com pouca intensidade e que não permitem distinguir nitidamente as feições de uma pessoa que se aproxima de frente a uma distância de 15 m (distância média estabelecida para que alguém possa reagir diante de uma percepção de perigo).
  - ✓ Iluminação bloqueada pela vegetação
  - ✓ Luminária sem manutenção.
- d) Mobiliário urbano – bancos
- ✓ Bancos mal situados que podem obstruir a circulação ou localizados em áreas que possibilitam vigiar e ser vigiado. Pouca resistência ao uso e à deterioração.
- e) Mobiliário urbano – lixeiras
- ✓ Lixeiras cheias e/ou danificadas contribuem com a deterioração do espaço público.
  - ✓ Lixeiras mal localizadas podem obstruir a circulação e dificultar o seu uso.
- f) Mobiliário urbano – pontos de ônibus/taxis
- ✓ Pontos mal iluminados e situados em lugares com pouco controle visual.
  - ✓ Pontos mal localizados que impedem uma boa circulação em seu perímetro.
  - ✓ Pontos sem sinalização das linhas de transportes oferecidas.
- g) Perfis de rua (usos)
- ✓ Pouca ou nula relação interior/exterior entre o prédio e o espaço público.
  - ✓ Vulnerabilidade de porta e janelas.
  - ✓ Fachadas pouco iluminadas que provocam bolsões de escuridão.
  - ✓ Falta de mobiliário urbano que permita o pedestre se sentir e agir como vigilante natural.
  - ✓ Em alguns horários há pouca presença de pessoas.

- ✓ Falta de atividades permanentes no espaço público adjacente ao edifício para gerar a presença natural de pessoas.

### 3.2 A segurança é fundamental para inclusão

A divisão das Nações Unidas para direitos das mulheres (UN Women) lançou, em 2010, uma iniciativa chamada *Cidades e espaços públicos seguros*, que destaca a importância da segurança para promover igualdade de gênero no espaço público (FREITAS, 2016). Tal iniciativa, ocorreu, principalmente, nos países onde a violência contra a mulher tem índices muito altos, esse acaba se tornando o primeiro empecilho para que elas usem as ruas de maneira igualitária. O assédio e o risco de estupro fazem com que mulheres evitem determinados caminhos e tipos de transporte dependendo da hora do dia e moldam o mapa urbano para elas (FREITAS, 2016).

A arquiteta indiana Shilpa Ranade (2011) afirma que os homens ocupam os espaços públicos de maneira bem diferente. Homens escolhem um caminho porque ele é mais interessante e eles podem passear. Essa afirmação reforça a ideia que algumas decisões de planejamento urbano acabam forçando mulheres a situações ainda mais inseguras. Em Nova Delhi, na Índia, a cidade onde há mais estupro, se comparado ao número de mulheres no país, a ONG Jagori observou que a falta de lixo ou água nos banheiros públicos femininos fazia com que mulheres se dirigissem a terrenos baldios ou bosques para jogar fora absorventes usados, ficando, portanto, mais vulneráveis a agressores (FREITAS, 2016).

A mesma ONG notou ainda que o medo das mulheres em usar banheiros públicos inseguros, também acaba gerando uma reação em cadeia que afeta diretamente a saúde pública: mulheres bebem menos líquidos e têm mais consequências como infecção urinária (FREITAS, 2016).

A iniciativa mais recente da ONG é o *Safetipin*, um aplicativo para *smartphone* que ajuda a mapear colaborativamente as áreas mais seguras e inseguras da cidade. No aplicativo, os usuários podem avaliar os locais levando em conta fatores como o equilíbrio do uso do espaço entre homens e mulheres, a ausência ou presença de calçada, a segurança e a impressão geral do local (FREITAS, 2016), conforme se observa na figura abaixo:

Figura 14 - Mapeamento formulado no aplicativo *Safetipin*



Fonte: (SEHKAR, 2014).

No Brasil, a arquiteta e urbanista, especializada em urbanismo, Priscila Gama, revoltada e indignada durante o auge da campanha que usou a *hashtag* “MeuPrimeiroAssédio”, que no fim de 2015 incentivou mulheres a expor nas redes sociais relatos de assédio sexual (VENAGLIA, 2018). À época Gama relatou ter percebido que

muitas das histórias tinham a ver com mobilidade, com mulheres que estavam sozinhas no momento em que o abuso aconteceu. E passei a pensar em como resolver essa questão. Foi quando tive a ideia de um aplicativo que funcionasse como uma companhia virtual (apud VENAGLIA, 2018, s/p.).

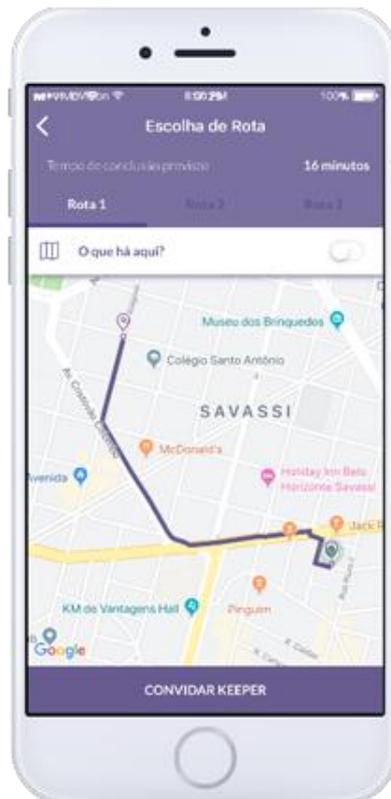
Criadora do aplicativo Malalai (Vide figura 16), destinado a ajudar as mulheres a enfrentar a insegurança das ruas, Priscila Gama explica que suas funções contam, primeiramente, em ação preventiva, é o mapeamento de rotas mais seguras para as mulheres que andam a pé nas cidades, com base em critérios como iluminação pública, existência de comércio aberto e de postos policiais, entre outros (apud VENAGLIA, 2018).

Além disso, o aplicativo tem foco no aumento da sensação de segurança, haja vista que o recurso de companhia virtual permite que a mulher escolha alguém, via celular, que

acompanha sua rota e o tempo de chegada a seu destino. E por último, consiste no impedimento do abuso. Para tanto, o aplicativo tem um botão de emergência que, acionado, envia mensagens de pedido de socorro a três contatos de confiança pré-selecionados. O serviço tem mais de 4 000 usuárias cadastradas (VENAGLIA, 2018). Para complementar o negócio, Priscila Gama está desenvolvendo um anel discreto que permite o uso do botão de emergência de forma mais rápida, via Bluetooth (VENAGLIA, 2018).

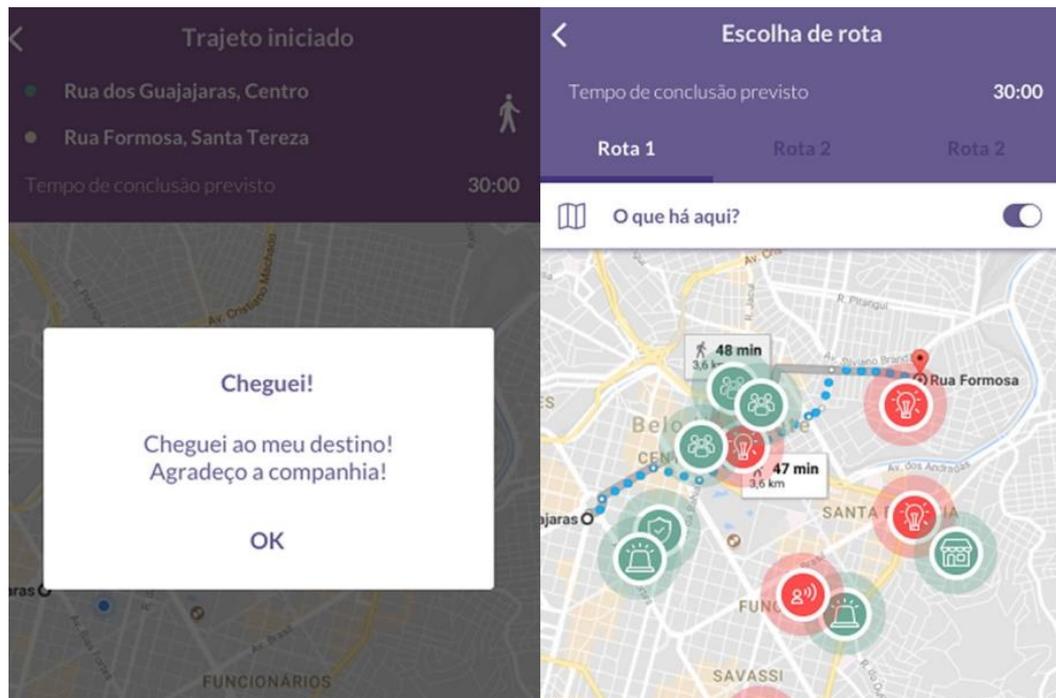
Contudo, Priscila Gama lamenta que “mais triste do que existir uma ferramenta como essa é saber que ela é necessária e ninguém fazer nada. Todo mundo sabe que o problema existe e que ele acontece diariamente” (apud VENAGLIA, 2018).

Figura 15 - Imagem do aplicativo no celular



Fonte: (MALALAI, 2015).

Figura 16 - Funcionamento do aplicativo



Fonte: (MELERO, 2017).

Partindo do princípio que o medo da mulher no espaço público limita o seu uso e traz consequências sociais, econômicas e de participação na cidade, busca-se nesse trabalho entender como esse medo foi construído. Existe uma relação entre os aspectos espaciais e sociais que possam influenciar na experiência do medo da mulher no espaço público? Com esse objetivo, partiu-se para investigação empírica na cidade de São Luís/MA, com base nas pesquisas pré-estabelecidas pela autora e pelos dados recolhidos na Delegacia especial de atendimento à mulher na Casa da Mulher Brasileira, em São Luís/MA, com intuito de contextualizar a experiência do medo.

## 4 METODOLOGIA

A metodologia é parte essencial da contribuição para a construção de um olhar na área da Arquitetura e Urbanismo através da perspectiva das mulheres. Dessa forma, é necessária uma mudança na forma de enxergar, analisar e compreender o espaço e a forma em que as pessoas se relacionam com ele. Para a exposição da metodologia utilizada nesse trabalho, este capítulo exhibe a construção da estrutura de investigação empírica desta pesquisa, o instrumento de pesquisa, o método de análise de dados e o perfil dos participantes.

### 4.1 A estruturação da pesquisa

O propósito de investigar o medo da mulher no espaço público requer uma abordagem metodológica que parta do pressuposto da existência de uma relação dinâmica entre o objeto estudado e a realidade. Como abordado no capítulo *Direito a cidade: uma visão por gênero*, o resultado da investigação (espaço público, medo e mulher), bem como a relação entre eles são produtos construídos pela sociedade e, por isso, em constante mudança e singular ao contexto que está inserido.

O medo é entendido como uma resposta emocional a uma ameaça, um comportamento culturalmente apreendido, que é transitório e situacional. O sujeito mulher, sob o olhar de gênero, é produto da construção social do feminino e do masculino que atribui a esses o seu papel na sociedade. E o espaço público, elemento de natureza heterogênea, espaço de troca, de socialização que materializa em suas ruas, praças e parques as relações entre o indivíduo e a coletividade.

O trabalho tem como finalidade ser uma pesquisa aplicada com base nos pressupostos de Gil (2008), em que o produto do seu estudo pode e deve ser aplicado na vida real, e que os questionamentos levantados contribuam positivamente para uma cidade mais democrática, diminuição da criminalidade e principalmente diminuição da violência urbana com mulheres.

A presente monografia possui, ainda, uma abordagem quantitativa, em que serão quantificados os dados para resolver o problema da pesquisa. Sendo assim, serão colhidos números registrados através das denúncias feitas na delegacia especial de atendimento à mulher em São Luís/MA, a fim de comprovar e validar estatisticamente uma hipótese já conhecida.

A pesquisa quantitativa terá seus resultados projetados em forma de gráficos, tabelas e mapas. Consequentemente, facilitando o entendimento, pois há uma padronização nos

dados coletados. O objetivo da pesquisa é de caráter descritivo, como explica Gil (2008), visando descrever o objeto de estudo. Para isso, é feita uma análise minuciosa e descritiva do trabalho, sem a interferência do pesquisador. A pesquisa tem como objetivo descrever com mais detalhes, preenchendo as partes que faltam e expandindo a compreensão. Para tanto, coletou-se o máximo de informação possível, mantendo sempre a veracidade dos fatos.

Os procedimentos adotados consistem em pesquisas bibliográficas de temas relevantes e relacionados ao assunto para enriquecimento do trabalho e proporcionar maior embasamento. Desta forma, o conteúdo será pesquisado por meio de algumas ferramentas, como livros, artigos acadêmicos, entrevistas e filmes. Por derradeiro, de acordo com Gil (2008), a pesquisa se sustenta no método hipotético-dedutivo, consistindo na eleição de hipóteses, possuindo certa viabilidade para responder o problema de natureza científica e por fim comprovar suas sustentabilidades para o trabalho.

#### **4.2 Referências da pesquisa metodológica**

Para análise sobre a relação entre as desigualdades de gênero e o espaço público pela mulher, foi utilizada como principal referência teórica a metodologia presente no livro *Manual de Análisis Urbano. Género y Vida*, do coletivo Hiria Kolektiboa. Por se tratar do produto do projeto Mapa De La Ciudad Prohibida Para Las Mujeres, no qual através de oficinas participativas, deu-se início a debates sobre os pontos indispensáveis para um urbanismo voltado para perspectiva de gênero feminino.

A referência propõe, a partir de um embasamento teórico, uma ferramenta de análise prática do espaço urbano tendo como objetivo uma construção coletiva entre arquitetas/os e urbanistas, cidadãos e o poder público para cidades sem hierarquia de gênero. Nesta referência, percebe-se a extrema necessidade da participação das mulheres na construção das análises e projetos, podendo parcialmente suprir a necessidade da representatividade no momento de pensar na cidade. Assim, o estudo se baseia no tema de insegurança na cidade e determinou quatro eixos de análises urbana, a saber: mobilidade, equipamentos, insegurança, representação simbólica, se desenvolvendo até a reprodução dos mapas da cidade.

O manual prova que a questão de inseguranças nos espaços públicos atinge a todas e todos que ocupam a cidade, mas ressalta que são as mulheres as mais afetadas, devido a falta da valorização da vida pessoal dela e sua vida com seus filhos, idosos, doentes e companheiros que ficam sob sua responsabilidade. Dessa forma, uma cidade pensada a partir da vivência da mulher, tenderá a atenuar os espaços de vulnerabilidade inclusive por outros grupos da

sociedade. A proposta da referência partiu de alguns conceitos como o espaço não sendo neutro, que os fatores de ordenamento podem favorecer a agressão às mulheres em espaços públicos e a sensação de insegurança, principalmente, durante a noite.

Segundo a pesquisa, existe uma série de fatores e ações a serem pensadas na direção de um urbanismo por uma perspectiva de gênero, quais sejam:

- ✓ Reconhecer facilmente o entorno,
- ✓ Ver e ser vista,
- ✓ Ouvir e ser ouvida,
- ✓ Ter sempre uma saída visível ou um lugar para pedir ajuda,
- ✓ Limpeza e cuidado do entorno,
- ✓ Atuação coletiva no espaço público,
- ✓ Iluminação.

Na Espanha, para a confecção dos mapas, foram realizadas oficinas participativas com as mulheres para que elas expusessem suas visões sobre a cidade, bem como para, também, dá-las embasamentos básicos sobre noções urbanas básicas. Ademais, as oficinas se mostram essenciais, visto que toda a informação dada pelas mulheres aos responsáveis técnicos que participaram do projeto foi absorvida a contento. Assim, foram elencados pontos da cidade serviram de base para os mapas e que posteriormente seriam modificados pelo poder público.

Logo após a preparação e execução das oficinas participativas, o projeto *Mapa De La Ciudad Prohibida Para Las Mujeres* partiu para a construção de mapas com base em fatores tidos como essenciais. Diante disto, o espaço foi estudado e observado por fatores como usos, fluxos, transportes públicos, lugares de permanência, vegetação, visadas principais e secundárias, rua cheia (segura) e iluminação.

Estes fatores foram elencados a partir de fichas preenchidas em visitas de campos que ocorreram em horários diferentes do dia e formaram o aporte para a elaboração do mapa em si. O produto (Vide figuras 18 a 21) foi complementado por uma tabela de conclusão dessa análise (Vide figura 22 e 23)

Figura 17 - Ficha de datos gerais

## a. VISITAS DE CAMPO

Ejemplo: plaza

## FICHA Datos Generales

**Carácter del área donde se ubica:**  residencial  oficinas  industrial  ocio

**Tipos de viales existentes en torno al espacio:**

peatonal  carretera  vía rápida  tranvía  
 carril bici  carretera de baja velocidad  ferrocarril  autopista/autovía

**Accesos:**  escaleras  rampa  acceso a parking

¿Existe alguna barrera arquitectónica? \_\_\_\_\_

¿Cómo podría eliminarse? \_\_\_\_\_ ¿Cómo está delimitada la plaza? \_\_\_\_\_

**Presencia de vegetación:**

zonas ajardinadas transitables  setos  árboles agrupados  
 zonas ajardinadas no transitables  árboles aislados  bosque  
 flores  árboles alineados  vegetación decorativa

Proporción de la vegetación respecto del espacio total \_\_\_\_%. Relación entre vegetación y actividades a desarrollar \_\_\_\_\_

Favorece o dificulta este desarrollo de las actividades \_\_\_\_\_

**Mobiliario urbano:**

bancos  inst. deportivas  baños  papeleras  contenedores basura  
 sillas  quiosco música, teatro  cabinas teléfono  fuentes  \_\_\_\_\_  
 juegos infantiles  zonas cubiertas  buzones  quiosco  \_\_\_\_\_  
 juegos juveniles  terrazas  farolas  esculturas  \_\_\_\_\_

**Equipamientos cercanos:**

centro de enseñanza  centro cultural  instituciones  comisaría policía  
 centro de salud  centro deportivo  centro comercial  museo  
 centro asistencial  centro religioso  mercado barrio  \_\_\_\_\_

**Medios de transporte:**

parada autobús urbano  parada tranvía  parada autobús escolar  aparcamiento  
 parada metro  parada de taxis  estación de autobuses

Fonte: Manual de análisis urbano. género y vida cotidiana, 2010.

Figura 18 - Ficha de visitas a campo

FICHA Visitas mañana , tarde y noche

**OBSERVACIONES:**  
 Por dónde se ha llegado al lugar: \_\_\_\_\_  
 Hora: \_\_\_\_\_ Cómo: \_\_\_\_\_

Situar en el plano:

- gente + características
- vegetación
- lugares de estancia
- potencialidades
- flujos
- vientos
- carencias
- aperturas y visuales

**Las personas que observamos que están en el espacio son:**

<input type="checkbox"/> personas mayores	<input type="checkbox"/> trabajadoras reproductivas	<input type="checkbox"/> madres	<input type="checkbox"/> paseadoras/es de perros
<input type="checkbox"/> niños@s	<input type="checkbox"/> trabajadores productivos	<input type="checkbox"/> padres	<input type="checkbox"/> indigentes
<input type="checkbox"/> jóvenes	<input type="checkbox"/> inmigrantes	<input type="checkbox"/> cuidadoras/es	<input type="checkbox"/> _____

**Qué usos se observan:**

estancia    cuidado    tránsito    juego    paseo    ocio    espera    relaciones

¿Cuál es el predominante? \_\_\_\_\_ ¿En qué condiciones se desarrolla? \_\_\_\_\_

**Presencia de vegetación:**

<input type="checkbox"/> césped pisable	<input type="checkbox"/> bosque	<input type="checkbox"/> árboles aislados	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> setos	<input type="checkbox"/> decorativo	<input type="checkbox"/> flores	

Dentro del espacio total "el verde" es el \_\_\_\_\_% del total.  
 Relación entre veg./actividades desarrolladas \_\_\_\_\_

**Tipos de viales existentes en el entorno del espacio:**

<input type="checkbox"/> peatonal	<input type="checkbox"/> vía rápida	<input type="checkbox"/> carril bici	<input type="checkbox"/> vías de tren
<input type="checkbox"/> carretera	<input type="checkbox"/> tranvía	<input type="checkbox"/> carretera de baja velocidad	<input type="checkbox"/> autopista /autovía

**Mobiliario urbano:** (marcar en la segunda casilla las que se usen en ese momento)

<input type="checkbox"/> bancos de 3 dispersos	<input type="checkbox"/> inst. deportivas	<input type="checkbox"/> sillas agrupadas	<input type="checkbox"/> zona merienda
<input type="checkbox"/> sillas dispersas	<input type="checkbox"/> zonas cubiertas	<input type="checkbox"/> farolas en zonas	<input type="checkbox"/> anfiteatro
<input type="checkbox"/> farolas en línea	<input type="checkbox"/> relax adulto	<input type="checkbox"/> juegos juventud	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> juegos infantiles	<input type="checkbox"/> bancos de 3 agrupados	<input type="checkbox"/> quiosco de música	

---

**Dotaciones y entorno:**

<input type="checkbox"/> guarderías	<input type="checkbox"/> hogar jubilados	<input type="checkbox"/> parada metro	<input type="checkbox"/> biblioteca	<input type="checkbox"/> restaurantes
<input type="checkbox"/> centro enseñanza	<input type="checkbox"/> ambulatorio	<input type="checkbox"/> gimnasio	<input type="checkbox"/> bancos	<input type="checkbox"/> pubs
<input type="checkbox"/> universidad	<input type="checkbox"/> hospital	<input type="checkbox"/> polideportivo	<input type="checkbox"/> oficinas	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> centro cívico	<input type="checkbox"/> parada bus	<input type="checkbox"/> comisaría	<input type="checkbox"/> cafeterías	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> centro de día	<input type="checkbox"/> parada tranvía	<input type="checkbox"/> viviendas	<input type="checkbox"/> bares	<input type="checkbox"/> _____

**El carácter de la zona donde está el espacio:**  residencial    ocio    oficinas    industrial

**Iluminación y soleamiento:** el espacio se podría considerar...

soleado    semi-soleado    sombrío    oscuro

Describe la sensación que te da el espacio: \_\_\_\_\_  
 Marca en el mapa las zonas de sol, la presencia de gente y la situación de las luminarias.

**Las luminarias presentan un estado:**  muy nuevo    nuevo    deteriorado    muy deteriorado

**El diseño de la iluminación del espacio es:**

muy bueno    correcto    suficiente    deficiente    inexistente

**Qué tipos de luminaria hay:**

<input type="checkbox"/> farola dispersa	<input type="checkbox"/> farola en línea	<input type="checkbox"/> focos en altura
<input type="checkbox"/> farola doble brazo	<input type="checkbox"/> luminaria de suelo	<input type="checkbox"/> _____

**Pensando en la autonomía infantil, la zona te parece:**

muy segura    segura    poco adecuada    insegura    peligrosa    muy peligrosa

¿Por qué?: \_\_\_\_\_

**Pensando en el acceso igualitario al espacio público, es:**

muy seguro    seguro    poco adecuado    inseguro    peligroso    muy peligroso

¿Por qué?: \_\_\_\_\_

**Hay zonas de escasa visibilidad; describe el espacio en el plano tomando los parámetros de seguridad a esta hora.**  
 Comentar las relaciones que se dan en el espacio: \_\_\_\_\_

**OTRAS OBSERVACIONES:** \_\_\_\_\_

Figura 19 - Mapa de análisis



Fonte: Manual de análisis urbano. género y vida cotidiana, 2010.

Figura 20 - Mapa de análisis



Fonte: Manual de análisis urbano. género y vida cotidiana, 2010.

Figura 21 - Tabela de conclusões

	DESCRIPCIÓN	CONCLUSIONES
Datos de población	Habitantes: 40.253 - Hombres: 18.959 Mujeres: 21.294 - Infancia: 3.813 (9%) Juventud: 7.284 (18%) / Adultos: 20.075 (50%) / 3ª edad: 9.081 (22%)	La mayor densidad de población esta entre los 25 y los 35. Edad fértil y dinámica.
Origen y remodelación	Data de ... Última remodelación...	La importancia de la plaza es fundamental por su orografía llana, los árboles y la referencialidad y actividad de la escuela.
Carácter del entorno	Mayoritariamente residencial Referencial por el edificio histórico de las escuelas y los árboles.	En el barrio obrero denso y en pendiente, la plaza es un lugar especialmente bello y lleno de encanto.
Límites / delimitación	Norte: bloque de viviendas Sur: calle... y escuela Este: escuela Oeste: bloque de viviendas	Conecta las calles principales del barrio con las escaleras o rampas de subida/bajada a la ciudad.
Equipamientos cercanos	Escuela pública.	Los accesos por la parte alta no tienen barreras; el acceso por la parte baja es muy complejo. Requiere un tratamiento de las aceras en la calle.
Barreras arquitectónicas	La plaza salva la cota entre calles, todos los accesos a la plaza son a cota o mediante rampa.	
Mobiliario urbano	Bancos: 27, papeleras: 4, cabinas de teléfono: 2, quioscos de la ONCE: 1, juegos infantiles, fuentes: 1.	Los juegos infantiles son muy escasos y están arrinconados en la zona más sombría de la plaza. Los bancos dispersos no fomentan el encuentro.
Presencia de vegetación	Árboles en el perímetro de la plaza. Parterres con césped vallados en el límite perimetralmente.	La sensación es de estar en un espacio fundamentalmente verde. Si bien los árboles emergen de manera heroica del asfalto.

Fonte: Manual de análisis urbano. género y vida cotidiana, 2010.

Figura 22 - Tabela de conclusões

Espacios cubiertos	No hay.	El pavimento único da una sensación excesivamente dura.
Iluminación		Si bien las luminarias están orientadas hacia arriba, la visibilidad y la sensación general en la plaza es agradable y suficiente.
Usos y usuarios	Visita mañana: personas mayores y trabajadoras reproductivas. Uso predominante: espera y estancia.  Visita tarde: Uso predominante: juego niños.	El funcionamiento como patio de la escuela hace de ella una plaza tremendamente viva. Durante todo el día, es un lugar de juego seguro, tranquilo y soleado. Las potencialidades son de tal cualidad que exigen tratar con mimo cualquier intervención en la plaza.
Reunión con mujeres del barrio	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Pavimento en mal estado</i></li> <li>• <i>Logro: parterres vallados que evitan los problemas con las cacas de perros.</i></li> <li>• <i>Orientación bancos, que miren a la escuela.</i></li> <li>• <i>Faltan farolas.</i></li> <li>• <i>Banco corrido en zona curva.</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Marquesina en parada de autobús urbana.</i></li> <li>• <i>Barandillas en accesos por calles en pendiente.</i></li> <li>• <i>Fuente sin pozo, más higiénica.</i></li> <li>• <i>Dar color.</i></li> </ul>
CONCLUSIONES	La plaza es un lugar privilegiado con encanto propio; desde una orientación privilegiada y apartada del tráfico de coches genera convivencia en el barrio. El acceso desde la calle entre árboles recién florecidos, resulta muy agradable y representa una lección de buena combinación de vegetación, uso y embellecimiento del entorno. El acceso desde la calle de abajo resulta muy complicado, la zona para estacionamiento resulta excesiva y la accesibilidad desde las rampas de la calle queda quebrada por escaleras evitables. El vallado del verde si bien representa un logro de las vecinas es una solución poco imaginativa y poco compatible con un espacio público generador de convivencia y educador en el respeto e higiene social. Sería oportuno tratar el tema en futuras reformas de manera que se garantice la no relación entre posibles depósitos de excrementos de perros e infancia. Los árboles de la plaza generan identidad y potencian la identificación de las diferentes generaciones a lo largo del tiempo con la vida transcurrida en el espacio común.	

Fonte: Manual de análisis urbano. género y vida cotidiana, 2010.

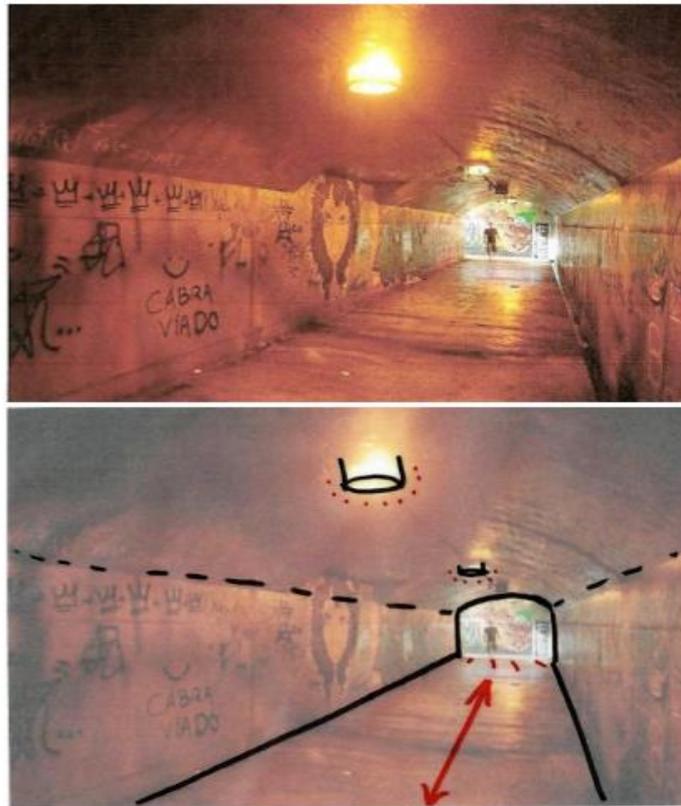
As fichas são uma forma de reunir as características físicas do espaço, como as ruas no entorno, as formas de acessos, a vegetação e o mobiliário, além das características sociais sobre os usos, os fluxos, os perfis dos entrevistados e as atividades realizadas. Grande parte dessas características foi especializada no mapa e em forma de texto descritivo nas tabelas conclusivas. No final, os mapas de análise e as tabelas de conclusão foram utilizados como base para intervir no espaço estudado de iniciativa do poder público da cidade.

Além deste, são utilizados também como referências de metodologia duas Monografias do Curso de Arquitetura e Urbanismo: uma apresentada na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), sob o título *A corpografia urbana da mulher: análise da estrutura urbana como influência na violência de gênero no bairro da Praia Grande sob a ótica da Cartografia Social*, de autoria de Maria Tereza de Moraes Santos. A outra, denfida junto à Univerdidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), intitulada *Cidade: substantivo feminino*, escrita por Isabela Pessini (Vide figura 24). A primeira pesquisa visa analisar a corpografia urbana da mulher, em especial no espaço urbano da Praia Grande. Busca-se, também, compreender a influência do urbanismo na ocorrência dos crimes de gênero, além de trazer premissas urbanísticas sob a perspectiva de gênero que possam colaborar para uma cidade mais segura e democrática.

Em face disto, viu-se a necessidade de compreender o processo responsável por gerar a violência de gênero. Para tanto, utilizou-se da cartografia social como procedimento metodológico para que fosse possível entender a dinâmica estabelecida pelas mulheres no campo empírico citado. Essa cartografia social foi realizada com a colaboração de alunas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UEMA, com as quais, através de oficinas, elaboraram-se mapas participativos e perceptivos.

A segunda monografia teve como finalidade contribuir para a produção de conhecimento e reflexão acerca da construção do papel social designado à mulher trabalhadora, a apartir do entendimento sobre sua vivência no espaço público da cidade contemporânea. Para tanto, são observadas as experiência das mulheres trabalhadoras terceirizadas na UFRJ. A concretização dessa análise foi possível através de um aporte teórico que estabeleceu pressupostos importantes para a observação da realidade, a aplicação de entrevistas com as mulheres, os percursos percorridos por elas e as análises cartográficas, espacializando situações de conflitos identificadas inicialmente, marcado, assim, a necessidade de incluir a mulher no pensar da cidade como agente transformadora e usuária do espaço.

Figura 23 - Foto de passagem subterrânea na Rua Goiás, Rio de Janeiro, por Eduardo Nadar, utilizada na pesquisa *Cidade: Substantivo feminino* com intervenções da autora Isabela Pessini



Fonte: (PESSINI, 2016).

#### 4.3 Construção da pesquisa metodológica

O processo de construção do desenvolvimento da pesquisa aplicada no presente trabalho são as referências metodológicas que buscam se adaptar ao contexto da cidade de São Luís/MA, localizado no nordeste do Brasil. São consideradas, nesta pesquisa, duas dimensões principais possíveis para intervenções no espaço público: física e social, e não é possível dissociá-las. A primeira se refere a tudo que é construído e a segunda à como as pessoas se relacionam com o espaço.

Como delineado na introdução deste estudo, a presente pesquisa foi construída a partir dos dados e informações recolhidos na delegacia especial de atendimento à mulher em São Luís/MA, pautando-se primordialmente do medo e insegurança da mulher nos espaços públicos de São Luís/MA, através dos registros de importunação sexual, de estupro simples e de estupro qualificado, presentes nos inquéritos de 2019 (Vide figura 24). Primeiramente, a delegada Kazumi Tanaka, explicou a diferença entre os três crimes e seus significados. Estupros

simples são os estupros que não deixam marcas visíveis de violência física na vítima, estupros qualificados são aqueles que a vítima é deixada com algum ferimento físico e importunação sexual é o ato de praticar ato libidinoso (de caráter sexual), na presença de alguém, sem sua autorização e com a intenção de satisfazer lascívia (prazer sexual) própria ou de outra pessoa, conhecido popularmente como assédio.

Este estudo buscou ampliar este olhar, entendendo que a vivência da mulher na cidade se dá por questões que vão além, como o espaço físico, as construções, planejamento urbano e os horários de uso, sendo determinantes para a diferente forma que as mulheres ocupam e vivenciam a cidade. Entretanto, as mudanças construtivas não são suficientes sozinhas para a mudança no comportamento das pessoas, ou seja, para a mudança na desigualdade de gênero no espaço urbano.

As imagens a seguir demonstram os inquéritos registrados no ano de 2019 na Delegacia especial de atendimento à mulher (DEAM), bem como evidencia os horários dos crimes registrados nos inquéritos instaurados naquele mesmo ano.

Figura 24 - Quantitativo dos crimes por bairros

Localização	Estupro simples	Estupro qualificado	Importunação sexual
Alto Esperança	1		
Anil	1		2
Anjo da Guarda	5		2
Av. Litorânea	1		1
Av. Tancredo Neves			1
Bequimão			1
Bom Jesus	1		
Centro	3		3
Cidade Olímpica	3		
Cidade Operária	1	1	
Cohab		1	
Cohafuma			2
Cohama			1
Cohatrac	1		1
Estiva			1
Estrada de Ribamar	1		
João Paulo	1		
Lagoa da Jansen			2
Liberdade	1		
Maracanã		1	
Olho D'água	1		1
Parque Vitória	1		
Ponta do Farol	1		1
Renascença	1		1
Ribeira	1		
Sá Viana	1		
São Cristóvão	2		2
São Francisco			1
São Raimundo		1	
Tajipuru	1		
Turu	1		2
UEMA	1		
Vila dos Nobres			1
Vila Embratel	1		
Vila São Luís	1		
Vinhais	1		2
<b>Total</b>	<b>34</b>	<b>4</b>	<b>28</b>

Fonte: (MARANHÃO, 2020).

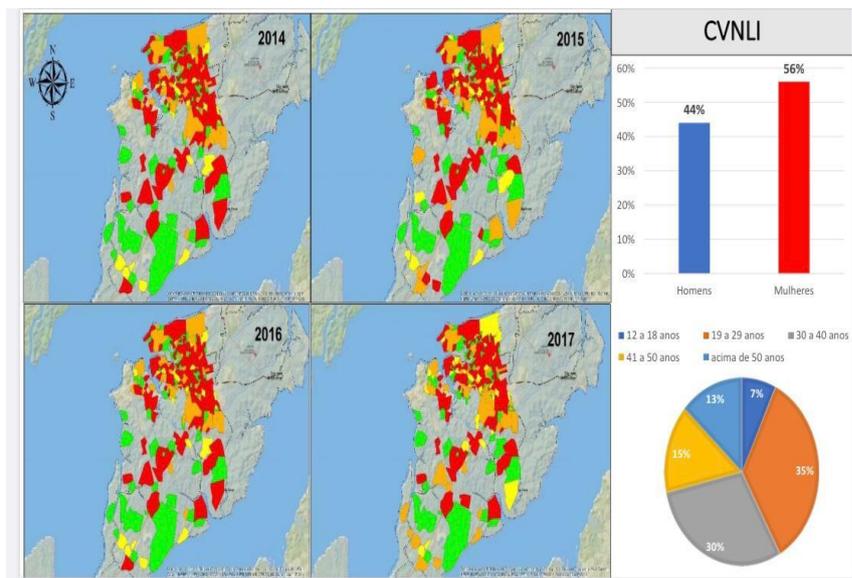
Tabela 4 - Quantitativo dos crimes por horários

Horários			
HORA	ESTUPRO SIMPLES	ESTUPRO QUALIFICADO	IMPORTUNAÇÃO SEXUAL
10:00-12:00	2		3
12:00-15:00	3		6
15:00-18:00	6		6
18:00-20:00	5	2	4
20:00-22:00	5		4
22:00-00:00	3		1
00:00-02:00	3		2
02:00-04:00	2		3
04:00-06:00	1	1	1
06:00-08:00	5	1	1
08:00-10:00	2		3

Fonte: (MARANHÃO, 2020).

Na figura abaixo, registra-se a ocorrência dos crimes de estupro de nos bairros de São Luís, nos anos de 2014, 2015, 2016 e 2017.

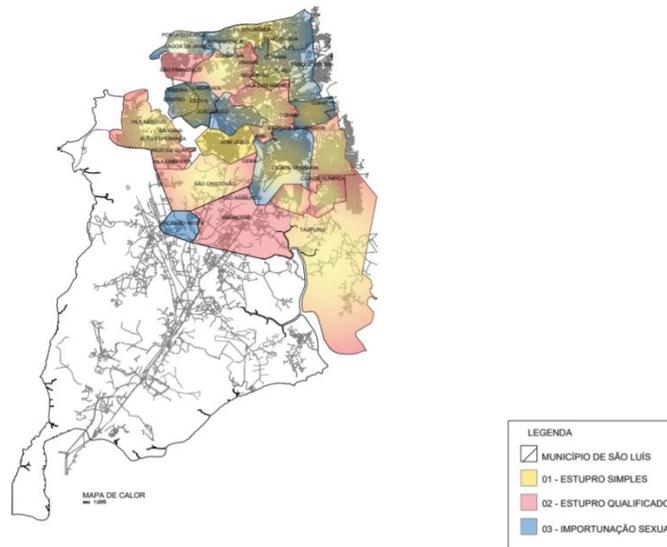
Figura 25 - Mapas de calor e gráficos representativos dos crimes de estupro em São Luís/MA



Fonte: (MARANHÃO, 2020).

No mapa abaixo, pode-se ter uma visão macro dos dados coletados pela DEAM dos crimes cometidos dentro da cidade São Luís/MA contra a mulher.

Figura 26 - Visão macro do município de São Luís/MA



Fonte: (MARANHÃO, 2020).

O presente trabalho pretende utilizar fontes orais, trazer um diálogo com mulheres de idades diferentes e com vivências diferentes na cidade de São Luís/MA, com a finalidade de entender quais suas sensações e desejos acerca dos espaços percorridos na cidade, por meio de oficina virtual e aplicação de um questionário individual. Em paralelo, este perfil será conciliado com os dados e denúncias apresentados anteriormente, com o fito de compreender por onde e como devem andar as mulheres nos bairros de São Luís/MA e quais são seus medos.

Pretende-se no estudo em questão, a partir dessa coleta de dados, assim como nas oficinas participativas no Coletivo Hiria Kolektiboa, identificar que tipo de espaço público da cidade de São Luís/MA é ou não vivenciado, podendo ser de forma positiva ou negativa, pelas mulheres avaliadas. Pretende-se mapear os espaços públicos a partir de registros de imagens via satélite de alguns selecionados bairros, citados nos inquéritos de 2019, de modo a demarcar mais, significativamente, as questões de gênero no que se refere a restrição de acesso à determinados usos, lugares e mobilidade urbana, sempre levando em consideração o olhar e opinião das mulheres selecionadas.

O perfil das mulheres escolhidas para participar da oficina se baseou em dois importantes fatores, tais como ter o uso da cidade de São Luís/MA como parte de sua rotina e estar dentro da faixa etária correspondente ao que dizem os índices apresentados.

A Delegada Kazumi Tanaka afirma que a faixa etária mais suscetível aos crimes de gênero no espaço urbano está entre 18 e 35 anos, podendo estender até os 40 anos ao incluir estupro e feminicídio. Portanto, foi necessário utilizar agentes sociais que estivessem nessa faixa etária e que estivessem mais vulneráveis a esse tipo de violência, para que, de alguma forma, pudessem colaborar com experiências possivelmente já vividas.

## **5 POR ONDE E COMO DEVEM ANDAR AS MULHERES NOS BAIROS DE SÃO LUÍS/MA**

Este capítulo apresenta a análise das questões projetivas do questionário e oficina virtual em que as participantes foram convidadas a indicar caminhos que as deixam inseguras ao passar por ruas/avenidas na cidade e demarcar em imagens individuais o que trazia insegurança nos bairros de São Luís/MA. Dessa forma, pretende-se a partir das respostas estruturar um entendimento sobre a influência dos aspectos espaciais, sociais e temporais na construção do medo da mulher no espaço público.

### **5.1 A oficina**

Inicialmente foram convidadas 11 mulheres para participarem da pesquisa, incluindo a autora realizadora da oficina, com diferentes vivências de vida, são elas: Beatrice, (21 anos), Bruna Marcela (21 anos), Carolina (22 anos), Débora (22 anos), Emanuelle (22 anos), Júlia (23 anos), Laíssa (21 anos), Lara Ramos (18 anos), Nathália (24 anos), Thamires (22 anos), Thiana (23 anos) e Waleska (23 anos).

Para todas elas foi repassada uma lista com os trechos de São Luís/MA – selecionados pela autora –, exemplos de como intervir em cada imagem e por último foi disponibilizado um questionário individual. Os trechos escolhidos foram do Anjo da Guarda, Av. litorânea, Lagoa da Jansen, Cohafuma, Cohatrac, Jardim Eldorado, Olho D'água, Centro, São Cristovão, São Francisco, UEMA e Vinhais. Os bairros foram selecionados de acordo com as incidências de crimes registrados nos inquéritos de 2019, coletados pela autora (Vide figura 24). Em face disto, as imagens a seguir evidenciam a metodologia apresentada às participantes, bem como o modelo de questionário a elas aplicado.

Figura 27 - Metodologia apresentada para as participantes

**UNDB**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO

**MULHERES E O DIREITO À CIDADE:**

**Impacto do desenho urbano na violência de gênero diante a ocupação do espaço público**

OFICINA: Aplicação prática  
Responsável: Laíssa Rocha Ramos

**Informativo**

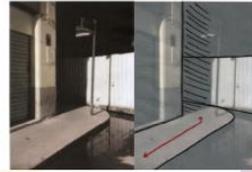
**Exemplos**

- RUA BUENOS AIRES.
- ESPAÇO MONOFUNCIONAL. (TÉRREO + 1 PAV)
- COMÉRCIO E DEPÓSITO
- PELA MANHÃ = MOVIMENTO
- PELA NOITE = VÁZIO
- MOVIMENTO DE SEGUNDA A SÁBADO PELA MANHÃ
- VÁZIO DURANTE A NOITE E AOS DOMINGOS
- AUSÊNCIA DE MOBILIÁRIO URBANO, VEGETAÇÃO.
- CALÇADAS ESTREITAS
- PAGINAÇÃO DE PISO PRECÁRIA
- BAIXA MANUTENÇÃO

**Linhas de Trem**

- CONECTA ÁREAS DISTINTAS DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO, MAS TAMBÉM FRAGMENTA O TERRITÓRIO ESTABELECIDO NOVAS RELAÇÕES ENTRE OS ESPAÇOS ABERTOS E FECHADOS.
- LONGA CALÇADA MURADA ESTABELECIDO BARREIRAS ENTRE ÁREAS MUITO PRÓXIMAS
- NÃO HÁ PONTOS DE CONEXÃO
- NÃO POSSIBILIDADE DE DISPERSÃO (FUGA)
- AS NECESSIDADES DE VER E SER VISTA, OUVIR E SER OUVIDA E DE UMA SAÍDA SEMPRE VISÍVEL NÃO SÃO REPEATADAS

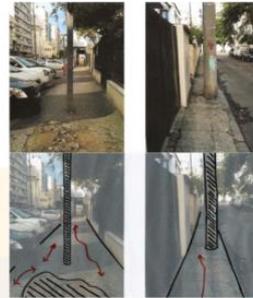
- RUA DA ESQUINA 1º DE MARÇO E DOM GERARDO, CENTRO DO RJ
- EDIFICAÇÃO ALTA E CALÇADA ESTREITA
- TAPUME DE OBRA (SIMULANDO UM MURO) QUE GERA UM BECO
- BECO MAL ILUMINADO
- OS TAPUMES LIMITAM A VISÃO DAS PESSOAS, POSSIBILIDADES DE PERCURSOS E GERAM CAMINHOS ÚNICOS (UMA ENTRADA E UMA SAÍDA)
- MEDO AO VIRAR NO BECO



- PASSAGEM SUBTERRÂNEA, TRAVESSIA EM TÚNEL
- ESPAÇOS ENCLAUSURADOS
- ÚNICA POSSIBILIDADE DE CAMINHO
- POUCA MANUTENÇÃO (ACUMULO DE LIXO, GOTEIRAS E POÇAS)
- MÁ ILUMINAÇÃO
- POUCA SEGURANÇA
- ALTA MOVIMENTAÇÃO DE CARROS EM ALTA VELOCIDADE
- CAMINHO ESTREITO PARA CAMINHABILIDADE



- CALÇADAS
- FALTA DE MANUTENÇÃO
- POSTES COMO OBSTÁCULOS DE PASSAGEM
- BURACOS
- IMPOSSIBILITA A PASSAGEM DE CARRINHOS DE BEBÊ, CADEIRAS DE RODAS E PESSOAS COMO MOBILIDADE REDUZIDA



- O LARGO DA CARIOCA
- ENTORNO COM EDIFICAÇÕES MAJOTORIAMENTE COMERCIAIS
- TURNOS DIFERENTES COM DIFERENTES UTILIZAÇÕES
- DIA DE SEMANA E DURANTE O DIA: MUITO MOVIMENTO
- FINAL DE SEMANA OU DURANTE A NOITE: MUITO POUCO MOVIMENTO
- 3 ACESSOS DIRETOS A PRAÇA, MAS DURANTE A NOITE E FINS DE SEMANA, SO 1 PERMÂNCE ABERTO
- ENTORNO COM GRANDES EDIFICAÇÕES
- OS EDIFÍCIOS DE USO COMERCIAL POSSUEM VISADA PARA RUAS ADJACENTES A PRAÇA
- A ÁREA LIVRE E ABERTA DO LARGO NÃO POSSUI MOBILIÁRIO URBANO (BANCOS, MESAS, CADEIRAS)
- A FALTA DE MOBILIÁRIO TRAZ POUCA MOVIMENTAÇÃO E PERMANÊNCIA DE PESSOAS, POR CONSEQUÊNCIA, FALTA DE VIGILÂNCIA NATURAL
- PARTE DO LARGO É GRADEADO, IMPOSSIBILITANDO PASSAGENS EM MOMENTOS NÃO COMERCIAIS
- MUROS OU PAREDES POROSAS FORMAM PONTOS CEGOS (LUGARES PERIGOSOS PARA MULHER)



Fonte: Autora, 2020.

Figura 28 - Modelo de questionário aplicado

27/10/2020

QUESTIONÁRIO GERAL

## QUESTIONÁRIO GERAL

Oi menina, se você não me conhece, me chamo Laíssa, sou aluna de arquitetura e urbanismo. Mas se você me conhece, já sei que a resposta é sim pro que eu vou te pedir... vim aqui pedir ajuda pro meu tcc, diretamente pra você.

Então menina, meu tema é sobre o nosso acesso a cidade, pois não é novidade pra ninguém que sim, nós acessamos a cidade de forma diferente dos homens. Sentimos mais medo, sensações de não pertencimento e desconfiança continua em ruas escuras, vazias, muros altos e quando estamos sozinhas então... Portanto, por meio desse textinho, queria convidar você para me falar o que te incomoda na cidade, além disso você pode desenhar, rabiscar onde e o que te deixa insegura. Você topa?

Como você se chama?

Beatrice

Quantos anos você tem?

- 18-21  
 22-30  
 30-40  
 +40

27/10/2020

QUESTIONÁRIO GERAL

Qual trajeto você escolheu para ser avaliado?

- Anjo da guarda  
 Av. Litorânea  
 Mirante da Lagoa - Lagoa da Jansen  
 Cohafuma  
 Jardim Eldorado  
 Olho D'água  
 Rua da Paz - Centro  
 Rua Oswaldo Cruz - Centro  
 São Cristovão  
 São Francisco  
 Universidade Estadual do Maranhão - UEMA  
 Vinhais  
 Lagoa da Jansen

Você já sentiu medo ao caminhar pela rua?

- Sim  
 Não

Você evita andar na rua durante a noite ou sente mais medo?

- Sim  
 Não

27/10/2020

QUESTIONÁRIO GERAL

Você teria algum receio ao caminhar por esse trecho escolhido?

- Sim, durante a noite e dia
- Apenas durante a noite
- Apenas durante o dia
- Não

Você já mudou seu trajeto por medo?

- Sim
- Não

Você já sofreu algum tipo de violência (Importunação sexual, assédio, estupro...) em espaços públicos da cidade (Ruas, praças, parques, praia...)?

- Sim
- Não

Você já sentiu medo ao passar por uma rua em que houvesse algum homem desconhecido na mesma direção que a sua?

- Sim
- Não

A iluminação pública influencia no seu medo ao andar na rua?

- Sim
- Não

27/10/2020

QUESTIONÁRIO GERAL

Você se sente mais segura em ambientes que tenham:

- Mais pessoas do que carros
- Mais carros do que pessoas

Você se sentiria mais segura se as ruas que você evita o trajeto tivessem:

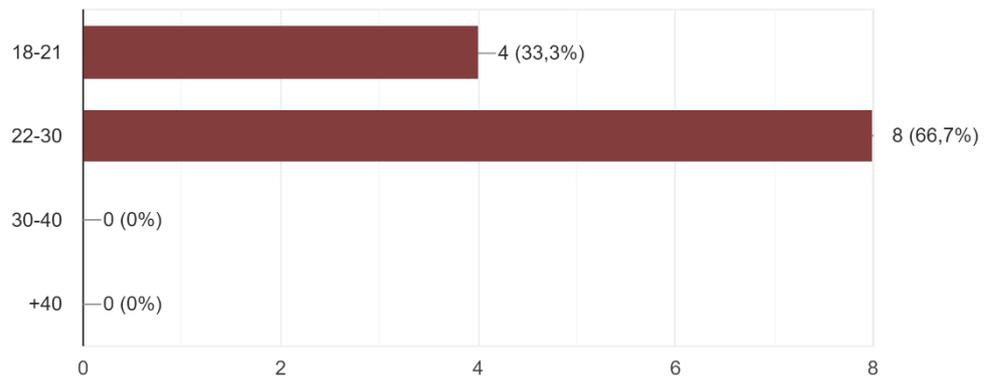
- Escola
- Supermercado
- Comércio
- Restaurante
- Praças
- Parques
- Habitação

Após análise das respostas, constatou-se que as 12 mulheres que responderam o questionário possuem entre 18 e 25 anos.

Gráfico 1 - Idade das participantes

Quantos anos você tem?

12 respostas



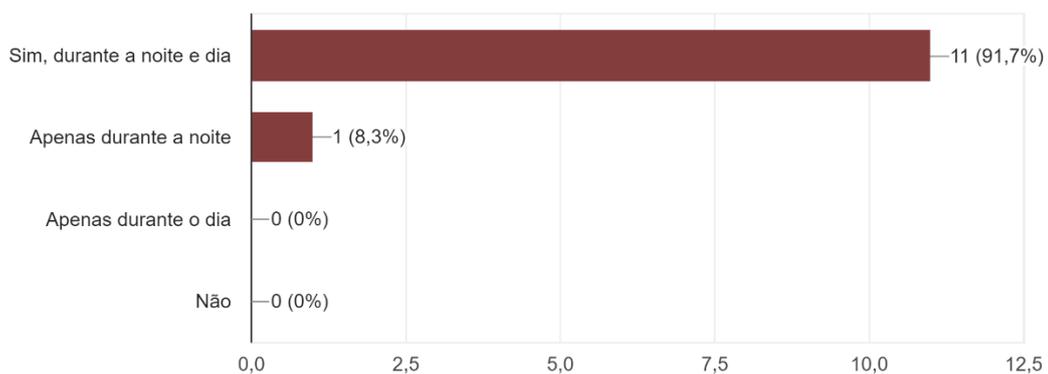
Fonte: Google Forms, 2020.

Também foi questionado às participantes sobre medos e receios ao caminhar pelo trecho escolhido e 91,7% das participantes afirmaram que sentiriam medo nos dois turnos (dia e noite), e apenas 1 sentiria apenas no turno da noite, sendo o trecho da Lagoa da Jansen.

Gráfico 2 - Receios ao caminhar pelo trecho escolhido

Você teria algum receio ao caminhar por esse trecho escolhido?

12 respostas



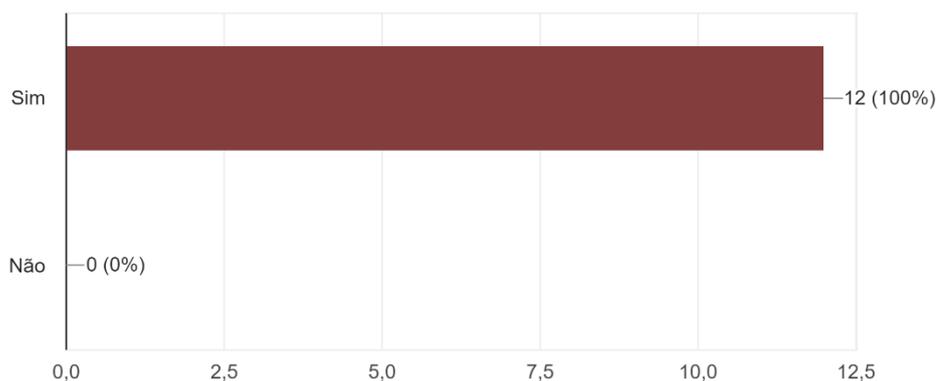
Fonte: Google forms, 2020.

Além disso, o questionário apresentava perguntas sobre a vivência das participantes na cidade. Foram levantadas questões sobre medo, insegurança e sensação de não pertencimento, os gráficos a seguir apresentam os resultados da pesquisa.

Gráfico 3 - Medo ao caminhar pela rua

Você já sentiu medo ao caminhar pela rua?

12 respostas

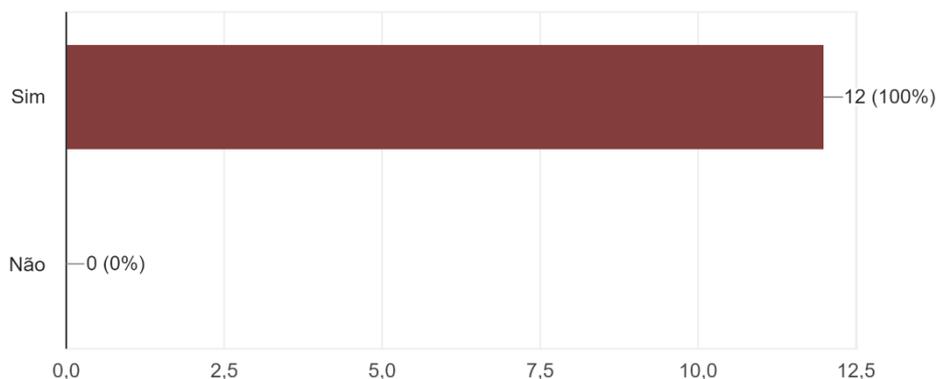


Fonte: Google forms, 2020.

Gráfico 4 - Evitar andar pela rua à noite

Você evita andar na rua durante a noite ou sente mais medo?

12 respostas

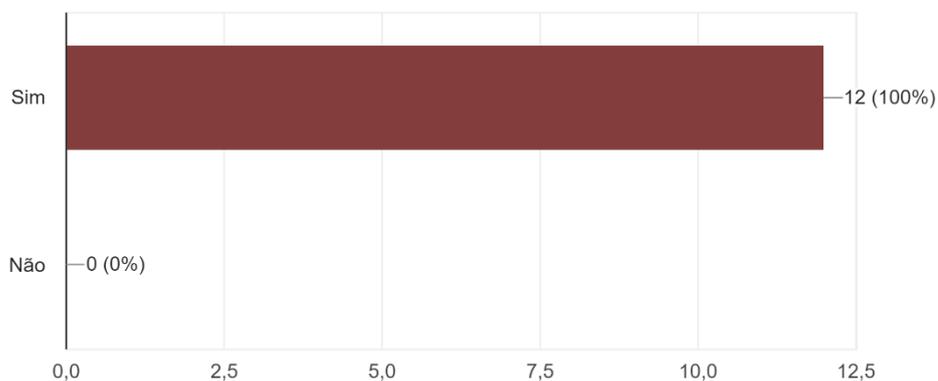


Fonte: Google forms, 2020.

Gráfico 5 - Mudança de trajeto por medo

Você já mudou seu trajeto por medo?

12 respostas

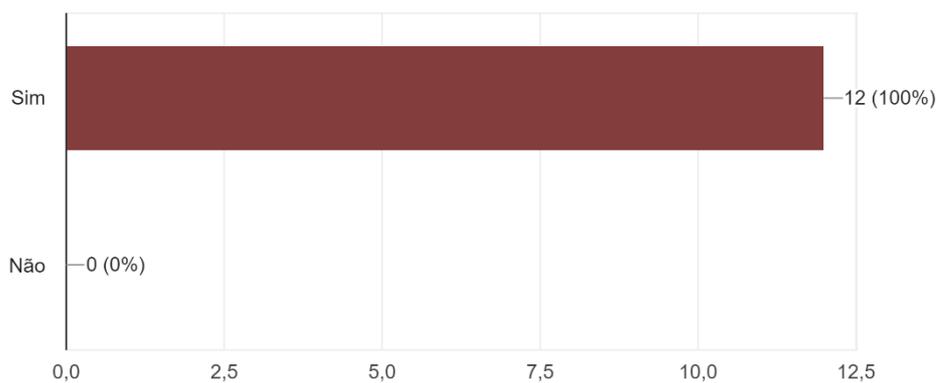


Fonte: Google forms, 2020.

Gráfico 6 - Casos de violência urbana nas participantes

Você já sofreu algum tipo de violência (Importunação sexual, assédio, estupro...) em espaços públicos da cidade (Ruas, praças, parques, praia...)?

12 respostas

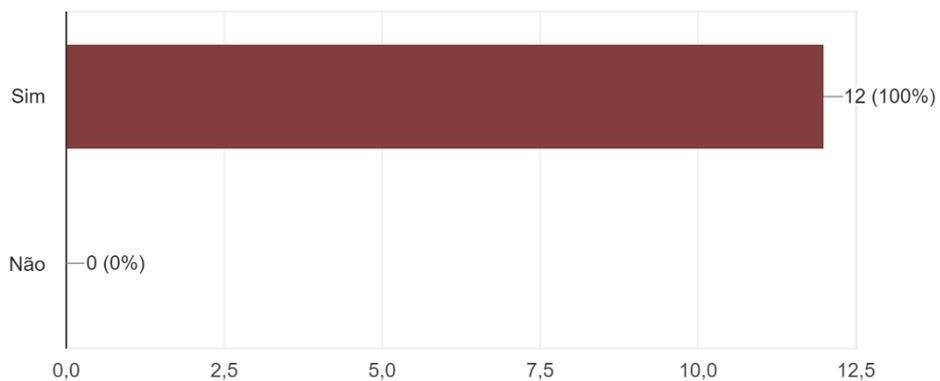


Fonte: Google forms, 2020.

Gráfico 7 - Medo da figura masculina durante o percurso em ruas da cidade

Você já sentiu medo ao passar por uma rua em que houvesse algum homem desconhecido na mesma direção que a sua?

12 respostas

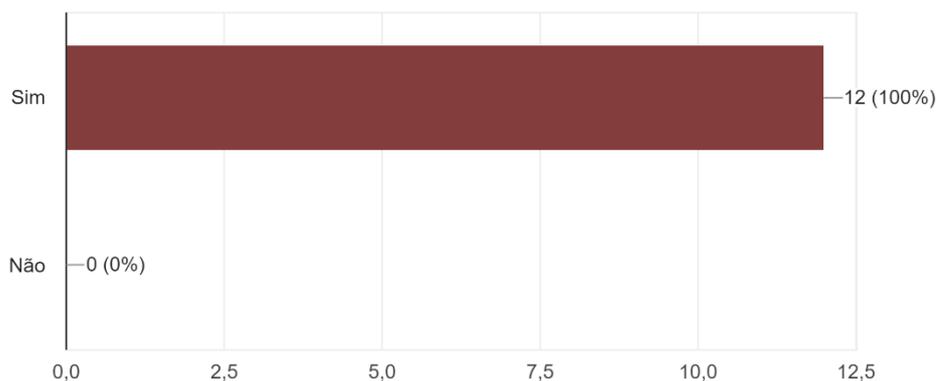


Fonte: Google forms, 2020.

Gráfico 8 - Iluminação pública como fator determinante para o medo em espaços públicos

A iluminação pública influencia no seu medo ao andar na rua?

12 respostas

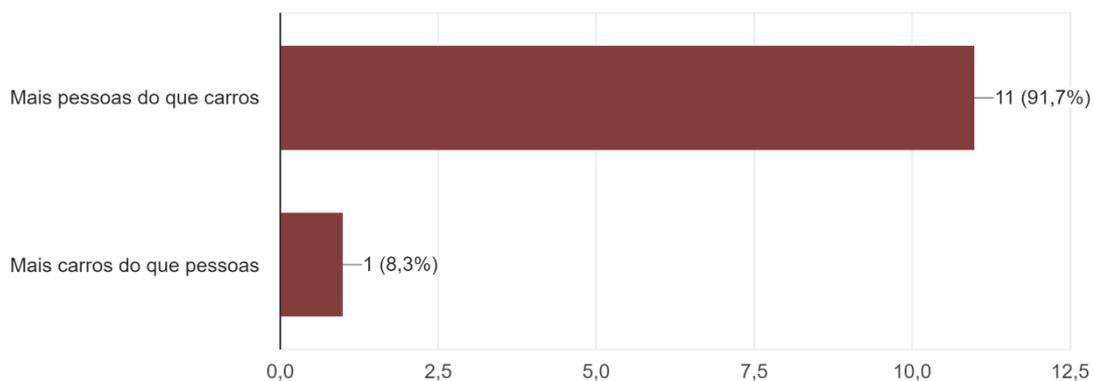


Fonte: Google forms, 2020.

Gráfico 9 - Sensação de segurança entre carros e pessoas

Você se sente mais segura em ambientes que tenham:

12 respostas

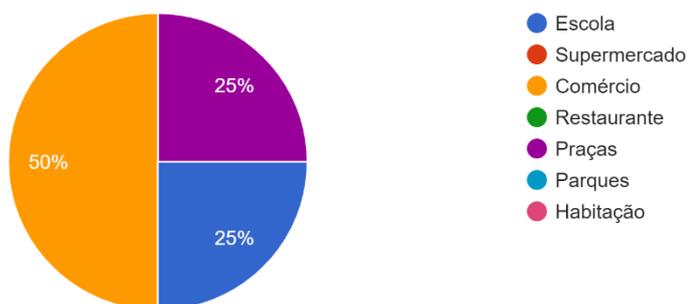


Fonte: Google forms, 2020.

Gráfico 10 - Sensação de segurança por meio de uso misto

Você se sentiria mais segura se as ruas que você evita o trajeto tivessem:

12 respostas



Fonte: Google forms, 2020.

Ademais, como dito anteriormente, como parte da metodologia da oficina, as participantes demarcaram nas imagens dos trechos selecionados o que trazia a sensação de insegurança nas participantes, muita das vezes sem nunca ter ido ao local, apenas pelo o que elas observavam na imagem.

## 5.2 Percursos (in)seguros para as mulheres de São Luís/MA

A seguir são apresentadas as imagens resultados da oficina virtual realizada:

Figura 29 - Intervenção no trecho do São Francisco



Fonte: Google Earth, adaptado por Beatrice Dourado, 2020.

Figura 30 - Intervenção no trecho do Jardim Eldorado



Fonte: Google Earth, adaptado por Bruna Marcela, 2020.

Figura 31 - Intervenção no trecho da rua Oswaldo Cruz, Centro



Fonte: Google Earth, adaptado por Carolina Diniz, 2020.

De acordo com Carolina, as ruas possuem as fachadas ativas no horário comercial com movimentação intensa durante o dia e em movimento no horário da noite. O pavimento é irregular, com redução da velocidade da pedestre. Saída de água com erosão do pavimento (detalhe vermelho na imagem) dificulta mudança de calçada se necessário. Ademais, a ausência de mobiliário urbano e de vegetação em trechos da rua, quanto o posteamento, estreita a passagem na calçada.

Figura 32 - Intervenção no trecho da Litorânea



Fonte: Google Earth, adaptado por Débora Ferreira, 2020.

Figura 33 - Intervenção no trecho da UEMA



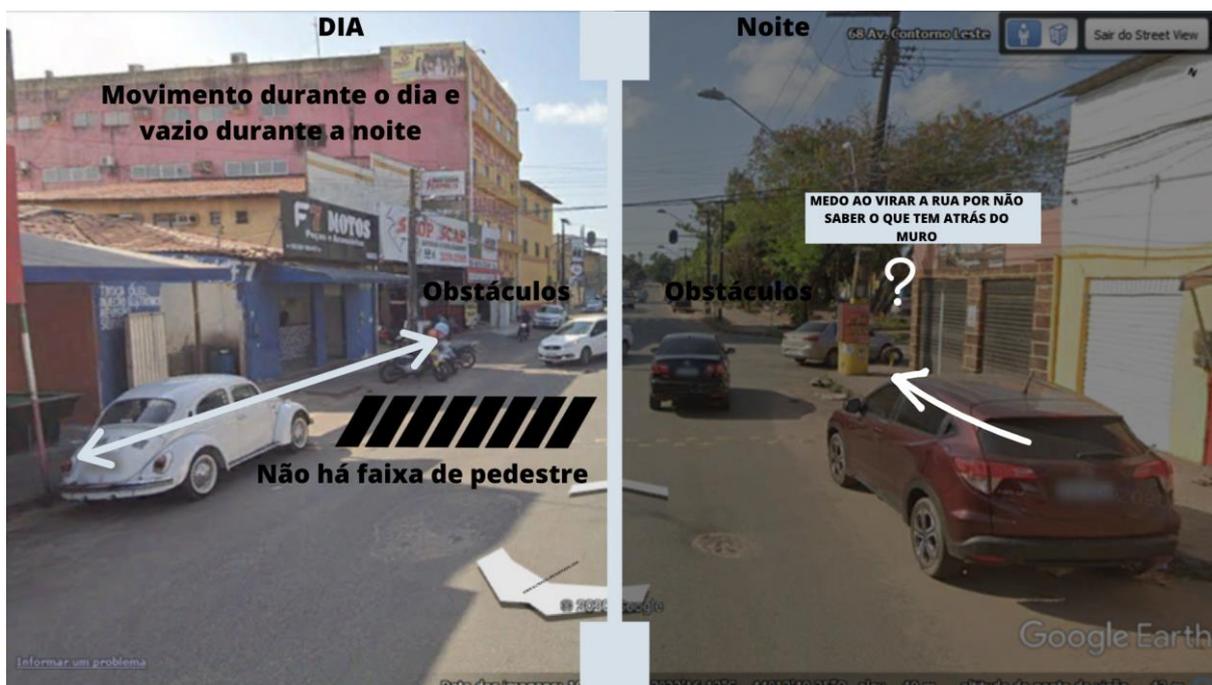
Fonte: Google Earth, adaptado por Emanuelle, 2020.

Figura 34 - Intervenção no trecho do Cohafuma



Fonte: Google Earth, adaptado por Júlia Neves, 2020.

Figura 35 - Intervenção no trecho do Cohatrac



Fonte: Google Earth, adaptado por Laíssa Ramos, 2020.

Figura 36 - Intervenção no trecho do Olho D'água



Fonte: Google Earth , adaptado por Lara Ramos, 2020.

Figura 37 - Intervenção no trecho do Mirante da Lagoa da Jansen



Fonte: Google Earth , adaptado por Nathália Dellaparte, 2020.

Figura 38 - Intervenção no trecho da Av. Prof. Mário Meireles na Lagoa da Jansen

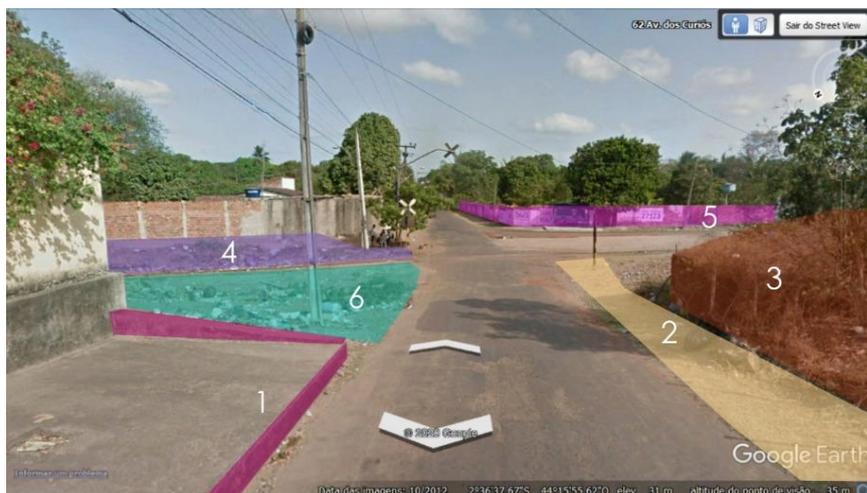


Fonte: Google Earth, adaptado por Thamires Pacheco, 2020.

Thamires concluiu que na calçada do lado esquerdo a edificação é alta e a calçada, além de estreita é obstruída, o que dificulta a passagem de carrinhos de bebê/cadeiras de roda/pessoas com mobilidade reduzida (pela moto e pela clara falta de manutenção). Além disso, não permite ver o que tem após a curva, gerando medo. Não possui iluminação e sem janelas pra relação visual interior/exterior. De acordo com a participante “se a mulher quiser atravessar a rua nesse ponto e estiver em perigo, tem chance de ser atingida por um carro, já que não dá pra ver quando ele tá vindo por conta da curva estreita e eles passam bem rápido nesse ponto”.

Já na calçada do lado direito é movimentada apenas durante o dia e a tarde, devido às pessoas que estão fazendo atividade física, de noite é vazia. Possui iluminação, porém não tanto quanto deveria de noite, já que existe uma vegetação do lado que pode servir de esconderijo para ataques surpresas.

Figura 39 - Intervenção no trecho do São Cristovão



- 1 Calçadas altas e com obstáculos, na qual prejudicam o tráfego de mulheres com dificuldades de locomoção.
- 2 Inexistência de calçadas acessíveis.
- 3 Matagal que pode ser usado como "esconderijo" para homens, deixando as mulheres mais apreensivas e inseguras ao passarem pelo local.
- 4 Ausência de calçadas e presença de obstáculos, que podem atrapalhar na "fuga" de alguma mulher em situações constrangedoras.
- 5 Muros extensos, que servem como barreiras para "tampar" a visão das pessoas diante um ato de violência.
- 6 Novamente a presença de obstáculos que acabam por deixar o local mais difícil para a "fuga" das mulheres em situações vulneráveis.

Fonte: Google Earth, adaptado por Thiana Camilla, 2020.

Figura 40 - Intervenção no trecho do Vinhais



Fonte: Google Earth adaptado por Waleska Parreão. 2020

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Andar pela cidade com uma perspectiva feminina, focando no medo do espaço público é um assunto cheio de desafios e paixão. Saber onde mulheres estão, como vão e porque escolhem esses caminhos é um trabalho de pesquisa desafiador e necessário.

Tornar visível o que antes não se enxergava e tentar entender a diferença entre as mulheres e os homens na forma de experimentar os problemas da vida urbana, de acordo com Calió, 1997, é uma tarefa importante na construção de cidades mais igualitárias. Entendendo este ponto, este artigo evoluiu por meio de pesquisas empíricas e uma atividade de investigação que partiu do quadro teórico e contextualizações internacionais e nacionais.

O caminho para a investigação foi ancorado nas hipóteses de que o medo da mulher no espaço público constitui um limite no seu acesso à cidade e é produto das relações entre aspectos espaciais e sociais do ambiente. Porém, esse limite imposto pelo medo não se apresenta de forma homogênea para todas as mulheres, ele pode variar de acordo com a renda, idade, ciclo de vida e problematização.

O argumento de que o medo restringe o acesso ao espaço público é presente nos estudos de Tavares (2012), Calió (1997), Valentine (1989), Pain (2000) e a pela pesquisa de Taylor (2011). Para esses autores, o medo das mulheres em lugares públicos é culpa da sociedade patriarcal que está presente no cotidiano. Seja através da visão masculina no planejamento urbano, seja pelo senso de vulnerabilidade diante da figura do homem, experiência de vida ou informação secundária, o medo das mulheres no espaço público é um produto da relação de dominação dos homens sobre as mulheres ainda hoje existentes em várias sociedades.

Essas sociedades são responsáveis por definir os papéis de homens e mulheres, e isso se reflete na forma como a cidade é usada e nos seus lugares públicos. Entende-se que toda sociedade estabelece "normas" e dessa forma sentiu-se a necessidade de contextualizar o medo das mulheres na cidade de São Luís-MA. Quais fatores constituem esse medo em bairros de São Luís? Quais aspectos físicos e locais exacerbaram seu medo?

Como primeiro exercício exploratório para o trabalho de conclusão de curso, fez-se necessário o recolhimento de dados na delegacia especial de atendimento à mulher, para então montar uma tabela e mapas explicativos para facilitar a localização dos bairros levantados. Em seguida, pareceu oportuno o desenvolvimento de uma pesquisa empírica comparativa aberta a compreender o que difere nas impressões de mulheres sobre o medo da mulher na cidade. Para isso, utilizou-se a técnica projetiva para conhecer as estratégias e o

enfretamento do medo no espaço público, através de indicações de percursos seguros e inseguros, recomendações sobre como e onde andar e o que as fazem evitar certos caminhos, através de questionários e uma oficina virtual.

Este resultado fortalece a afirmativa enunciada no início desse trabalho, de que o olhar da mulher sobre o espaço urbano tem como pressuposto: uma diferente percepção do espaço público, bem como do medo do crime devido a uma experiência real diferenciada de acesso à cidade.

Diante dos objetivos propostos, conclui-se que a violência de gênero é resultado de uma sociedade patriarcal e estabelece padrões de comportamento e os impõe a ambos os sexos. Dessa forma, as mulheres são conectadas ao corpo e os homens à mente, estabelecendo uma relação desigual entre homens e, principalmente mulheres, que acabam sofrendo todo tipo de opressão.

A cidade é um reflexo das construções passadas e atuais da sociedade. Assim, a cada estupro, assédio, difamação, feminicídio, perpetrados contra as mulheres no ambiente urbano, pode-se enxergar o produto de uma sociedade que constantemente subordina as mulheres e sexualiza o corpo feminino. Isso faz com que a experiência corporal das mulheres dentro do espaço urbano seja completamente diferente da corporalidade masculina. A mulher consciente ou inconscientemente tem a sua sensação de pertencimento à cidade roubada, à medida que deixa de usufruir do espaço público por medo ou por não sentir que aquele espaço foi feito para ela.

Nos bairros de São Luís não é diferente, através do procedimento metodológico utilizado, a oficina virtual com as produções gráficas e questionários, pôde-se compreender as fragilidades urbanísticas da cidade e que por consequência influenciam na experiência corporal das mulheres que transitam ali.

Ao analisar as imagens resultantes da oficina, percebeu-se como a problemática da má iluminação interfere na percepção que as mulheres têm das ruas e avenidas da cidade, influenciando de tal maneira elas mudarem os seus percursos por não se sentirem seguras em transitar onde não há iluminação adequada, em que possam ver e serem vistas.

Pode-se perceber os mesmos nos ambientes onde não há uma quantidade considerável de circulação de pessoas, essas ruas são as mesmas que possuem edificações com usos restritos ao horário comercial, com predominância de uso residencial, e também ruas que contém uma quantidade relevante de muros.

Nas confecções pessoais das participantes, elas relataram locais em que teriam receio de sofrer algum tipo de violência. Quanto a roubos e furtos, estes foram citados em ruas

que há uma ausência de vigilantes naturais, uma deficiência em iluminação, além da carência de possibilidades de saídas. Estes são fatores que encorajam o agressor a cometer tais crimes, pois ele acredita que o seu reconhecimento será dificultado. Percebe-se também que centros atraentes como restaurantes, cafeterias, comércio, praças, centros de ensino e vendedores ambulantes exerceram influência no movimento direto de pessoas, como pode-se analisar no questionário.

É necessário refletir sobre o papel do urbanismo no combate ao medo e a opressão das mulheres no espaço urbano. Os resultados são combinados com as perspectivas de gênero e o impacto positivo desta cidade na vitalidade das mulheres. Um bom exemplo é a vigilância natural e sua importância para a construção da sensação de segurança, pois permite que as mulheres vejam e sejam vistas. Isto é, a cidade deve proporcionar contemplação, ou seja, a cidade não é mais apenas um lugar de passagem, mas um lugar permanente de observação.

Outro fator relevante é a diversidade de usos e toda a heterogeneidade de produtos. As pessoas que permanecem no espaço, o valorizam e, assim, trazem vitalidade para a área. A diversidade de usos deve ser uniformemente distribuída na cidade para manter o equilíbrio na vigilância urbana. Além disso, a infraestrutura e a mobilidade afetam diretamente a psicologia dos cidadãos, já que podem influenciar o sentimento de pertencimento e a vontade de ficar naquele espaço.

A diversidade de caminhos pode gerar no caminhante a sensação de segurança e de domínio do seu corpo no espaço físico. O mesmo acontece em ambientes limpos e com manutenção de equipamentos urbanos, edificações e vegetação em dia, como foi possível perceber em algumas intervenções realizadas na oficina.

Com base no trabalho realizado e as análises efetivadas, foi possível concluir que o urbanismo interfere na violência de gênero no espaço urbano e, por consequência, na vivência da mulher na cidade. O urbanismo deve andar lado a lado com toda mudança cultural que ocorre na sociedade, de forma que se enxergue homens e mulheres em igualdade, entendendo que a mulher é a única dona do seu corpo e deve ser respeitado aonde quer que ele esteja.

Portanto, acredita-se que a partir do momento em que o urbanismo sob a perspectiva de gênero possa ser de fato aplicado nos bairros da cidade de São Luís, finalmente os bairros serão visto não só como uma porção de território povoada, mas sim, como um referencial em democracia, vitalidade, segurança, igualdade e diversidade, como deve ser, podendo contribuir para futuros projetos urbanos que preveem a perspectiva de gênero como base projetual.

## REFERÊNCIAS

ACTIONAID BRASIL (Brasil). **Cidades seguras para as mulheres**. Pernambuco: Actionaid Brasil, 2014.

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos B; MARICATO, Ermínia. **A Cidade do Pensamento Único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

ARANTES, P. F. O ajuste urbano: as políticas do Banco Mundial e do BID para as cidades. In. **Pós**. Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo Da FAUUSP, 2006. v. 20, p. 60-75. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v0i20p60-75>. Acesso em: 02 out. 2020.

ARELLANO, Monica. **Sobre o deslocamento do corpo na arquitetura: o Modulor de Le Corbusier**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/911962/sobre-o-deslocamento-do-corpo-na-arquitetura-o-modulor-de-le-corbusier> Acesso em: 02 out. 2020.

BARROS, Thyana Farias Galvão de. **(Co)vivendo com fortalezas: o outro lado de morar bem**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia. Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

BONDUKI, Nabil. **Uma cidade planejada para as mulheres será melhor para todos**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nabil-bonduki/2020/03/uma-cidade-planejada-para-as-mulheres-sera-melhor-para-todxs.shtml>. Acesso em: 15 mar. 2020.

BORJA, Jordi. **Ciudadanía y espacio público**. Publicado en: Ciutat real, ciutat ideal. Significant i funció a l'espai urbà modern. Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 1998. Disponível em: <http://urban.cccb.org/urbanLibrary/htmlDbDocs/A011-B.html>. Acesso em: 09 jul. 2020.

CALIÓ, Sonia Alves. Incorporando a Questão de Gênero nos Estudos e no Planejamento Urbano. In.: ENCUESTRO DE GEOGRAFOS DE AMERICA LATINA, 6., 1997. **Resúmenes**. Observatorio Geográfico, 1997. Vol. 01, p. 01-09. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal6/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/737.pdf>, Acesso em: 09 jul. 2020.

CECCATO, Vania; HANSSON, Magnus. **Experiences from assessing safety in Vingis park, Vilnius, Lithuania**. Review Of European Studies, Canadá, v. 5, nº 5, p. 01-18, out. 2013. Disponível em: <http://www.ccsenet.org/journal/index.php/res/article/view/31159>. Acesso em: 25 set. 2020.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL. (CAU/BR). **Censo dos arquitetos e urbanistas do Brasil**. Disponível em: [https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Censo\\_CAUBR\\_06\\_2015\\_WEB.pdf](https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Censo_CAUBR_06_2015_WEB.pdf). Acesso em: 28 fev. 2020.

COSTA, Maria das Graças de F. C. **Mulher, relações de gênero e políticas públicas no espaço urbano**. Disponível em: [www.fase.org.br/v2/admin/.../10\\_Graca\\_Costa\\_16.doc](http://www.fase.org.br/v2/admin/.../10_Graca_Costa_16.doc). Acesso em: 16 jan. 2013.

DIDIER, A. **Os métodos projetivos**. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

DYMÉN, Christian; CECCATO, Vânia. An International Perspective of the Gender Dimension in Planning for Urban Safety. In.: CECCATO, Vânia. **The Urban Fabric of Crime 117 and Fear**. London: Springer Science Business Media, 2012. Cap. 13. p. 311-339. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-94-007-4210-9>. Acesso em: 29 set. 2020.

FORAN, Clean. **Como projetar uma cidade para mulheres**. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2013-09-16/how-to-design-a-city-for-women>. Acesso em: 02 de out. 2020.

FREITAS, Ana. **Por que cidades feitas para mulheres são mais igualitárias**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/05/06/Por-que-cidades-feitas-para-mulheres-s%C3%A3o-mais-igualit%C3%A1rias>. Acesso em: 29 de set. 2020.

GEHL, JAN. **Cidade para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GOIKOETXEA, Amaia Albeniz; MENDEZ, Ane Alonso; et al. **Manual de análisis urbano. género y vida cotidiana**. Vitoria-Gasteiz: Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco, 2010.

GUIZZO, Iazana. **Mulheres e o direito à vida**. [Entrevista concedida a] Andrea Dip. Pública, São Paulo, 25 jun. 2018. Disponível em: <https://apublica.org/2018/06/mulheres-e-o-direito-a-cidade/>. Acesso em: 23 fev. 2020.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume: 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. 2018. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101650\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101650_informativo.pdf). Acesso em: 23 fev. 2020.

INDOVINA, F. O Espaço público-tópicos sobre a sua mudança. In.: **Revista Cidades, Comunidades e Territórios**, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), n.5, p.119-123, 2002.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Comunicado do IPEA nº 149**. Trabalho para o mercado e trabalho para casa: persistentes desigualdades e gênero. 2012a. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/120523\\_comunicadoipea0149.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/120523_comunicadoipea0149.pdf). Acesso em: 24 de set. de 2020.

JACOBS, J. **Morte e vida nas grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JEFFERT, C. Ray. **Crime Prevention: Throught Environmental Design**. SAGE Publications, Inc; 1 ed., 1978.

JOÃO NETO. **Mulheres dedicam quase o dobro do tempo dos homens em tarefas domésticas**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012->

agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens- Acesso em: 29 de set. 2020.

JOAQUIM NETO; VIEIRA, Thiago. **A estratégia de prevenção do crime através do desenho urbano.** Disponível em:

<https://rop.emnuvens.com.br/rop/article/viewfile/67/66#:~:text=A%20Preven%C3%A7%C3%A3o%20do%20Crime%20Atrav%C3%A9s%20da%20Arquitetura%20Ambiental%20pode%20ser,assim%20a%20sensa%C3%A7%C3%A3o%20de%20seguran%C3%A7a>. Acesso em: 02 de out. 2020.

LEFEBVRE. Henri. **O espaço, a cidade e o “direto à cidade”.** Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2179-89662020000100349&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2179-89662020000100349&script=sci_arttext). Acesso em: 29 set. 2020.

LISTERBORN, Carina. TRYGG STAD **Diskurseromkvinnorsrådslaiforskning, policyutvecklingochlokalpraktik.** 2002. 323 f. Tese (Doutorado) - Curso de Stadsbyggnad, SektionenFörArkitektur, SektionenFörArkitektur Chalmers TekniskaHögskola, Göteborg, 2002.

MERIN, Gili. **Clássicos da Arquitetura:** Ville Radieuse / Le Corbusier. Disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/787030/classicos-da-arquitetura-ville-radieuse-le-corbusier>. Acesso em: 02 out. 2020.

NARCISO, Carla. 2008. **Espaço público:** ação política e práticas de apropriação. Conceito e procedências. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a02.html>. Acesso em: 29 de set. 2020.

NUNES, Ana; SABINO, Leticia. **Mulheres são as que mais caminham, e as que menos decidem nas cidades.** Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/mulheres-sao-as-que-mais-caminham-e-as-que-menos-decidem-nas-cidades/>. Acesso em: 02 out. 2020.

OLIVEIRA, Leidiane; SANTOS, Silvana. **Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital:** limites, contradições e avanços. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-49802010000100002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802010000100002). Acesso em: 29 de set. 2020.

ONUHABITAT. **As ruas como espaços públicos e impulsionadores da prosperidade humana.** Disponível em: <https://unhabitat.org/streets-as-public-spaces-and-drivers-of-urban-prosperity>. Acesso em: 29 de set. 2020.

ORNAT, Marcio Jose. Sobre Espaço e Gênero, Sexualidade e Geografia Feminista. In.: **Terra Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 309-322, 2008. Disponível em:

[file:///C:/Users/laiss/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/TCC/PESQUISAS/TerrPlural\\_2008\\_b\\_B4.pdf](file:///C:/Users/laiss/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/TCC/PESQUISAS/TerrPlural_2008_b_B4.pdf). Acesso em: 24 set. 2020.

PAIN, Rachel. Place, social relations and the fear of crime: a review. Progress. In.: **Human Geography**, Northumbria, v. 3, n. 24, p. 365-387, 01 set. 2000. Disponível em:

<http://phg.sagepub.com/98ontente/24/3/365.short>. Acesso em: 04 set. 2020.

PAULA, Tainá de. **Mulheres e o direito à vida**. [Entrevista concedida a] Andrea Dip. Pública, São Paulo, 25 jun. 2018. Disponível em: <https://apublica.org/2018/06/mulheres-e-o-direito-a-cidade/>. Acesso em: 23 fev. 2020.

PERNAMBUCO. Secretaria da Mulher. **Das lutas à lei: uma contribuição das mulheres à erradicação da violência**. 1. Recife: Governo do Estado de Pernambuco. 2011.

PESSINI, Isabela. **Cidade: Substantivo Feminino**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, 2016.

PÚBLICA. **Mulheres e o direito à cidade**. 2018. Disponível em: <https://apublica.org/2018/06/mulheres-e-o-direito-a-cidade/>. Acesso em: 23 fev. 2020.

RAU, Macarena. **Prevención de la Delincuencia. Prevención de la Delincuencia Mediante el Diseño Ambiental**, 2003.

RECIFE. **As praças que a gente tem**. As praças que a gente quer. Manual de procedimentos para intervenção em praças. Recife: Prefeitura, Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente, 2002.

ROAZZI, Antônio; MONTEIRO, Circe Maria Gama; RULLO, Giuseppina. Residential satisfaction and place attachment: A cross-cultural investigation. In.: COHEN, Arie (Ed.). **Facet Theory and Scaling: In search of structure in behavioral and social sciences**. Israel.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

SAFFIOTI, H.I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: OLVEIRA, A.; BRUSCINI, C. (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 183-215.

SANTOS, Élide; SIQUEIRA, Lúcia; MARANHÃO, Maria Helena. **Espaços urbanos seguros: recomendações de projetos e gestão comunitária**. Pernambuco: Governo do estado Pernambuco, 2004.

SANTOS, Maria Tereza de Moraes. **A corpografia urbana da mulher: análise da estrutura urbana como influência na violência de gênero no bairro da Praia Grande sob a ótica da Cartografia Social**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual do Maranhão Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Luís, Maranhão, 2015.

SARAIVA, Aléxia. **Arquitetas questionam como cidades podem ser mais inclusivas para mulheres**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/925563/arquitetas-questionam-como-cidades-podem-ser-mais-inclusivas-para-mulheres>. Acesso em: 02 out. 2020.

SEKHAR, Amrita. **Safetipin: capacitando as mulheres a tornar seu mundo mais seguro**. Disponível em: [https://yourstory.com/2014/04/safetipin?utm\\_pageloadtype=scroll](https://yourstory.com/2014/04/safetipin?utm_pageloadtype=scroll). Acesso em: 02 de out. 2020.

SILVA, Joseli Maria. Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino. In.: **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 0, n. 22, p.97-109, dez. 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3515>. Acesso em: 13 nov. 2013.

SILVA, Luise Martins da. **Espaço Público e Cidadania: Usos e manifestações urbanas**. 2009. 168 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SIQUEIRA, Lucia. **Por onde andam as mulheres?** Percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife. 2015. 162 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SOB Constante Ameaça. Direção de Andrea Dip e Guilherme Peters. São Paulo, 2018. Youtube (25 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TIzROTM5-4M>. Acesso em: 02 de out. 2020.

SOLNIT, Rebeca; ZANINI, Maria do Carmo. **História do caminhar**. São Paulo: Martins Editora, 2016.

SOUZA, Maria Julieta Nunes de; COMPANS, Rose. **Espaços Urbanos Seguros**. A temática da segurança no desenho da cidade. Disponível em: <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/view/207>. Acesso em: 02 de out. 2020.

SVAB, Haydée. **Evolução dos padrões de deslocamento por gênero: um estudo da Região Metropolitana de São Paulo**. 2016. 472 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, 2016.

TANSCHHEIT, Paula. **Defensor de cidades mais humanas, Jan Gehl provoca em entrevista: “o que você está esperando, Brasil?”**. Disponível em: <https://wribrasil.org.br/pt/blog/2016/11/defensor-de-cidades-mais-humanas-jan-gehl-provoca-em-entrevista-o-que-voce-esta>. Acesso em: 29 de set. 2020.

TAVARES, Rossana Brandão. **Indiferença à diferença: espaços urbanos de resistência na perspectiva das desigualdades de gênero**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2015.

TAVARES, Rossana. Uma análise das desigualdades de gênero em favelas do rio de janeiro: perspectiva do reconhecimento para o urbanismo. In.: **Cadernos de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 0-1, 2012. Disponível em: <http://app1.mackenzie.br/dhtm/seer/index.php/cpgau>. Acesso em: 24 set. 2020.

VALENTINE, Gill. The Geography of Women's Fear. Blackwell Publishing. In.: **Royal Geographical Society.**, Reading, v. 21, n. 4, p. 385-390, dez., 1989. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20000063>. Acesso em: 25 jun. 2012.

VENAGLIA, Guilherme. **Um aplicativo contra o assédio**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/revista-veja/um-aplicativo-contra-o-assedio/>. Acesso em: 02 out. 2020.

## APÊNDICES

## Apêndice A

### QUESTIONÁRIO GERAL

Oi menina, se você não me conhece, me chamo Laíssa, sou aluna de arquitetura e urbanismo. Mas se você me conhece, já sei que a resposta é sim pro que eu vou te pedir... vim aqui pedir ajuda pro meu tcc, diretamente pra você. Então menina, meu tema é sobre o nosso acesso a cidade, pois não é novidade pra ninguém que sim, nós acessamos a cidade de forma diferente dos homens. Sentimos mais medo, sensações de não pertencimento e desconfiança continua em ruas escuras, vazias, muros altos e quando estamos sozinhas então... Portanto, por meio desse textinho, queria convidar você para me falar o que te incomoda na cidade, além disso você pode desenhar, rabiscar onde e o que te deixa insegura. Você topa?

Como você se chama?

Sua resposta

Quantos anos você tem?

- (     ) 18-21
- (     ) 22-30
- (     ) 30-40
- (     ) +40

Qual trajeto você escolheu para ser avaliado?

- (     ) Anjo da guarda
- (     ) Av. Litorânea
- (     ) Mirante da Lagoa - Lagoa da Jansen
- (     ) Cohafuma
- (     ) Jardim Eldorado
- (     ) Olho D'água
- (     ) Rua da Paz - Centro
- (     ) Rua Oswaldo Cruz - Centro
- (     ) São Cristovão

- ) São Francisco
- ) Universidade Estadual do Maranhão - UEMA
- ) Vinhais
- ) Lagoa da Jansen

Você já sentiu medo ao caminhar pela rua?

- ) Sim                       ) Não

Você evita andar na rua durante a noite ou sente mais medo?

- ) Sim                       ) Não

Você teria algum receio ao caminhar por esse trecho escolhido?

- ) Sim, durante a noite e dia
- ) Apenas durante a noite
- ) Apenas durante o dia
- ) Não

Você já mudou seu trajeto por medo?

- ) Sim                       ) Não

Você já sofreu algum tipo de violência (Importunação sexual, assédio, estupro...) em espaços públicos da cidade (Ruas, praças, parques, praia...)?

- ) Sim                       ) Não

Você já sentiu medo ao passar por uma rua em que houvesse algum homem desconhecido na mesma direção que a sua?

- ) Sim                       ) Não

A iluminação pública influencia no seu medo ao andar na rua?

- ) Sim                       ) Não

Você se sente mais segura em ambientes que tenham:

- ) Mais pessoas do que carros
- ) Mais carros do que pessoas

Você se sentiria mais segura se as ruas que você evita o trajeto tivessem:

- (     ) Escola
- (     ) Supermercado
- (     ) Comércio
- (     ) Restaurante
- (     ) Praças
- (     ) Parques
- (     ) Habitação